







# **TEMPO**

## **HISTÓRIAS DE MESTRES E APRENDIZES**



## **Ficha Técnica**

**Título:** “Tempo – Histórias de Mestres e Aprendizizes”

Editado no âmbito do projeto Method, suportado pelo Programa Erasmus + da União Europeia.

**Obra Coordenada por:** Abraão Costa e Sara Monteiro

**Autores Envolvidos:** Abraão Costa, Angélica Oliveira, Ana Carolina Araújo, Sara Monteiro, Patrícia Ribeiro, Ana Catarina Alves, Fábio Faria, Joana Ribeiro, Luciana Fernandes, Telmo Pinheiro, Mariana Cardoso, Daniela Carneiro, Francisca Mendes, Verónica Santos, Ana Sofia Martins, Rui Oliveira, Sofia Ribeiro, Ana Luísa Costa, Sara Gomes, Sofia Ferreira, João Costa, Catarina Santos, Juliana Silva, Maria Filipa Morais, Isabel Azevedo e Pedro Inocêncio

**Ilustrações de:** Ana Catarina Alves, Catarina Santos, Rafaela Silva, Rui Marques, Íris Silva e Sofia Costa

### **Propriedade de:**

Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais

Plataforma de Ação Socioeducativa e Cultural

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB, Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone – 00351 917 380 178

Sítio na internet – [www.pasec.pt](http://www.pasec.pt)

Email – [pasec.geral@gmail.com](mailto:pasec.geral@gmail.com) – [geral@pasec.pt](mailto:geral@pasec.pt)

**maio de 2019**

**Impressão na Oficina de São José de Braga**



## ÍNDICE

---

---

<b>METHOD – A RAZÃO DE SER.....</b>	<b>10</b>
<b>SIMBOLOGIA GRUPAL.....</b>	<b>12</b>
A SIMBOLOGIA GRUPAL COMO PEDAGOGIA PARTICIPATIVA .....	12
AS 4 FASES DA METODOLOGIA .....	12
O PAPEL DO MENTOR/ANIMADOR E TUTORES DE PARES.....	14
UM MÉTODO INOVADOR.....	14
SIMBOLOGIA GRUPAL, AS BASES DO MÉTODO.....	15
<b>PRIMEIRO MOMENTO - ABORDAGEM CENTRADA NO CONTEXTO (FASE TERRA E FASE ÁGUA).....</b>	<b>16</b>
<b>SEGUNDO MOMENTO – A REFLEXÃO SIMBÓLICA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO (FASE AR) .....</b>	<b>18</b>
<b>TERCEIRO MOMENTO – O CAMINHO SIMBÓLICO (FASE FOGO) .....</b>	<b>21</b>
<b>I - REFLEXÕES DE TEMPOS PERDIDOS.....</b>	<b>22</b>
ESCOLHER COMEÇAR.....	22
CUIDAR DAS RAÍZES .....	25
CADERNO DE ENCARGOS.....	28
TODOS DIFERENTES, TODOS IGUAIS.....	32
<b>II - LIÇÕES DE UM TEMPO SEM TEMPO.....</b>	<b>33</b>
EU, O DESAFIO .....	33
TASUKE O MOTOMERU.....	34
FILTROS QUEBRADOS .....	35
QUAL É O TEU CÁLCULO? .....	36
A CURIOSIDADE É O RISCO .....	37
O MOMENTO PERFEITO .....	40
<b>III - HISTÓRIAS DO BAIRRO .....</b>	<b>41</b>
VOLTAS E VOLTAS .....	42
CASA.....	44
O ESPELHO DA MINHA ALMA .....	46
VOLTAR A CASA .....	47
JULGAR O LIVRO PELA SUA CAPA.....	48



<b>IV - DIÁRIOS DA REDENÇÃO.....</b>	<b>49</b>
OS ENSINAMENTOS DO DRAGÃO DE ÁGUA.....	49
O PODER DE MUDAR O MUNDO.....	50
A LENDA DA CABANA ABANDONADA.....	51
QUAL O MEU PLANO DE VIDA? .....	53
DE VOLTA AO CAMINHO.....	55
<b>V - VIAGENS EM MILÉNIA .....</b>	<b>57</b>
<b>YBER.....</b>	<b>57</b>
VOLTAR NO TEMPO .....	57
MUNDO DA LUA .....	58
CORRENTES DO AMOR .....	59
<b>MAR.....</b>	<b>60</b>
O PODER DOS AMULETOS .....	60
AS INTENÇÕES ESCONDIDAS.....	61
<b>MASO .....</b>	<b>62</b>
QUESTIONAR.....	62
NÃO PARALISAR.....	63
VOLTAR ATRÁS NO TEMPO .....	64
<b>RUÍZ .....</b>	<b>65</b>
É TEMPO DE VIVER .....	65
RECARREGAR PARA O QUE SE SEGUE.....	66
<b>ELMUS .....</b>	<b>67</b>
AS PEQUENAS COISAS.....	67
O MESTRE.....	68
O DESAFIO .....	69
<b>JADE .....</b>	<b>70</b>
O SILÊNCIO É O CAMINHO.....	70
MAGIA .....	71
<b>CASSIOPEIA .....</b>	<b>72</b>
ADMITIR.....	72
<b>WHITE.....</b>	<b>73</b>
A BATALHA .....	73
<b>SURIA .....</b>	<b>74</b>
SILÊNCIO INTERIOR.....	74
<b>ZAKI .....</b>	<b>75</b>
EXISTEM DIAS ONDE REALMENTE TUDO MUDA .....	75



<b>TÁRTARUS.....</b>	<b>78</b>
TESOUROS ESCONDIDOS .....	78
OS PROPÓSITOS .....	80
MOMENTO CHI .....	81
A MAGIA.....	83
O QUE VEMOS E O QUE SENTIMOS.....	86
<b>ARLÍN .....</b>	<b>88</b>
SER QUEM SOMOS.....	88
OS QUATRO ELEMENTOS.....	89
<b>SOFERA.....</b>	<b>90</b>
USAR E SER USADO.....	90
O TUDO OU O NADA? .....	91
SACRIFÍCIO.....	92
CLAREZA .....	93
A IMPORTÂNCIA DO CAMINHO.....	94
<b>DANYRYS.....</b>	<b>95</b>
O BLOQUEIO .....	95
A SIMPLICIDADE PREENCHE .....	97
LIBERTAR O PODER QUE É MEU, AO SER DOS OUTROS .....	98
<b>SEANOCH.....</b>	<b>99</b>
ALMA.....	99
A FORÇA QUE SOMOS .....	100
A ILHA.....	101
<b>LYN.....</b>	<b>102</b>
REGRESSO A ILHA GORGE.....	102
A MAGIA EM MIM .....	103
O ACASO FAZ A OCASIÃO .....	104
<b>TORTUGA.....</b>	<b>105</b>
APRENDER A QUESTIONAR.....	105
<b>VI - DIÁRIOS DO DRAGÃO DE FOGO .....</b>	<b>110</b>
<b>JERUSÁLEM .....</b>	<b>110</b>
OS DIAS DO SACRIFÍCIO.....	110
OS DIAS DA FÉ.....	111
OS SENTIDOS DA DIFERENÇA.....	112
A MINHA IRMÃ E O SONHO KIBBUTZ.....	113
OS DIAS DO HORIZONTE E DO SILÊNCIO.....	114



O DIA DA LENDA DO CAVALEIRO.....	115
<b>POR TERRAS DE ATROS.....</b>	<b>117</b>
A CERTEZA DA ETAPA SEGUINTE (PARTE I).....	117
A LEI DO EQUILÍBRIO CELESTE (PARTE II).....	119
O DESAFIO DA MISERICÓRDIA (PARTE III).....	121
O COVIL DO LEVIATÃ (PARTE IV).....	123
O GUERREIRO CAVALHEIRO (PARTE V).....	125
O NÍVEL SEGUINTE DO NOSSO COSMOS... (PARTE VI).....	127
O DIA EM QUE DESCOBRI O "SAABER" .....	129
<b>DIÁRIOS DAS FLORES .....</b>	<b>131</b>
NO SILÊNCIO DO LIMBO.....	131
NA PENUMBRA DA BRUMA.....	132
O JARDIM DOS ETERNOS .....	133
O PODER DO VORTEX MILENAR.....	134
<b>VII - A HISTÓRIA DE UM GRUPO .....</b>	<b>135</b>
ERA UMA VEZ.....	135
SOPH .....	136
TRICE.....	137
DORYANA.....	137
AVE .....	138
DANYA.....	138
MAIA .....	139
MARTH.....	140
MATHILDA .....	141
RACHEL.....	141
TAIANA .....	141
<b>VIII - DIÁRIOS DE ÁFRICA.....</b>	<b>142</b>
QUANDO PERMITES QUE A DIFERENÇA FAÇA A MAGIA.....	142
O ÚLTIMO PASSO ANTES DO COMPROMISSO.....	143
QUANDO TE VEZ AO ESPELHO PELA PRIMEIRA VEZ.....	145
POR TERRAS INDÍGENAS.....	146
O LEGADO .....	147
O CAMINHO PARA O TETO DE ÁFRICA.....	148
ASSUMIR A PROVA.....	149
SER EU.....	150





DIÁRIOS DO SERENGETI - A ABUNDÂNCIA DUVIDOSA (PARTE I).....	151
PERCEBER A ORIGEM DO NOSSO TEMPO (PARTE II).....	153
HAKUNA MATATA (PARTE III).....	155
O DIA DO RINOCERONTE BRANCO (PARTE IV).....	156
A HORA DO KILIMANJARO (PARTE V).....	158
O REGRESSO E O ENCONTRO COM OS ELEFANTES NEGROS (PARTE VI).....	160



## METHOD – A RAZÃO DE SER

---

A escola de massas, onde um professor ensina ao mesmo tempo e no mesmo lugar dezenas de alunos, nasceu com a revolução industrial, mas chegou ao século XXI. Em dois séculos, mudaram os estudantes, mudou a sociedade e mudou o mercado de trabalho. Quando mudará a escola?

Está estudado e validado que um jovem, em média, nas tarefas que realiza no dia-a-dia, apenas utiliza 15% a 20% da informação e conteúdos que aprendeu na escola. Os outros 80% a 85% são fruto das interações com os seus pares, com o seu meio e com a sociedade.

São dezenas os estudos que também validam que os jovens que mais se realizam a nível profissional, familiar e social são aqueles que partilharam o percurso académico com atividades extracurriculares, estiveram envolvidos no movimento associativo, puderam em algum momento ter oportunidades de mobilidade ou estiveram envolvidos em projetos de voluntariado.

O atual sistema de ensino baseado no método expositivo e no método experimental simulado afastado dos contextos reais está ultrapassado e é incapaz de preparar, integrar e potenciar jovens que apresentam o quadro de exclusão que retratamos.

É assim que o Method pretende a partir dos atuais modelos de inclusão inteligente e capacitação propor um novo modelo de formação assente na Educação Não Formal, na Pedagogia Participativa e na Educação de Pares (também denominada Tutoria de Pares) inspirado na Simbologia Grupal.

A Simbologia Grupal, também denominada Pedagogia Participativa Simbólica, é o modelo de formação e ação utilizado pela PASEC nos últimos 15 anos. Através deste projeto, foi testada ao longo de 24 meses nos mais variados contextos de formação e ação. Este livro pretende dar visibilidade a todo o trabalho pedagógico desencadeado pelo Projeto Method e oferecer ao mesmo tempo ferramentas de reflexão e animação para que outros agentes educativos possam integrar o método nas suas práticas.

O modelo que iremos propor está claramente orientado para o processo pedagógico, permitindo a sua aplicação no imediato, sem que sejam necessárias alterações de carácter administrativo, formal ou legislativo no seio das escolas ou



legislação existente. Com grupos de pares, a sua aplicação é natural e adaptável à fase em que o grupo já estiver.

Projeto apoiado pelo Programa Erasmus + - Juventude em Ação, o Method assume de uma forma clara aquelas que são as principais preocupações da União Europeia com a Juventude como prioridades centrais do projeto: o combate ao desemprego juvenil e exclusão social; a promoção do Empreendedorismo e Inovação como resposta para os jovens com menos oportunidades; combate a fenómenos como a segregação, discriminação e racismo.

Neste livro encontrarão centenas de textos de reflexão e histórias escritas pelos jovens e agentes educativos protagonistas deste projeto que pretendem ser histórias e reflexões para: facilitar reflexões no seio de grupos juvenis; serem usadas enquanto instrumentos de reflexão pessoal; desenhar ou dar forma a peças de teatro ou jogos dramáticos; servir como ponto de partida para reflexões no seio de todo o tipo de ações de formação para agentes educativos; servir como instrumento de autoconhecimento; ler como um livro de histórias épicas com base em experiências reais.



## SIMBOLOGIA GRUPAL

---

### A SIMBOLOGIA GRUPAL COMO PEDAGOGIA PARTICIPATIVA

A Simbologia Grupal, também denominada Pedagogia Participativa Simbólica, assenta nas sinergias entre a Educação Formal e Educação Não Formal, com a Pedagogia Participativa e Educação de Pares como pano de fundo, complementada por atividades de mobilidade, projetos de associativismo juvenil e voluntariado e em constante interação com o meio e com a comunidade.

Chama-se Pedagogia Participativa Simbólica porque o ponto de partida do modelo assenta num processo de aprendizagem partilhada (em que os jovens aprendizes são ao mesmo tempo tutores/atores de processos de aprendizagem) que interliga a educação formal e a não formal em processos pedagógicos significativos assentes nas vivências mais simbólicas e representativas do quotidiano dos jovens alvo do projeto.

Por outro lado, a Simbologia Grupal, dividida em etapas de intervenção, organiza-se nas suas quatro fases a partir dos 4 elementos base da Simbologia: Terra; Água; Ar e Fogo.

### AS 4 FASES DA METODOLOGIA

**1ª Fase - Terra - Fase da Contaminação** – Nesta primeira fase o grupo alvo é levado a descobrir, perceber e diagnosticar o que os “contamina” positiva e negativamente, permitindo perceber as prioridades de intervenção a traçar tendo em conta o perfil do grupo e tendo por base a sua análise de necessidades e potencialidades. A definição como fase Terra assenta no princípio de que numa primeira fase devemos atuar junto à “raiz” do problema/situação, nas “camadas de terra” que mais influenciam a progressão positiva ou negativa do objeto sobre o qual estamos a atuar.

**2ª Fase - Água - Fase dos Poderes** – Nesta segunda fase o grupo alvo procura perceber os seus talentos, o quadro de competências que congrega, onde as mesmas estão a ser aplicadas, a utilidade e impacto das mesmas e que competências e “poderes” importa adquirir e potenciar. A definição como fase Água assenta no princípio de que temos todos um conjunto de poderes que usamos de forma positiva



e negativa e que alguns deles são visíveis a todos nós e estão à “tona da água” e outros se encontram escondidos e “submersos” à procura de serem desvendados ou ativados.

**3ª Fase - Ar - Fase do Redirecionamento dos Poderes** – Tendo já um diagnóstico das prioridades de intervenção e o quadro de competências global do grupo, este é envolvido num conjunto de dinâmicas grupais estabelecidas e determinadas pelo próprio que lhe permitirá: reorganizar o seu modo de funcionamento; procurar a capacitação ao nível das competências que mais falta fazem aos elementos do grupo; redesenhar o projeto de vida individual de cada elemento do grupo tendo por base a ação grupal concertada e ao mesmo tempo permitirá ao grupo medir o real impacto do mesmo na comunidade educativa, na comunidade envolvente e na vida de cada um dos elementos que compõem o grupo. A definição como fase Ar assenta no princípio de que todos, tendo consciência do que os contamina e dos poderes (competências) que dominam, tornam-se mais eficientes e eficazes na sua ação e processo de aprendizagem. Assim, são nesta fase, mais capazes de libertar o “espaço” necessário que lhes permita, saindo da sua zona de conforto, adquirir as aprendizagens que estão em falta, preenchendo os “vazios” que alimentavam e povoavam muitas das suas tensões do dia-a-dia. Na fase Ar deverão ser capazes de “elevar” os seus níveis de consciência sobre si próprios e do seu raio de ação e competências junto do grupo e do meio.

**4ª Fase - Fogo - Fase do Compromisso** – O grupo determina um plano de ação concreto com base nas três fases anteriores perante a aprendizagem, situação ou problema que estão a trabalhar. Este plano de ação é executado de forma integrada, em concertação com o projeto educativo e pedagógico da escola/instituição/organização em que estão integrados, tendo por base o quadro de competências do grupo e os objetivos que o mesmo foi capaz de projetar. O processo embora sempre grupal, partilhado e participado, assume, nesta fase, um caráter mais individual assente num compromisso em que para além das metas que o grupo determina como um todo, cada individuo estabelece sobre si mesmo. A definição como Fase Fogo assenta no princípio de que nesta fase o grupo foi capaz de se “iluminar”, perceber que metas pretende atingir, sendo capaz ao mesmo tempo de monitorizar as mesmas. A fase Fogo assenta também na ideia do “fogo interior” que nos leva à construção uma “sabedoria maior”.



## **O PAPEL DO MENTOR/ANIMADOR E TUTORES DE PARES**

Estas quatro fases assentam nos modelos de trabalho cooperativo e partilhado em estruturas grupais de modo a facilitar a assimilação das aprendizagens e tornando mais significativas e impactantes as experiências que as mesmas pretendem proporcionar. Para além dos mentores temos também a figura do Tutor de Pares, em que os membros do próprio grupo, ou jovens com especiais competências de mediação e liderança dentro da mesma faixa etária dos jovens alvo, se assumem como facilitadores dos processos de ação, aprendizagem, planificação ou resolução de acordo com as áreas de interesse ou matérias que mais dominam ou para as quais manifestam mais interesse. Ou seja, um jovem pode ser tutor de pares numa determinada situação para qual revela especial inclinação e não o ser no processo seguinte porque, entretanto, outro revelou mais condições para o ser.

O Mentor/Animador é o agente educativo que mediará e dinamizará o processo pedagógico de aprendizagem partilhada a implementar.

Voltando aos Tutores de Pares, estes são jovens com perfil de liderança e mediação que servem de facilitadores do processo pedagógico de inclusão e capacitação. Normalmente são jovens com especiais competências ao nível da comunicação, gestão de conflitos e ao nível da concertação e gestão de dinâmicas grupais.

## **UM MÉTODO INOVADOR**

A Simbologia Grupal vista como um método de formação e ação grupal pode ser encarada em inúmeras perspetivas, assimilada de acordo com o contexto em questão ou até mesmo olhada apenas como uma hipótese.

A visão que passamos a partilhar não passa disso mesmo, uma visão, uma proposta de trabalho com base nas nossas experiências e trabalho de campo. Como todas as propostas de trabalho tem potencialidades e debilidades inerentes ao próprio contexto em que possa vir a ser aplicada.

A Simbologia Grupal investe claramente em dinâmicas de grupo e técnicas de introspeção, partindo dos métodos participativos e ativos próprios da Pedagogia Participativa. Deve ser entendida como um processo que se estende no tempo enquanto método orientado, focalizado e adaptado ao grupo. Visa promover três



vetores fundamentais da vida em grupo: a promoção de lideranças democráticas; a materialização de uma organização grupal com uma real distribuição de papéis por todos os elementos constituintes; as tomadas de decisão.

A Simbologia Grupal é um processo grupal, mas assume de forma clara uma dimensão individual de autodescoberta e investigação. O indivíduo não acompanha um processo, ele constrói o seu próprio processo, integrado no processo grupal. Procura perceber o seu potencial, as suas características inatas e adquiridas partindo da sua história de vida e das experiências que mais o marcaram.

Não tendo um esquema definitivo, o método de Simbologia Grupal é já em si flexível e dinâmico, adaptando-se às exigências e potencialidades do grupo alvo, sempre alicerçado nos valores da liberdade, solidariedade, democracia, procurando cimentar o compromisso do indivíduo com o seu grupo.

### **SIMBOLOGIA GRUPAL, AS BASES DO MÉTODO**

Partindo do modelo de animação promotor do protagonismo juvenil preconizado pela PASEC e as 4 fases do método, importa agora perceber as bases do mesmo e o papel que o Animador desempenha ao longo dos vários momentos. De qualquer forma importa perceber que na elaboração desta proposta tivemos em conta algumas premissas que nos parecem essenciais:

- Que fosse um modelo simples, capaz de ser entendido e analisado por qualquer Animador, independentemente da sua formação de base ou académica;
- Que o modelo de intervenção fosse flexível, capaz de se enquadrar nos mais diversos contextos, mas sem perder a sua raiz identitária (partir das potencialidades dos sujeitos, enquanto indivíduos e enquanto grupo);
- Que não tivesse uma escala de tempo definida, respeitando o ritmo do grupo em questão, tendo por base processos participados e democraticamente orientados;
- Que colocasse no centro os elementos do grupo como atores construtores do seu próprio processo de produção e construção de saber;
- Que se baseasse nas características particulares e únicas de cada grupo privilegiando três vetores fundamentais: a construção da identidade do grupo, a coesão grupal e o processo de tomadas de decisão grupal orientado para a ação;
- Que privilegiasse as vivências e experiências dos elementos da equipa.



## **PRIMEIRO MOMENTO - ABORDAGEM CENTRADA NO CONTEXTO (FASE TERRA E FASE ÁGUA)**

---

Os processos de interação grupal têm por base as relações que se estabelecem no seio do grupo. São elas que condicionam, potenciam e redimensionam a participação e a ação de um grupo.

Sendo estas bases relacionais o principal sustentáculo da estrutura grupal, mais do que compreendê-las e aceitá-las, o Animador deve fazer parte delas. Ele não só está com o grupo, como é parte integrante do mesmo.

Nesta primeira fase – abordagem centrada no contexto – o Animador procura enquadrar-se e integrar-se na estrutura grupal, respeitando o percurso da própria equipa, sem estabelecer condições ou pré-requisitos. Mas há um problema. Como é que o fazemos?

Para esta fase não há receitas, técnicas milagrosas. Propomos, antes, uma atitude de predisposição por parte do “Animador pessoa” para estar, ouvir, tentar aprender o que o grupo tem para dar, “sendo mais um no seio do todo”.

O Animador não espera pelo grupo, antecipa-se a este, vai ao seu encontro, procura perceber a “vida em grupo” em todas as suas dimensões. Ele faz uma abordagem centrada no contexto, nas suas especificidades, assumindo uma atitude de Observador Participante.

É importante que o Animador compreenda como é determinante esta fase. Sem bases sólidas do ponto de vista relacional, as concretizações futuras serão, no mínimo, obtusas. Não há uma escala de tempo que possamos determinar para esta fase, existem, antes, ritmos que o próprio grupo gere de forma natural e que o Animador absorve e assimila como seus.

Com uma base relacional consolidada, tendo por base o percurso do grupo, o Animador começa a situar a sua área de influência, tendo agora dados para proceder ao seu primeiro diagnóstico e assim evoluir da função de Observador para Ator.

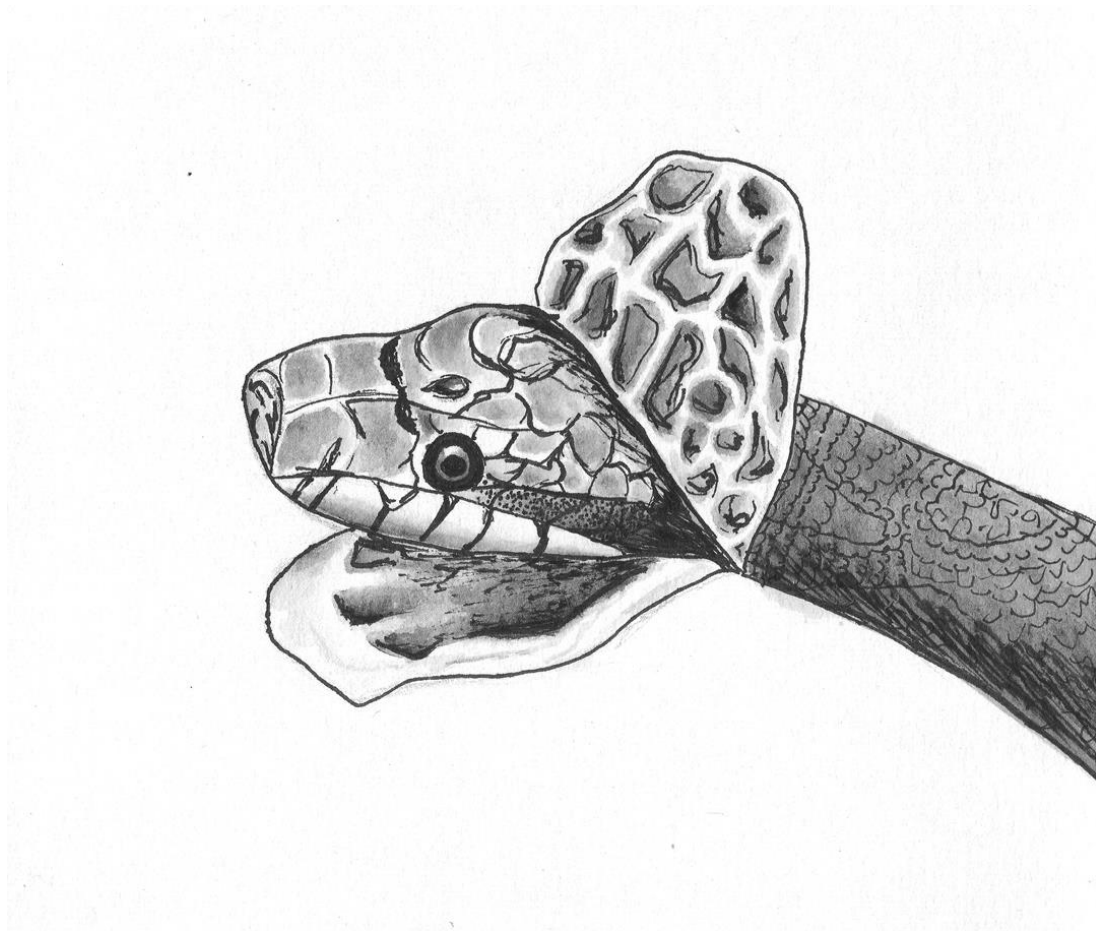
Esta função de Ator deve ser entendida pelo Animador como o momento em que o grupo o reconhece como um membro do próprio grupo, atribuindo-lhe um papel. É o grupo, os seus elementos, quem validam e reconhecem o Animador como parte do contexto e lhe dão a oportunidade de poder intervir perante o mesmo, nunca o contrário.





Nesta fase, o Animador dá particular incidência ao aprofundamento das relações com as lideranças naturais da estrutura grupal, por serem estes os primeiros protagonistas das redes de comunicação interna do grupo. Num processo de abertura do grupo ao exterior, os líderes são os principais facilitadores de uma dinâmica de abertura e expansão do contexto endógeno em relação ao contexto exógeno.

Numa etapa mais avançada, embora ainda inserida neste primeiro momento, o Animador procurará que o grupo, a partir de um processo autorreflexivo, alimente e aprofunde a sua matriz identitária, de modo a potenciar futuros planos de ação.



## SEGUNDO MOMENTO – A REFLEXÃO SIMBÓLICA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO (FASE AR)

---

Integrado no seio da estrutura grupal, o Animador procura agora que o grupo expanda o seu campo de ação e desenvolva hábitos de reflexão e intervenção conscientes recorrendo a elementos simbólicos.

O Animador procurará desencadear, numa primeira fase, um processo de reflexão simbólica interna que visa reforçar a identidade do grupo, melhorar os canais de comunicação internos, intensificar as relações e desenvolver a organização grupal. Entre outros momentos que, de forma natural, possam surgir, o Animador propõe três momentos:

- Momentos de introspeção particulares ou em grupo que permitam a cada um perceber em que símbolos se reconhece. Os símbolos podem ser cores, animais, elementos naturais, astros, ícones. Não importa o alinhamento do símbolo, importa que cada um se consiga rever nas qualidades, defeitos e características do símbolo que identifica como sendo o que mais se aproxima da sua personalidade. Este tipo de momentos incluem um diagnóstico prévio por parte de cada elemento do grupo (com ou sem suporte do animador) partindo de investigações pessoais, conversas com pessoas com quem se identifica, leituras variadas, visionamento de filmes, etc. Cada um deve procurar perceber o símbolo que mais o define aprofundando-o e refletindo-o através de suportes sólidos, com base num processo de investigação coerente e autêntico. Esta investigação, nesta fase, não deve incluir elementos do grupo. Depois deste processo inicial o Animador alimentará a procura do símbolo com momentos de introspeção recorrendo a técnicas como o Deserto (reflexão pessoal a partir de perguntas chave ou guião pré-determinado em local adequado, de preferência em meio natural apelativo e silencioso), a Meditação com o suporte de melodias apropriadas, Jogos de Orientação que possam ser executados solitariamente, entre outros. De acrescentar que neste, como em todos os outros momentos, não existe uma escala temporal predefinida. O ritmo de cada um deve ser respeitado.
- Momento de Recolhimento Grupal em que cada um, consciente da sua orientação simbólica pessoal, partilha com o grupo a sua opção e as motivações e justificações da mesma. Neste momento, recorrendo a dinâmicas de grupo orientadas pelo animador, cada um partilha todo o caminho que percorreu até escolher o símbolo,



as dúvidas que sentiu, as várias fases por que passou, os sentimentos por detrás da escolha. Ver-se-á, entretanto, confrontado com a opinião dos restantes elementos do grupo, as concordâncias e discordâncias face à sua escolha.

- Momento de Interpretação Simbólica é uma fase que passa sobretudo pelo trabalho de esclarecimento do Animador perante os elementos do grupo acerca de cada um dos símbolos propostos. Ele procurará todos os tipos de suporte que lhe permitam ter uma visão mais global aprofundada do símbolo que cada um escolheu, a qual partilhará com o grupo dando a cada um, uma perspectiva “menos apaixonada” sobre as opções simbólicas que tomaram. Este momento visa estabelecer um equilíbrio entre a visão “sentida” e as características reais do símbolo em questão, para que a perspectiva que cada um assume em relação ao símbolo escolhido seja a mais harmoniosa possível de acordo com as características da personalidade de cada um.

Sugerimos que estes dois últimos momentos que propomos sejam realizados em contexto externo ao ambiente natural do grupo, sobretudo através de atividades como acampamentos, acantonamentos ou campos de formação realizados apenas com elementos do grupo. É importante que estes sejam momentos de comunhão íntima do grupo, preservando-o ao máximo face às influências exteriores.

Estes três momentos que propomos podem ser complementados por outros, mas eles servem sobretudo para que cada um, no seio do grupo, tome consciência do seu processo de tomada de decisão pessoal e de que forma o grupo pode ter influência neste processo. Mais do que um processo de construção de identidade pessoal e grupal, este é um processo que visa clarificar as potencialidades, debilidades e dons pessoais e de que forma é que estes se podem ver refletidos na ação real do dia-a-dia, fortalecendo e aclarando o papel social de cada um.

Um aspeto relevante a ter em conta é o facto de alguns dos elementos do grupo poderem não acompanhar este processo. Tendo em conta que este é um processo reflexivo livre e sem ritmos predefinidos, devem ser respeitados todos os elementos do grupo que, por um motivo ou por outro, não aderem ao processo ou se limitam a uma observação participante.

Durante esta fase o grupo continua a trabalhar e aprofundar a sua dimensão simbólica global traduzida no nome do grupo, regras internas, organização estrutural,



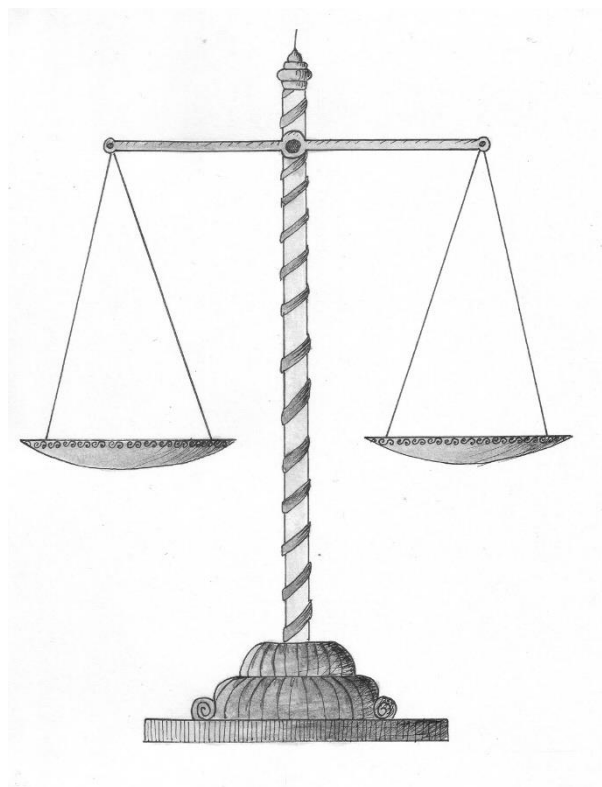
bandeira, música, entre outras. A Simbologia não se limita à vivência simbólica de cada um dos seus elementos.

É fundamental ter presente que o processo de aprendizagem e maturação do grupo na tomada de consciência em relação às suas próprias potencialidades e qualidades é natural, devendo ser genuíno e validado pelos próprios elementos da equipa.

Já com o processo de construção simbólica pessoal e grupal mais amadurecido é a altura de o grupo passar para a ação concreta no terreno, junto do seu meio e comunidade. Sendo assim, deixando o grupo partir dos seus próprios interesses, o Animador deve levar os elementos do grupo a proporem o seu próprio plano de ação com base em todas as reflexões simbólicas elaboradas. Neste sentido, ele tem em conta duas premissas essenciais colocadas sob a forma de questões:

- a) O plano de ação proposto valoriza o papel particular de cada indivíduo, tendo em conta o contributo que um determinado elemento pode e pretende dar para a ação no concreto?
- b) Respeita, no essencial, as decisões do grupo por muito estranhas e desenquadradas que possam ser?

O Animador tem presente que o seu objetivo último, nesta fase, é deixar que sejam os próprios elementos do grupo a perceber o alcance das suas potencialidades, decisões e ações, sejam elas atuações individuais ou em equipa. Assim, o grupo dá corpo à sua identidade propondo o seu plano de ação.



### TERCEIRO MOMENTO - O CAMINHO SIMBÓLICO (FASE FOGO)

---

O Caminho Simbólico, mais que um momento, personifica a “junção metamórfica” de todos os outros momentos anteriores com base no plano de ação traçado pelo grupo. O Caminho Simbólico é tudo e nada, é o que o grupo quiser, o que o grupo fizer dele.

Quando o grupo já se encontra em processo de maturação e afirmação da sua identidade, a Simbologia Grupal e os instrumentos reflexivos gerados a partir desta são apenas parte do alimento de regeneração permanente da motivação de estar e viver em grupo. A escolha dos temas, instrumentos e dinâmicas que alimentam essa reflexão são nesta fase uma responsabilidade partilhada por todos. Nesta fase assistimos às ações concretas traduzidas em projetos que valorizam o papel do grupo na sua comunidade.

Entretanto, parte dos elementos do grupo sentem-se desafiados a assumir outros níveis de protagonismo. De forma natural pretendem evoluir de “Aprendizes a Mestres”. Nesta fase os jovens aprendizes devem, para além do seu grupo natural, ter o acompanhamento e treino de um Mestre (Animador) mais experiente que lhes permita contruir bases sólidas para se assumirem como atores principais nos contextos em que querem ser protagonistas.

Neste livro encontrarão centenas de textos de reflexão e histórias escritas por estes Mestres e Aprendizes que pretendem ser histórias e reflexões para: facilitar reflexões no seio de grupos juvenis; serem usadas enquanto instrumentos de reflexão pessoal; desenhar ou dar forma a peças de teatro ou jogos dramáticos; servir como ponto de partida para reflexões no seio de todo o tipo de ações de formação para agentes educativos; servir como instrumento de autoconhecimento; ler como um livro de histórias épicas com base em experiências reais.

Para aqueles que pretendem dar forma ao seu Caminho Simbólico, este livro é a forma de ajudar a essa viagem.



## I - REFLEXÕES DE TEMPOS PERDIDOS

---

### ESCOLHER COMEÇAR

#### I

Chegando à ilha de *Elements*, percebo que por muito que haja um plano, facilmente este pode ser alterado, mas a verdade é que o que conta são as pessoas que fazem a viagem connosco.

Vim para *Elements* com o objetivo de explorar, questionar o que era e perceber os meus sentimentos e emoções...

Questiono-me como serei como pessoa, o que ainda me falta fazer, o que poderei mudar ou recriar, mas percebi facilmente que existe uma série de coisas que quero e posso melhorar.

Escolhi o que quero fazer e agora escolho torna-lo real, criando a minha *primeira* ideia para conceber uma atividade ou um projeto. Para isso precisarei de alinhar a minha *primeira* lista de tarefas para pesquisa e investigação.

***Sim, a palavra “primeira” foi repetida pois nunca fui capaz de derrotar a preguiça, agora escolho vencê-la nos contextos e momentos que mais gosto.***

Escolho que as minhas contaminações negativas não prevaleçam acima das contaminações positivas. Escolho agora aproveitar a ilha de *Elements* com todos os meus companheiros que me irão fazer sentir em casa diariamente.

#### II

Mais um dia na ilha de *Elements* e não sei explicar o que senti. Tentei recuar milhares de anos atrás e perceber como tudo começou nos sítios que visitei. Agora que o dia terminou e penso nele, vejo que no mundo em que vivemos tudo é feito com intenções, mas será isso uma coisa má?

Continuo a pensar no meu caderno de encargos pois foi esse que me trouxe à ilha de *Elements*. Estarei eu a retirar de todos os sítios que visito, de tudo aquilo que faço o maior proveito para conseguir viver o momento? Como já disse, não sei bem o que sentir do dia de hoje, mas quero contar parte do que sei que senti...



Hoje mergulhei nas profundezas de *Elements* e avistei 9 guerreiros que queriam estar ali tanto como eu. Seria por a água ser límpida? - Não! Claro que não! Eu e estes 9 guerreiros apenas queríamos estar uns com os outros e sentir que somos um só exército.

Em conjunto percebemos onde cada um dos guerreiros estava. Em conjunto percebemos que estando juntos tudo se torna mais fácil.

Percebi que estou a procurar garantir o bem-estar dos outros, mas juntamente a isso estou a garantir o meu próprio bem-estar.

Que estaremos nós a fazer em *Elements* se todos os ensinamentos que retirarmos ficarem apenas connosco? Afinal ***“sou o que sou em virtude do que todos somos”***.

### III

A viagem de *Elements* torna-se cada dia mais surpreendente e emotiva. Num dos momentos de redenção senti a dor da guerreira Philips que me acompanhava continuamente. Neste dia em particular ela perdeu-se no seu próprio abismo.

Não sei ao certo o que senti, mas sei que me doeu cada segundo da sua dor, até, finalmente, ela se conseguir libertar. Aqui entrei numa outra viagem, uma viagem de sentimentos e pensamentos estranhos.

Sei dizer que inexplicavelmente esta guerreira é quem mais se aproxima daquilo que eu entendo que poderá ser a minha *alma gémea simbólica*. Surge a questão: Mas afinal o que é isso da alma gémea simbólica?

Para mim alma gémea simbólica é algo difícil de explicar. Por isso, sente-se.

Sinto que esta guerreira me completa e que as palavras partilhadas são pouco necessárias para haver sintonia e compreensão entre nós. Este sentimento cresce cada vez mais. Com Philips tudo fica simplificado. Tudo o que para mim é difícil, com ela torna-se fácil. Com Philips sinto-me segura, sinto que é alguém que tem gosto em me proteger.

No fundo sinto que posso ser sincera sobre todos os meus sentimentos. Dizer que sinto a falta e que gosto imenso dela é algo natural e para mim isto não acontece com muita frequência. No fundo é dizer que ***“um dia vi-te e percebi que era eu”***.



#### IV

Já passou algum tempo e a viagem a *Elements* está para terminar. Surgem novas questões. Afinal que sentido tem estarmos numa jornada nesta magnífica ilha se depois não pudermos pôr em prática tudo o que aprendemos? Depois de percebermos e criarmos o nosso caderno de encargos surge algo que nos leva a pensar nos poderes já adquiridos e a treiná-los.

O mestre questionou-me: “- Estarias disposta a morrer pelo quê?”

Ao que respondi rapidamente: “- Estaria disposta a morrer por todos os guerreiros aqui presentes! Se algo lhes estivesse a acontecer diante os meus olhos era inevitável pois trocava a minha vida pela deles sem pensar duas vezes.”

Surge então uma outra questão: - “O que te transformou e aplicas na tua missão com os outros?”

Sem pensar muito respondi: - “À quatro épocas anuais atrás houve a derradeira mudança. Um círculo negro de acontecimentos levaram-me à prisão da minha alma. Foi nesta prisão que conheci a guerreira que sou.”

Então, o mestre voltou a questionar: - “De que tens medo? Afetará esse medo a tua coragem?”

A minha resposta foi imediata: “- O meu medo é perder quem gosto e ficar sozinha!”. Soltei um sorriso e continuei: “- Mas o meu medo não afeta em nada a minha coragem, antes pelo contrário, sem ele não vivia cada momento com a intensidade que vivo.”

Depois de toda esta interpelação, voltei então a questionar-me: - “***Que sentido faz a minha jornada sem que o mundo à minha volta possa usufruir dos meus novos poderes?***” Esta pergunta deu origem a outra: “- Estarei eu pronta a cumprir o meu caderno de encargos e transmitir o que aprendi a outros guerreiros?”

A minha resposta é: “- SIM.”

*Angélica Oliveira*





## CUIDAR DAS RAÍZES

### I

Há viagens que se tornam inesquecíveis pelo quão inexplicáveis conseguem ser a todos os níveis. Iniciei uma viagem para o mundo de *Eros*, onde, com os meus companheiros de batalha, vivi vários desafios propostos pelo meu Mestre.

Vou falar-vos da minha experiência pessoal. No dia de hoje tivemos de plantar uma árvore, mas não da forma normal. Não abrimos um buraco e simplesmente colocamos lá um rebento desenvolvido. Começamos pelas raízes, ***cuidar das raízes. Raízes maltratadas geram árvores ocas e secas, raízes que foram adubadas e cuidadas, geram árvores fortes e repletas de vida.*** Dei por mim a pensar sobre que tipo de árvore seria, que raízes estariam a fazer-me ser alguém fútil e sem noção. Percebi que tenho a minha própria maneira de ser com defeitos incluídos e que alguns fazem já parte da minha maneira de ser e que mudá-los seria quase impossível. Tentei calcular o essencial, coisa que ainda tenho alguma dificuldade em fazer, porque a necessidade do calculismo para certas situações, faz-me perceber que valores importantes passam despercebidas e que pequenos detalhes fazem grandes diferenças na vida das pessoas que me rodeiam. As minhas contaminações não me estavam a cegar, mas também não me permitiam ver plenamente. Tenho que cuidar da minha terra e da minha árvore para que ela possa crescer de forma saudável...

### II

*Eros*, nesta fase do ano, encontra-se em estado de renovação. Os frutos dos campos estão a ser colhidos e remexidos para sobreviverem à próxima época anual e as águas correm cada vez mais cheias de cardumes e vida. Hoje o nosso Mestre levou-nos a conhecer uma cidade vizinha, conhecida entre os comuns como *Nogra*, cidade de proporções inimagináveis, de uma beleza e riqueza incalculáveis, onde habitava uma tribo lendária de nobres guerreiros.

Fomos recebidos pelo Mestre Cerimonial de *Nogra* que nos levou a *Spiaggia* (praia de areia fina e mar transparente), onde nos colocou o desafio de pensarmos sobre a nossa natureza e a sua renovação. "***Somos pessoas de bem por natureza? Estamos direcionados para o bem?***". Estas perguntas geravam imensa discussão



entre todos os guerreiros, uns diziam que sim, outros que não, outros achavam que o ser neutro era o natural.

Reunimos na praça pública e todos os guerreiros foram chamados para debater o seu ponto de vista. Como era de esperar as opiniões divagaram e formaram-se grupos que tinham teorias diferentes e filosofias opostas. A teoria de que eramos seres neutros começou, na minha cabeça, a fazer cada vez mais sentido, pois quando nascemos não há maldade. A nossa personalidade não está formada, nada está decidido, nem criado. Enquanto crianças, só queremos estar com os outros e é ao estar com os outros que as atitudes deles nos moldam, ou seja, experiências negativas podem levar-nos a ser negativos e maldosos como um mecanismo de defesa para não sermos magoados outra vez; por outro lado, experiências positivas podem (ou não) levar-nos a ver o positivismo e a felicidade, fazendo-nos ser pessoas de bem por natureza.

A minha infância definiu o meu guerreiro interior. Da minha isenção e inocência dei origem à minha própria filosofia. Se esta é benigna ou maligna?... essa é uma história que ainda estou a contar

### III

"Este oceano que nos une e fortifica é o mesmo que nos pode separar e destruir. A nossa ligação é como o oceano, mal cuidada torna-se na nossa própria destruição" – foi com estas palavras que o nosso Mestre começou o dia.

Hoje, o dia foi de fortalecimento da minha ligação com o meu Mestre e eu não tinha ideia de quanto o dia seria memorável. Pela manhã, eu e ele, num exercício de concentração e focalização, dançamos juntos sobre o ritmo das ondas do mar. Fomos levados para uma dimensão alternativa que nos fez perceber a fé comum que nos une. Lembrei-me do nosso trabalho de partilha e descoberta. Lembrei-me que parte essencial do que sou se deve ao trabalho dele enquanto mentor, tutor, guia, auxiliar e amigo. Neste mesmo dia reli uma carta que me escreveu "não preciso de ser teu Mestre, amigo basta".

Refletindo sobre isto, o tema "amizade" chega à minha cabeça e não parece sair. Tive bastantes problemas toda a minha vida com amigos. Apesar de ter pessoas na minha vida em quem confio profunda e cegamente, não os tenho como amigos. São



pessoas que estão na minha vida há mais de dez anos e apesar disso não são amigos. Nunca percebi o porquê de ter tanta dificuldade em considerar as pessoas como amigos e numa conversa simples e de desabafo com uma das minhas companheiras de guerra percebi que o calculismo extremo me bloqueava, porque apesar de achar que conseguia calcular todos os caminhos que seriam possíveis percorrer, quando a jornada saía dos trilhos, como mecanismo de defesa, afastava-me para não sofrer com o fundo do poço. Parece ridículo, mas pergunto-me ***se tenho companheiros de guerra e daria a vida por eles, não deveria eu considerá-los amigos?***

#### IV

Descobri planos secretos que diziam que *Eros* iria ser atacado e que deveria lutar, inclusive dar a vida se fosse necessário para salvar aquele local tão especial para mim. Vi guerreiros a fugir porque este local não era especial o suficiente para darem a vida por ele, vi guerreiros a bloquear e a deixarem-se morrer por não saberem o que fazer ou não terem a coragem de atuar. Somos seres diferentes e o facto de isso acontecer é mágico só por si.

Estando frente a frente com a ideia de guerra pensei na minha família mais próxima, pensei em alguns amigos e pessoas em geral, mas pensando na ideia de perder a minha liberdade, eventualmente perder os meus ideais e perder as minhas causas ganhei toda uma nova força dentro de mim. Lembrei-me de uma frase antiga que os sábios partilhavam entre si: "nunca se é verdadeiramente guerreiro enquanto não se encontra a causa pela qual se estaria disposto a morrer."

A suposta guerra nunca chegaria. Era mais uma prova do Mestre para ver o que iríamos fazer numa situação extrema, para perceber o que estaríamos nós dispostos a fazer e até onde iríamos. O treino ensinou-me que é necessário conhecer o fundo do poço para nunca chegar lá.

A minha viagem estava a chegar ao fim e finalmente começava a perceber o quanto a minha árvore tinha crescido e estava a ficar forte. Faltava perceber o que iria fazer com os seus frutos

*Carolina Araújo*



## CADERNO DE ENCARGOS

### I

Chegamos com a loucura de quem inicia uma aventura sem fim. Tudo novo numa ilha completamente estranha. As primeiras horas revelavam a expectativa à flor da pele, os sentidos todos alerta, a ansiedade de chegar ao destino final e começar a aventura.

Os *Electus* (escolhidos) eram conhecidos como aqueles que partiam rumo à aventura do conhecimento antigo, a busca sem fim de si mesmos para poder multiplicar e ajudar outros. Carregávamos o peso dos escolhidos. Sabíamos o que isso representava, na verdade assumimos o compromisso logo no início da jornada, mas só no seu final tínhamos essa consciência.

Trouxemos para esta viagem pouco mais do que o essencial, mas não sabíamos por quanto tempo tínhamos que cá ficar. Cada um de nós trazia também o seu próprio caderno de encargos. Esta viagem seria diferente para cada um de nós e mudaria, sem dúvida, o caminho que escolhemos percorrer. Neste caderno de encargos procuramos ver respondidas as questões que mais nos atormentavam, as dúvidas, indecisões e ciclos viciosos que se mantinham no nosso caminho quase como encruzilhadas.

Fizemos viagem até à nossa estalagem e acomodamo-nos naquela que seria a nossa base para os próximos dias e sem perder muito tempo começamos os nossos trabalhos. Reunidos debaixo de um mar de estrelas partilhamos os nossos encargos, escutando atentamente cada um dos motivos que fazia de nós os *Electus*. Quando chegou a minha vez de partilhar, falei sobre a minha dificuldade em tomar decisões, sobre a minha constante insatisfação, a preguiça de procurar aqueles que também são importantes e da definição do meu próprio método. Havia mais a partilhar, mas sabíamos que não iríamos encontrar todas as respostas e, portanto, priorizamos aquelas que necessitavam de mais foco e reflexão.

No final do primeiro dia, exaustos, meditando debaixo daquele mar de estrelas, compreendemos o peso de sermos os *Electus*, ***aceitando que só fazendo o nosso caminho de descoberta poderemos ajudar os outros a percorrer o seu.***



## II

O dia começou cedo, hoje veríamos pela primeira vez a ilha com a sua luz natural. Começando com a animação que já é natural, partimos em busca do primeiro ponto da nossa viagem. A primeira paragem levou-nos a *Barumini* onde visitamos o que restava das vidas de outrora, vidas das comunidades que procuravam evoluir pelo meio da sobrevivência, criando as suas fortalezas, para proteger o que era seu e defender-se dos seus inimigos.

Depois desta viagem, paramos para realizar o momento *chi*. Este momento foi a minha primeira prova. Diante do meu Mestre, procuraríamos fazer o nosso equilíbrio. E então teria que tomar a decisão de falar sobre a forma como me sentia de verdade, sobre a minha vontade de procurar também noutros sítios a resposta para a minha constante insatisfação, não sabendo e receando sempre qual seria a sua reação. E assim foi, com ajuda, consegui falar sobre algo que exageradamente me atormentou nos últimos dias. O meu Mestre calmamente e mais uma vez, deu-me uma lição. Respondeu-me que nunca iria encontrar a satisfação que tanto buscava. Que esse sentimento é momentâneo, mas logo desaparece e uma nova busca se inicia. Também me mostrou que é possível neste caminho em que escolhemos ajudar outros a caminhar, que devemos até, alimentar-nos noutros espaços, pois na verdade só buscando o nosso próprio *anima* (poder de dar alma), podemos ser *anima* para outros.

Baixei a cabeça e percebi que tinha errado com o meu Mestre, pois não tive a coragem de ser transparente com ele mais cedo, deixei que se criasse uma espécie de fortaleza pensando unicamente no impacto e não na base daquilo que nos equilibra, a sinceridade, a verdade, a confiança... Rapidamente pedi desculpa, tentando desfazer aquele mal, mas já o tinha magoado.

E então decidi, que este seria o momento para voltar a dizer tudo o que sentia, pois ***aqueles que caminham comigo merecem sempre a verdade.***



### III

Aqui nesta ilha, por vezes o tempo para. Foram várias as vezes em que mergulhei no mar, fechei os olhos e deixei que o elemento água se fundisse com todos os outros elementos e me fizesse encontrar um espaço de equilíbrio. Foram várias as vezes em que estive a sós comigo mesma, contemplando, pensando e repensando no meu caderno de encargos e em todas as tarefas, responsabilidades e até atitudes que teriam de fazer parte do meu dia-a-dia, depois desta viagem. Pensei nos meus objetivos e em tudo o que gostaria de fazer um dia. Ter em mim todos os sonhos do mundo é desgastante, o sentimento de estar incompleta por vezes atrapalha a visão do caminho... Mas naquele momento pensei em todos os que me acompanham, em todos aqueles que batalham todos os dias pela causa que escolhemos e acreditamos. Pensei no quão importantes essas pessoas são na minha vida, pois caminho com elas o meu caminho e o delas. E depois parei e apercebi-me das pessoas que não me acompanham todos os dias, algumas até a quem criei resistências, pensei naquelas com quem evito estar, porque em algum momento me prejudicaram e em todos aqueles com quem não estou porque me deixo vencer pela preguiça e lembrei-me das perguntas: "somos genuinamente bons?", "estaremos destinados a praticar o bem?". Voltei a pegar no meu caderno de encargos e revi um dos meus pontos – dedicar-me aqueles que também são importantes, aos quais não me dedico por preguiça. Pensei no quão falaciosa tinha sido ao afirmar-me como uma pessoa genuinamente boa destinada a fazer o bem quando me deixava vencer pela preguiça e deixava escapar a oportunidade de fazer alguém feliz por um momento.

***Somos genuinamente bons? É uma pergunta ainda sem resposta. Para mim, praticar o bem é tão importante como recebê-lo.***



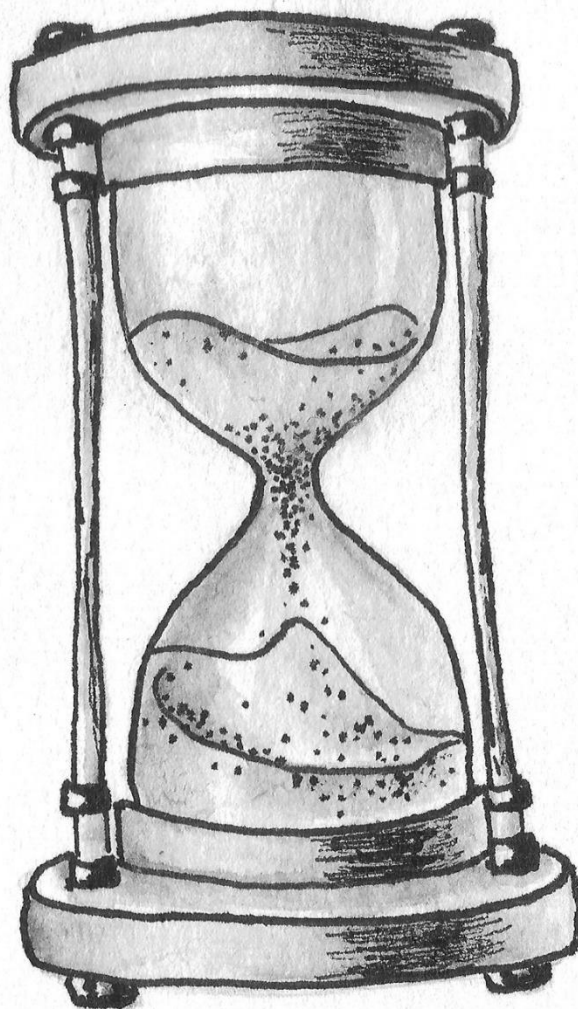
#### IV

Por fim, chegamos ao final desta aventura. Felizmente tenho a possibilidade de viver várias aventuras e tenho plena consciência de que a seguir a uma, outra surgirá, mais carregada de magia ou mais realista, todas elas compõem a minha história.

Esta aventura na ilha permitiu-me fazer um esboço dos próximos capítulos, foi como uma preparação para as novas batalhas da nossa causa. Aqui desenhei o meu caderno de encargos e comprometi-me a ser uma *Electus*, com todo o poder que isso me traz. É de grande responsabilidade saber que tenho em mim o poder de dar poder aos outros. Comprometo-me a ser genuinamente boa, a aprender o bem e mais importante, a educar para o bem.

*"Um dia vi-te e percebi que era eu, um dia vi-te e vi-nos a caminhar".*

Sara Monteiro



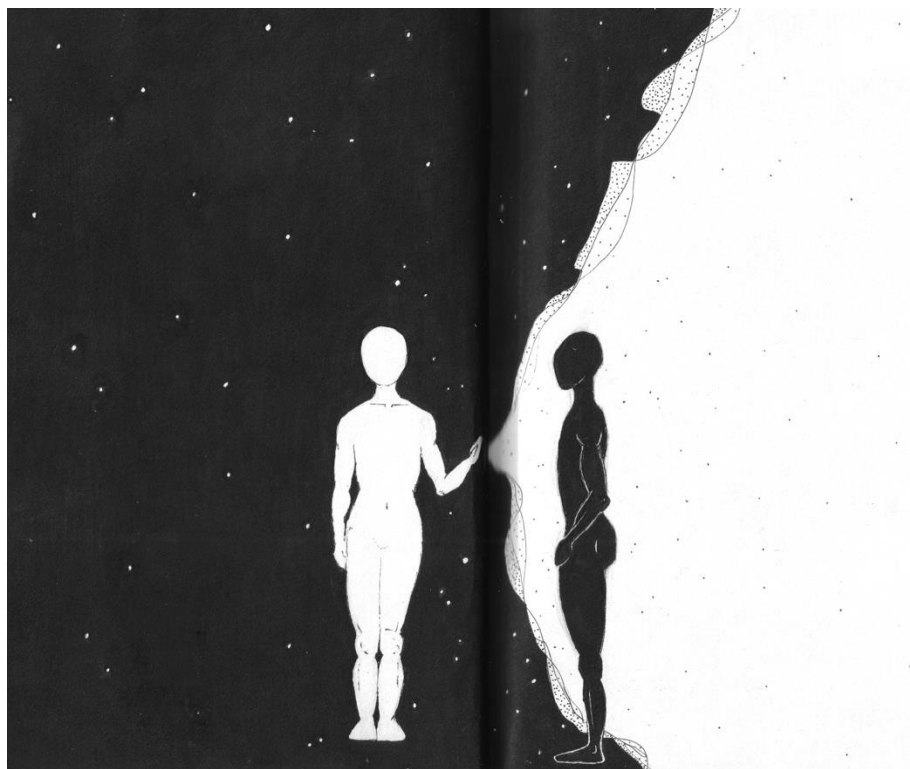


## TODOS DIFERENTES, TODOS IGUAIS

Tinha passados seis dias na Ilha do Desconhecido. Estava na hora de me despedir. A aventura estava prestes a terminar e com ela um capítulo também chegava ao fim. Mas antes, ao virar numa esquina feita pela natureza, encontramos *Acra*, uma feiticeira que nos parou dizendo que tinha algo importante para nos contar. Sentamo-nos em roda no chão queimado pelo sol. *Acra* olhou para mim e perguntou-me o que via ao qual eu respondi: - não vejo o que tu vês certamente, eu troco as cores e redefino-as à minha maneira de forma a criar os meus próprios cenários e a viver a vida de uma forma mais divertida e encantada. Ficou intrigada e perguntou ao resto do grupo. Ouviu sempre respostas diferentes e, por fim disse: - ***É bom ver que não têm medo de dizer como veem as coisas porque são todos um que fazem um todo. E isso é a melhor coisa que poderiam ter.*** O que me acabaram de dizer não é só a vossa visão das coisas, mas sim a história da vossa alma que é das coisas mais importante que vão guardar. Podeis ir, mas lembrai-vos do que aprendeste agora e espalhai pelas pessoas que vos rodeiam.

Fomos embora, estaríamos em casa em breve sempre com a mente na derradeira aventura na Ilha do Desconhecido.

*Ana Catarina Alves*





## II - LIÇÕES DE UM TEMPO SEM TEMPO

---

### EU, O DESAFIO

Sempre fui feliz em *Arkan*, mas muito novo deixei-me dominar pela soberba, a vontade desmedida de mais e mais, pelo sentimento de preenchimento e sensação de adrenalina. Acabei por deixar de usar o cristal e descer ao povo dos comuns mortais em busca da luz e do caminho. Mas a minha sede foi crescendo e o talento e a inteligência sempre se aliaram a mim, conquista após conquista, sucesso após sucesso e a ausência de concorrência fez crescer em mim a arrogância e o egocentrismo. Esqueci-me de onde vinha, era tão fácil ser bom ali... Todo aquele poder era uma bênção da qual não me sentia grato e muito menos sentia ou assumia a responsabilidade que carregava.

Mas o universo encarregou-se de ser a madrastra que nunca tive e de aumentar as dificuldades proporcionalmente às conquistas. Mas esse caminho, apesar de forma inconsciente, tinha sido eu a escolhê-lo e não sei bem quando, mas cedo senti que não havia volta a dar. Conformei-me e entrei em modo de sobrevivência.

Já não havia memória de *Arkan* e o inferno que tinha escolhido era o único que conhecia. Viver passou a ser estranho, barulhento e vazio... existia e pensava que essa era a única maneira de viver.

Até que fui confrontado com um poder maior que o meu. De um mestre, não mortal. O confronto chocou-me, já não estava habituado aos desafios que não conseguia superar, mas eu sempre adorei desafios e este era o maior até agora.

Mal eu sabia que o maior desafio era, na verdade, eu mesmo; enfrentar-me e viver com o “eu” que construí e moldava, manipulava e escondia como queria, até deixar de saber o que era real ou não.

Entreguei-me ao meu mestre, ele aceitou-me, assumiu o compromisso comigo e com o meu tempo, e eu com ele e com o seu. Demorou, mas hoje muito mudou e já tenho consciência real do caminho que escolhi traçar. Hoje, já sinto que sou o que sou em virtude do que todos somos e a minha maior aprendizagem foi perceber que ***o verdadeiro caminho é o de volta a casa.***

*Pedro Inocêncio*



## TASUKE O MOTOMERU

Durante esta jornada pelo TAO (o caminho), todos passamos por provas de autoconhecimento, de saída da zona de conforto e de superação dos limites que achávamos nós que nunca os ultrapassaríamos. Esta é a história de um jovem Cavaleiro Aprendiz de nome Tasuke O Motomeru que vivia nas Montanhas do Norte. Achava ele que podia fazer tudo sozinho e que conseguiria ultrapassar tudo e todos recorrendo apenas à sua espada e a si mesmo.

Certa altura, acabou por perder algumas batalhas, perdendo quase tudo o que até ali havia conquistado. Passou longas épocas anuais vivendo nas sombras de grandes senhores da Nobreza, sendo apenas mais um no meio dos outros, acatando ordens e fazendo tudo o que lhe diziam. Durante uma das suas missões, atribuída pelo grande Mestre Dragão Vermelho, este jovem Cavaleiro Aprendiz apercebeu-se o quão fundo se tinha enterrado e ido abaixo, tinha deixado de trilhar o seu caminho, para apenas seguir o dos outros, sem questionar o porquê e foi então, nesse exato momento, que decidiu voltar a trilhar novamente o seu caminho.

Pedi ajuda aos seus companheiros de caminho para voltar a ser não o Cavaleiro que era dantes, mas sim um Cavaleiro humilde, que sabe tomar a iniciativa de pedir ajuda nos momentos em que mais necessita.

***E vocês, que andam por este mundo, que caminho escolheram vocês? Já decidiram pedir ajuda àqueles que vos rodeiam ou estão à espera a olhar para o caminho dos outros?***

*Fábio Faria*



## FILTROS QUEBRADOS

Tentei abrir, a cada tentativa, a força aumentava, mas não era a suficiente. A porta do sótão não abria e nenhuma chave era capaz de rodar, até que um dia a porta como por magia estava aberta. Entrei e não fazia ideia que tinha vitrais na minha própria casa. Por baixo da mesa encontrava-se um girassol dentro de uma redoma de vidro. Como era possível? Nunca vi a porta aberta e a flor estava intacta?

Resolvi tirá-la daquela sala iluminada com a luz que atravessava os vitrais. Ao primeiro passo dado fora daquela sala uma pétala caiu. Não dei importância e dirigi-me para o andar de baixo. Olhei para trás e a porta estava fechada. Não vi nada, não ouvi nada e fiquei alerta, nunca tinha acontecido tal.

Voltei-me novamente e mais 3 pétalas tinham caído, 6 pétalas, 10 pétalas, o que se estava a passar? Que girassol é este que se mantém vivo numa sala trancada onde a única luz que passa é filtrada? Tantas perguntas e poucas respostas. Então comecei a supor, a fazer cálculos na minha mente, mas não passavam disso.

As pétalas eram cada vez menos. a porta estava fechada e não podia esperar mais. não podia ficar sentada sem perceber o que estava a acontecer. Peguei numa escada subi ao telhado e parti parte dos vitrais. Entrei. Coloquei o que restava da flor no lugar onde a tinha encontrado. Por curiosidade tentei abrir a porta novamente. Abriu-se como se nunca estivesse trancada. Olhei para a flor e todas as pétalas tinham renascido.

Sentei-me no cadeirão velho e peguei no livro que estava no chão e li a contracapa: - ***Os filtros estão lá para os quebrares. Não podemos esperar que nos mostrem a luz sem abrir a porta.***

Ana Catarina Alves



## QUAL É O TEU CÁLCULO?

Quando me questionam sobre as maiores lições que aprendi, devaneio em volta das minhas experiências de vida. Olho em redor e tento perceber de onde vim, onde estou e para onde vou. Lembro-me dos meus companheiros de caminho e do trilho que percorremos apenas para chegar à conclusão de que aprendi a não calcular as minhas decisões, aprendi a escolher de acordo com o que sinto, através desse método sou capaz de alcançar outros.

Sei que todos temos várias faces e felizmente cada vez menos eu escolho a que mostro e deixo que as pessoas me vejam como eu sou. Com este tipo de “modo de vida” deixei de ser capaz de ensinar tão amiúde mas tornei-me melhor para mim,



consigo viver melhor e com menos preocupações, e apenas assim tornei possível que os outros me vejam como exemplo, afinal ninguém quer o exemplo daqueles que falam mas sim daqueles que são, vivem e experienciam a vida no melhor dos seus estados, o estado natural.

Após pensar sobre isto, tenho apenas uma questão para quem me segue: ***Afinal, qual é o teu cálculo?***

*João Costa*



## A CURIOSIDADE É O RISCO

Se tivesse de dizer qual o animal mais mágico e místico da floresta, diria, sem dúvida, que é o veado. Esta criatura aparentemente frágil e assustadiça é dotada de uma enorme sabedoria, graciosidade e determinação. Tem por preferência agir em individualidade ou em pequenos grupos e em ambientes tranquilos e serenos. No entanto, possui uma enorme capacidade de adaptação ao meio, podendo viver nos mais diferentes locais, inclusive em terrenos montanhosos ou desertos. As fêmeas, sem chifres, parecem suscetíveis a qualquer perigo. São, porém, extremamente perspicazes e protetoras. O veado sempre soube ser ele mesmo, no seu habitat, no seu conforto. Quando fazemos viagens em zonas menos citadinas e encontramos sinais de perigo de travessia de veados, ficamos sempre na esperança de os podermos ver, nos seus saltos majestosos de um lado até ao outro da faixa da estrada. Lá no fundo, sabemos que eles não deverão aparecer. O ruído dos automóveis incomoda-os. No entanto, só na ocorrência da ínfima probabilidade de o vermos de passagem nas longas estradas, percebemos a sua verdadeira beleza. Só quando nos olha nos olhos, com o seu ar altivo, percebemos que ele sempre esteve ali por perto, só não o podíamos ver. E nesse momento, em que decidiu mostrar-se, ficamos paralisados, não queremos que fuja, queremos vê-lo por mais tempo, parece-nos sempre uma criatura tão distante, mas enquanto todo este reboiço nos atravessa a mente, ele vai andando, até desaparecer novamente pela floresta encoberta. Se o encontro for feito de noite, o seu momento preferido, ao se deparar com os faróis do carro, permanecerá ali parado durante uns segundos, porque as suas pupilas estarão demasiado iluminadas para que consiga perceber o que se passa à sua volta. Ainda assim, depois de um primeiro encontro bem-sucedido, a probabilidade de voltar à estrada novamente será significativamente maior. ***A sua curiosidade excede a sua vontade de conforto.*** Já não lhe chegará a sua tranquilidade e serenidade, porque nesse momento descobriu que há muito mais para além da floresta. O maior medo é que, se passar demasiado tempo fora, a floresta já tenha sido destruída quando voltar...e depois, a estrada será suficiente para se (me) abrigar?

*Joana Ribeiro*



## O NOVO OCEANO

O oceano estava calmo e tudo debaixo de água parecia quieto, mas ansioso. As ondas pareciam cansadas, os peixes mal falavam e eu, uma conchinha branca com vários tons de azul e cinza, acordava para mais um dia. Um dia diferente. Algo misterioso e estranho, que provavelmente me esquecera, iria acontecer. Ou já tinha acontecido. Mas o que era? Ainda ontem alguns peixes, com uma idade perto da minha, me perguntavam se queria ir com eles deslizar nas correntes e sentir uma adrenalina pura, mas hoje, nada. Apenas um silêncio ensurdecedor que me fazia enlouquecer.

Decidi, então, procurar uma explicação com alguns conhecidos meus, mas depois reparei que já nada era como conhecia, tudo mudou do dia para a noite, parecia outro mundo e o que eu achava ser impossível de acontecer tornou-se na minha realidade. Sem me aperceber mudei de oceano, e foi isso que aconteceu. Aquelas correntes que me deixavam brincar levaram-me para longe. Tudo de novo. E agora? Qual é o caminho de volta? Não há. E eu sou apenas uma concha ainda por abrir, com os tons do oceano gravados em mim, o mesmo que acabou por me arrastar.

De repente já nada me parecia quieto. Multidões de espécies comunicavam, viam-me e perguntavam-me de onde vinha. E aqui caí. Desmoronei. E agora? Já nada me parecia certo, e tinha dúvidas, questões e tantas incertezas... Via tudo em roda, tudo desfocado e então, fechei os olhos por alguns instantes e...ouvi o meu silêncio.

Sem pensar duas vezes, e vendo tudo ao meu redor levantei-me e fiz com que as minhas lágrimas de medo, fúria e tristeza se transformassem em novos tons, mas desta vez amarelos, uns amarelos reluzentes, brilhantes e da cor do sol. Notei que um novo pedaço tinha sido acrescentado, um novo poder. Ou será que eu é que me esquecia de o usar? Não sei, mas gosto da sensação. Todas as perguntas que surgiram daqueles que ainda iria conhecer foram respondidas, e todas aquelas bocas de desprezo só me davam mais vontade de continuar onde estava. Aceitei o novo mundo e gostei, porque afinal de contas eu conseguia, sendo guiada pelas correntes, voltar às minhas raízes, e levava comigo histórias e curiosidades.

No novo oceano aprendi a ser feliz, graças à inteligência, à minha postura e graças a todo um “novo eu” que permiti e que me permitiram que existisse. E aquela conchinha branca com tons de azul e cinza, tornou-se numa conchinha branca com



tons de azul, cinza e amarelo, que ao longo dos seus dias continua a ganhar cores e a formar belas pérolas arco-íris.

Com isto, as perguntas não deixaram de surgir, muito pelo contrário. Cada vez tinha mais questões, novos mundos que queria descobrir e novas formas de o fazer e tantas outras coisas para experimentar, explorar e saber. Mas dentro de várias questões, deparo-me com uma:

**- Vocês já tentaram ou pensaram dar forma às vossas pequenas pérolas arco-íris?**

*Luciana Fernandes*



## O MOMENTO PERFEITO

Perdida nas mais altas montanhas de *Arcadium* encontra-se, junto de uma cascata que cai de um imenso penhasco, uma tribo autodenominada de *Kaupapa Ari*. Esta tribo foi originada por mim e pelos meus companheiros de viagem quando buscávamos por um refúgio.

Como forma para manter a união todas as semanas a tribo reúne-se e, dirigido pelo nosso mestre, é criado um momento de introspeção onde naturalmente todos falávamos do que estávamos a sentir. Estes são momentos de libertação e renovação de energia para o resto da semana. São momentos de naturalidade e reflexão que fazem falta à tribo.

Mas venho para recordar uma lição que aprendi lá. Numa certa semana, devido a uma viagem do mestre, a tradição iria ser quebrada. E então como aprendiz de mestre reuni a tribo, desta vez num sítio diferente, e preparei um momento.

Levei a tribo para um largo de relva junto ao lago *Pupuhi Wai*, onde habitava uma espécie rara de caranguejos que davam nome ao lago, e então iniciámos o momento. Comecei por lhes dar um pequeno momento para fecharem os olhos, apreciarem os sons da natureza e acalmarem. Depois li-lhes um poema do diário do mestre. E ali ficamos. Naquele momento deixei que todos dirigissem o momento. E ali encontrámos mais uma vez aquele refúgio que tanto procurámos.

Foi então que percebi que o meu papel nunca foi controlar o momento, mas apenas permitir e fazer com que ele acontecesse. Podem até não ter dado continuidade à reflexão, mas também não importa, porque tal como disse aquele era o nosso momento. E foi essa sua imperfeição que o tornou tão perfeito. Não podemos estar à espera que o momento perfeito aconteça, temos de o criar para vivê-lo e deixar que os outros o vivam. ***De que estás à espera para criar o teu momento perfeito?***

*Telmo Pinheiro*





### III - HISTÓRIAS DO BAIRRO

---

*por Maria Filipa Morais*

Este capítulo tem por objetivo retratar e dar-vos a conhecer a realidade de alguns jovens que vivem ou frequentam os bairros sociais onde a PASEC intervém. Muitas vezes encaramos como verdades absolutas as visões pré-concebidas e preconceituosas em relação ao ambiente dentro do bairro, às pessoas que lá que vivem, e às histórias de vida de certas pessoas que, muitas vezes, servem de pretexto para se fazerem generalizações descabidas e sem fundamento sobre este contexto. O que muitas vezes passa ao lado é a perceção de que o bairro é o lar de centenas de pessoas, um refúgio e um local seguro, mas é também o sítio que as coloca em situações de exclusão social devido ao julgamento dos demais. Com estas histórias que vou contar, pretendo apelar a uma maior sensibilidade relativamente a este tema, a estes jovens, às suas famílias, a todas as pessoas que vivem nestes bairros de habitação social, e outros milhares que se espalham pelo país com histórias muito semelhantes.

Devo referir que todos os nomes foram alterados de forma a garantir a privacidade e o anonimato dos jovens com quem tive oportunidade de conversar.



## VOLTAS E VOLTAS

Esta é capaz de ser uma das histórias mais impressionantes e improváveis que ouvi dentro dos bairros. A história de dois irmãos, o Sar e a Isa, e da sua família.

Como podem ver pelos nomes dos protagonistas, Sar e Isa não são de cá. O pai deles veio de longe, de outro continente, para poder começar uma nova vida com melhores condições. Atravessou o oceano clandestinamente, arriscou tudo (ou o pouco que tinha) para poder recomeçar a sua vida ainda muito jovem, mas não conseguiu alcançar o seu objetivo numa primeira tentativa. Viera escondido num barco, na esperança de que ninguém o encontrasse até que se concluísse a travessia e estivesse em segurança e em terra firme. No entanto, a sua primeira viagem terá sido trágica. Já pelo meio do caminho, um rapaz que o acompanhava, também clandestino, caiu ao mar, e o pai do Sar e da Isa terá posto em causa a sua vida e o seu plano em prol da segurança de um colega viajante que acabara de conhecer. Escusado será dizer que a presença de ambos terá sido denunciada pela queda, e logo de seguida terão sido deportados para as suas terras nativas, colocando os dois de volta à etapa zero. Mesmo depois do risco que correram e da interrupção da viagem, o pai destas duas crianças não se conformou com a situação e não se deixou entregar à mão do destino.

Por muitos riscos que estivessem implícitos, fez-se ao mar mais uma vez. Desta vez sem surpresas inesperadas, conseguiu chegar ao lado de cá, e viajou por várias terras até encontrar um sítio onde se conseguisse encaixar, sendo que estaria num sítio completamente desconhecido e onde não se falava a sua língua. Teve de aprender tudo do zero enquanto arranjava uma ocupação que lhe permitisse sustentar-se. Foi assim que conheceu a mulher com quem veio a casar, uma mulher cigana do bairro das Lameiras. Foi aqui que começaram por construir uma vida a dois, e foi aqui que permaneceram e criaram os seus filhos. Estes dois irmãos cresceram por aqui, iniciaram o seu percurso escolar, fizeram amizades, nunca esquecendo a família mais distante e as suas origens. No entanto, o pai rumou para outra terra mais a norte, e mais tarde a sua mãe decidiu acompanhá-lo e iniciar um novo capítulo com os seus filhos por lá.

Foi um choque de realidades partirem para fora da sua zona de conforto, para longe do sítio ao qual chamavam de “casa”, para longe da família, dos amigos, da escola. Foi uma adaptação difícil. Enfrentaram atos e comentários racistas, fizeram-nos sentirem-se inferiores, foi difícil acompanhar um ritmo e uma realidade mais



evoluída, mas também mais elitista. A seu tempo foram-se adaptando ao sítio e à nova língua, aos novos colegas e à nova forma de vida. Mas salientam que o mais gratificante foi poderem voltar a sentir a família unida.

Ora, é durante este percurso que a história do Sar e da Isa se distinguem. O mais velho, Sar, sentiu-se desenquadrado. Passou mais tempo da sua infância aqui, e quando se viu forçado a deixar para trás tudo o que conhecia, perdeu parte da sua essência e do seu alento. Deixar as suas raízes foi um desafio e foi como perder parte de si. Por outro lado, Isa viu ali a sua oportunidade de vida e de construção e superação pessoal. Deixou-se fascinar pelo ensino, pela escola, pela rotina. Apesar de admitir que, por vezes, era posta de parte, conseguiu separar esse sentimento pela sua sede pelo conhecimento. Isa chegou a dizer-me “Sei que lá seria muito mais fácil para mim prosseguir os meus estudos e entrar numa faculdade. Cá preciso de ter dinheiro para poder fazê-lo, e lá todos sem exceção podem continuar a estudar sem pagarem por isso. Queria que os meus pais sentissem orgulho.”.

Ao fim de pouco mais de um ano, os pais resolveram voltar. Para a felicidade de uns e infelicidade de outros, voltaram a casa e reformularam o seu quotidiano mais uma vez. Agora que vieram, já a meio do ano, Sar e Isa não conseguiram entrar na escola, e têm passado os dias em casa com os avós e o irmão mais novo. Apenas no próximo ano letivo poderão reorganizar a sua vida, e até lá ficarão pelo bairro, junto da família e amigos. Isa tem um sorriso na cara, mas admite que não se sente completa. Há algo que a inquieta... o seu sonho é ser médica, e sabe que cá será muito mais difícil alcançá-lo. Diz-me que, se pudesse fazer uma escolha, escolhia voltar a sair de cá. Já Sar, afirma que o seu maior sonho é poder ser jogador de futebol, e é cá que pretende caminhar para consegui-lo.

***A vida dá muitas voltas e há muitas aprendizagens que apenas conseguimos fazer através da mudança. Podemos ir e voltar, ficar e arrependermo-nos de termos ficado. Mas todos os dias temos oportunidade de tomar alguma decisão, e todos os dias temos a liberdade de fazer as nossas próprias escolhas, aprendendo com o bom e o mau, o certo e o errado, o expectável e o instinto.***



## CASA

Durante as minhas idas aos bairros, conheci duas primas, opostas uma à outra: Nai, de treze anos, e Lara, de onze. Conversei um pouco com as duas, e retirei uma grande lição do momento que passei com elas da qual irei falar mais à frente, mas primeiro quero apresentá-las.

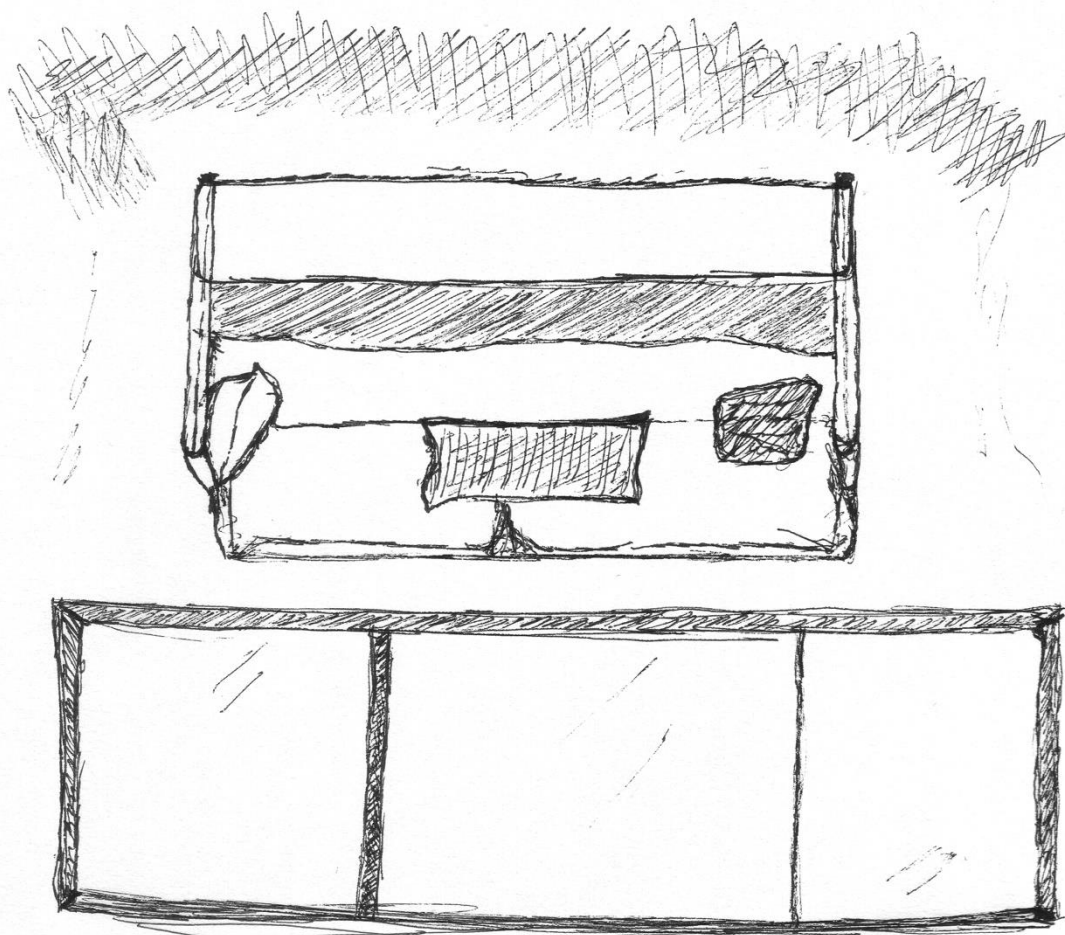
Nai é apaixonada pela dança. Gosta de dançar com as suas amigas, e é uma pessoa comunicativa e que gosta de estar acompanhada. Via-a todas as sextas feiras na “salinha” do bairro das Bétulas, sempre a dançar com as meninas mais novas. Já no que toca à escola, não senti o mesmo entusiasmo ou o brilho nos olhos que mostrava relativamente ao tempo que tinha para dançar, mas ainda assim pensa noutras profissões que um dia poderá vir a ter. Ora, posso dizer que a Lara não é assim. Colocou mais barreiras durante a nossa conversa, e nunca se mostrou completamente à vontade. É uma menina mais fechada, mais introvertida, mas demonstrou-me a sua paixão. A Lara é fã de futebol, e entre ficar com a prima na salinha ou ir com os amigos do bairro para um pavilhão jogar futebol, a sua primeira escolha seria sempre o futebol. É ali naquele espaço que se sente realizada e, mesmo sem falar, consegue demonstrá-lo. Ambas respeitam as suas opções e encaram-nas com muita naturalidade, e isso é uma demonstração de respeito e de amor. No entanto, a paixão da Lara não é bem vista pela tradição e pela cultura cigana, portanto, os seus familiares não apoiam o seu sonho. Esta situação revela o receio de desaprovação de Lara, que se faz sentir através da insegurança e timidez que demonstra na altura de escolher. Para evitar confrontos e, possivelmente, comentários desagradáveis, Lara opta por jogar apenas quando alguma das animadoras PASEC orienta os treinos no pavilhão, isto é, nos dias em que estão apenas rapazes, Lara fica pela salinha juntamente com a sua prima e as outras meninas que ficam a dançar.

Mas confesso que uma das maiores aprendizagens que retiro deste momento é a visão que elas têm da família. Dentro de uma casa estão, normalmente, as pessoas que nos são mais próximas, sejam relações sanguíneas ou não. A nossa casa é o nosso espaço, o sítio onde crescemos, onde somos acompanhados, onde nos formamos. Mas uma casa não tem que ser um lugar físico. Muitas vezes, a nossa casa é onde tiver de ser, desde que estejamos com as pessoas que amamos.

***Para a Nai e Lara, a sua casa não tem valor ou significado pelo seu tamanho ou pela decoração. A sua casa não é um espaço grande, mas é onde se***



**sentem acolhidas.** Vivem com elas catorze pessoas, incluindo pais, irmãos, cunhados e cunhadas, sobrinhos e primos. Apesar de o espaço não ser o ideal, não há nada que gostassem de mudar, porque sabem que estão acompanhadas das pessoas que mais gostam.



## O ESPELHO DA MINHA ALMA

As crianças veem um sonho nos mais pequenos gestos, nas suas fantasias, nas brincadeiras que fazem e que têm com os amigos, na admiração que sentem por algo ou alguém.

Uma das meninas mais novas com quem tive oportunidade de estar chama-se Vi, e tem uma personalidade de garra. Quem a conhece e está com ela consegue perceber, desde logo, que a calma e o silêncio não são seus aliados. Aos olhos dela, não há tempo para estar parado, porque tudo tem que a cativar e tudo tem que ser feito com energia. A escola não se adapta e não encaixa com a sua personalidade, e isso torna-a rebelde e faz com que, por vezes, seja mal interpretada. Mas, aos olhos dos adultos, o seu comportamento é considerado “desviante”, e todos a tentam fazer ver isso... Mas a escola é um mundo demasiado monótono para si, e faz com que ela sinta necessidade de extravasar, arranjando muitas vezes problemas para si e para os colegas que alinham nas suas brincadeiras. Ir à “salinha” no bairro das Lameiras é um dos escapes que encontra para esta realidade, e é o sítio onde consegue usar toda a sua energia e aplicá-la em trabalhos e atividades. A paixão pelas artes não lhe passa ao lado. Das várias vezes em que estive no bairro, conseguia ver que a música, a fotografia, a dança e as artes plásticas eram o que escolhia sempre fazer.

Mas a minha maior surpresa foi quando falamos sobre sonhos. A Vi é cigana, e a sua cultura e etnia significam-lhe muito. Segue todas as tradições e olha para elas como um legado que terá de seguir e ensinar aos que virão depois dela. Mas tive uma grande surpresa com a resposta que me deu à pergunta “qual é o teu maior sonho?”. Ela tem oito anos, e o seu maior sonho é casar. É algo tão importante para si que, ela hoje já explicita todos os pormenores que imagina e que a fazem sonhar com o “dia perfeito”: as dezenas de convidados, o local, a música que vão dançar, os vestidos, os adereços. Tudo isto é pensado com rigor e ao pormenor para que veja cumprido o seu sonho.

Até lá, a Vi estará pelo bairro. Ainda tem muitos anos de escola pela frente, tem muito para viver e muito para aprender. Não se imagina noutra sítio senão ali, na sua casa, em família, no jardim com os seus amigos, ou na “salinha” connosco. ***O bairro é onde revê os seus ideais e tudo o que ama, é o sítio que espelha a sua alma.***



## VOLTAR A CASA

Tal como já vos tinha contado, muitas vezes o bairro não é só uma casa para quem lá vive, mas sim para muitos outros que fazem do bairro a sua casa. A Mara é uma destas pessoas. Tem quase dezasseis anos e frequenta o bairro das Lameiras desde muito nova.

Frequentou a escola primária do bairro, e foi lá que começou a estabelecer as suas primeiras amizades. Passava muito do seu tempo livre no bairro, e foi assim que chegou à “salinha” e entrou no mundo PASEC. Segundo ela, a “salinha” foi um impulso na sua vida escolar e pessoal, e foi um dos fatores decisivos na sua educação e formação. Participa ativamente em diversos jogos e atividades, desde assuntos mais políticos, jogos lúdicos e atividades desportivas. Sente que o facto de ter frequentado a “salinha” e de ter criado relações de proximidade e amizade com as técnicas e tutores da PASEC foi um grande passo para a sua formação e para um caminho de descoberta de si mesma e dos outros.

Uma parte essencial deste percurso foi ter-se juntado ao grupo de expressão corporal, que funcionava na sua escola durante o 3º ciclo, e agora, já no secundário, funciona fora do ambiente escolar. A dança tornou-se uma parte muito importante do seu percurso, porque pôde partilhá-la com as suas amigas mais próximas. Para além do grupo de expressão corporal é um dos membros base de um grupo de jovens informal há muitos anos também.

Mara não esconde a importância da PASEC durante toda a sua infância. Hoje, é aluna do ensino secundário de um curso de multimédia, e revela que sente falta do tempo que passava no bairro, que agora é muito reduzido devido aos horários exigentes da escola. No entanto, no seu regresso a casa ao final do dia, tenta passar pela “salinha” só para estar com as pessoas com quem cresceu, e para poder acompanhar também todos os que estão agora a começar a participar nas atividades.

Há uma lição que retiro desta história e que não deve ser esquecida: ***devemos mostrar gratidão àqueles que nos querem bem e que um dia nos ajudaram a subir montanhas. E mais que isso, devemos esforçar-nos por multiplicar as nossas aprendizagens e as nossas histórias, e tentar inspirar outros para que possam, um dia, ter oportunidade de experienciar momentos e ligações assim.***



## JULGAR O LIVRO PELA SUA CAPA

A última história que tenho para contar é do bairro das Bétulas, a história do Jota. O Jota tem onze anos e é um dos jovens mais ativos e desenvolvidos que participam nas atividades do bairro.

Apesar de ter sido a pessoa com quem tive mais facilidade em falar, o Jota não é dado à escola. Está cerca de dois ou três anos atrasado em relação ao ano que devia frequentar e não é um aluno propriamente assíduo, o que se torna um impedimento ao seu sucesso escolar. No entanto, o Jota é um rapaz muito comunicativo e sensato. Foge muito ao estereótipo de “rufia” que se criou acerca dos ciganos adolescentes. Confessou que se tenta afastar de todo o tipo de confusões e de conflito, mas que, por vezes, sente necessidade de se defender. O ambiente escolar tanto pode ser um refúgio e um pretexto para a convivência dos estudantes, como também se torna facilmente num ambiente de tensão e de conflito entre colegas. Contou-me que por vezes chama as funcionárias da escola para que controlem certas situações, mas que nem sempre é dada a devida atenção as estas situações.

O bairro é das Bétulas é o sítio onde de sente em casa, mas passa todos os anos uns tempos em casas de familiares noutras cidades. O facto de sair muitas vezes do bairro faz com que questione a sua permanência lá na sua idade adulta, diz que não se importaria de viver noutro sítios um dia mais tarde.

O seu gosto pelo desporto reflete-se bastante nas suas opções de vida e nas suas ocupações. Desde pequeno que vai à pesca com o avô, joga futebol no bairro e está em atividades com os seus colegas que também frequentam a “salinha”, e tem o sonho de, um dia, aprender uma arte marcial como forma de autodefesa.

***O meu momento com o Jota fez-me perceber que, por mais que tentemos imaginar o que está no cabeça de outra pessoa, muitas vezes somos surpreendidos com ideias completamente diferentes das que predefinimos. Não devemos julgar um livro pela sua capa, mas sim tentar sempre perceber o seu conteúdo e conhecer o outro desprovidos de preconceito.***





## IV - DIÁRIOS DA REDENÇÃO

---

*Por Isabel Azevedo*

### OS ENSINAMENTOS DO DRAGÃO DE ÁGUA

O Arquivo, é secreto. O estado, altamente confidencial. O acesso, esse, é restrito. Ou pelo menos parte dele.

Todos temos aqueles pensamentos que passados em papel se tornam inacessíveis. Guardamos esses pedaços de papel como se fossem preciosidades raras. Um tesouro. Os textos que a seguir apresento são esse tipo de textos. Sempre disse que ninguém haveria de ter acesso aos meus diários. E apesar de algumas passagens aqui estarem descritas, não pensem que os conhecem. Porque não.

Abrir as portas para este tipo de mundo não é difícil. Difícil é fazer com que vocês entendam a complexidade com que todas estas experiências foram vividas. E aqui falo do privilégio. O privilégio de as poder ter vivido. Das pessoas com quem foram vividas. E de agora ter as histórias que tenho para contar.

Contudo, antes de começar há coisas que têm que saber sobre mim. Não sou comum. Tenho uma forma muito particular de ver o mundo, de olhar para as coisas, de contar histórias e experiências. Ligo-me às energias e deixo-me guiar pelo poder que cada um possui. Aquilo que vão ler são passagens verídicas da minha história. As mais marcantes? Essas não estão ao vosso alcance. Existem segredos que devem permanecer enterrados. A minha história passou-se num tempo longínquo, que descrevo como sendo a altura dos reinos e é aqui que começa a vossa missão, caso queiram ler o que tenho para vos contar.

Fechem os olhos e imaginem. Imaginem-se no mundo dos reinos. Num mundo em que existem castelos, reis, dragões, criaturas mágicas e uma Ordem de Cavaleiros que existe para mudar o mundo e deixar um legado que só quem tem o dom do compromisso e da redenção consegue dar continuidade.

São passagens do caminho que trilhei com o meu Mestre. Somos mutuamente Mestre e Aprendiz.

Eu sou o Dragão de Água e o meu Mestre é o Dragão de Fogo. Juntos, criamos o Yin-Yang. Temos estas e outras histórias para contar. E vocês? Que histórias têm para contar?



## O PODER DE MUDAR O MUNDO

Quando um dia te perguntarem se conheces alguém imprevisível capaz de te proporcionar os melhores momentos simbólicos que alguma vez poderias imaginar ter e de te fazer duvidar da tua própria existência, respondes que conheces o meu Mestre. Quem? O Dragão de Fogo, é claro.

Certo dia estávamos a ter uma conversa normal numa taberna perto dos reinos onde moro e enquanto contava ao meu Mestre o que fazia nos tempos vagos, ele ficou incrédulo a olhar para mim, sem perceber porque é que preferia permanecer no castelo a ler manuscritos e pergaminhos ou até a estudar na biblioteca as leis dos antigos feiticeiros, do que aproveitar para estar com outros aldeões e cavaleiros.

Sinceramente, não é que não queira estar com as outras pessoas, apenas gosto de aproveitar grande parte do tempo que disponho para ler coisas que me enriqueçam a mente sem ter que estar sempre a pensar nos compromissos que irei ter no futuro. E aqui, ele lançou-me uma questão “Até onde estás disposta a ir para mudar o mundo?”.

Eu sei, eu sei, o meu Mestre tem razão. Se calhar devia pegar em todo o conhecimento e técnica que adquiri até hoje nas nossas viagens e aplicá-lo, de forma a partilhá-lo com quem mais precisa, em vez de o manter fechado dentro de um livro antigo cheio de pó. Contudo, eu acredito que para mudarmos o mundo, temos que ir observando tudo o que nos rodeia, percebendo e conhecendo as nossas capacidades até nos sentirmos fortes o suficiente para entrarmos na vida dos outros. Isso, é algo que anseio fazer assim que surgir a grande oportunidade, pois sei que se em breve não arriscar, vou perder muitas oportunidades e o meu compromisso com a Ordem terá sido em vão. E sinceramente, não quero que isso aconteça. Por isso, em breve terei que pegar no meu escudo e na minha espada e lutar até perceber que tudo o que até hoje aprendi, fez a diferença, quanto mais não seja na vida de um único ser.

Pois mesmo que o fracasso conquiste a bravura, saberei que tentei lutar e que a derrota, não foi em vão. ***Porque pior sensação do que sentirmos que alguém morreu por nossa causa, é saber que alguém morreu por nunca lá termos estado e tentado.***



## A LENDA DA CABANA ABANDONADA

O mundo está cheio de lendas, mistérios, histórias e mitos. Hoje foi um dia totalmente normal que se tornou em algo extraordinariamente mágico.

Convidei o Mestre a ir visitar um palácio próximo do sítio onde vivo. Assim que chegamos ao palácio, este encontrava-se em remodelações, por isso não pudemos visitar os seus magníficos e deslumbrantes interiores banhados em ouro e diamante. Como tal, decidimos dar uma caminhada ao seu redor. Enquanto andávamos, íamos conversando sobre as histórias das nossas existências, até que me apercebi que o olhar do meu Mestre estava cansado, pesado, desgastado. E foi então que percebi que aquela caminhada com vista para a floresta e campos do palácio, eram exatamente o tipo de paz que ele precisava. Conforme falávamos, abordamos aquelas que são na perspetiva do meu Mestre, as características que balançam entre mim e a Tartaruga. Recentemente perante um obstáculo, preferi contorná-lo em vez de o enfrentar. Justifiquei então a minha atitude. Perante a explicação, o meu Mestre permaneceu no silêncio e nada proferiu.

Depois, decidi levar-me a um sítio peculiar. Não percebi de que destino se tratava, mas como de costume, deixei-me levar. As escolhas do meu Mestre nunca são uma decepção. Levou-me então numa caminhada pela montanha mais alta do seu reino. Pensei para mim “Não vale a pena pensar aonde isto vai dar. O que interessa é o percurso e não o objetivo “. Foi então que atingimos o cume e de lá via-se algo que eu antes nunca contemplara: a magnífica vista de todo o reino onde o meu Mestre nascera e habita. Era fascinante. Mas nesse mesmo sítio, existia uma casa abandonada, quase destruída pelo passar dos anos. Foi então que o meu Mestre me contou que naquele sítio residia uma velha lenda com centenas de anos:

*“Há muitos anos atrás, um casal tinha um filho e esse filho sofria de problemas de respiração. Mas como naquela altura as curas eram escassas, eles decidiram construir uma casa naquele sítio, no pico mais alto, da montanha mais alta do reino, em cima de penedos gigantes, num precipício, rodeado de árvores que emanavam ar fresco. Mas certo dia, ninguém sabe como, o casal e o filho desapareceram daquela velha casa e nunca mais ninguém soube deles até aos dias de hoje. A casa ainda permanece no mesmo sítio, mantendo viva a história daqueles que outrora viveram e desapareceram”.*



Fiquei ainda mais fascinada por aquele lugar. Mas o que mais me fascinou foi ver a calma e felicidade nos olhos do meu Mestre. Porque neste caminho da redenção, aquilo a que dou mais valor não é ao Ritual, às provas ou às superações, mas sim a estes momentos. Momentos em que sei que posso dar algo minuscilmente mágico, capaz de pôr um sorriso naquele que é o grande Cavaleiro de Fogo. ***Porque o que importa são os momentos da caminhada e não o objetivo.***



## QUAL O MEU PLANO DE VIDA?

Todos nós vivemos na dualidade de saber o que queremos para o futuro ou de não fazermos a mínima ideia do que queremos. Já vos aconteceu? De certeza que sim. Pois bem, chegou o dia em que tive que pensar no que queria. O que queria, mas a longo prazo. E posso dizer que desde o meu regresso ao caminho da redenção, tive a prova mais desafiante até então.

Após me ter encontrado com o meu Mestre numa antiga taberna de uma das suas cidades natais, tive a tarefa de explorar e decifrar um pergaminho que trazia consigo. Sim, porque o meu Mestre não se limitava a percorrer lugares e ensinar-me valores, ele entregava-me provas para realizar. Ao abrir deparei-me com “Qual o meu plano de vida?”. Sinceramente não fazia ideia do que daí poderia vir, até que o meu Mestre pegou na sua pena e começou a traçar algumas anotações no pergaminho.

Fazer planos de vida não é algo difícil, perspetiva-los em termos de concretização, é outra história. Mas esse era o desafio que se estendia diante dos meus olhos. Para a resolução da prova recrutou a Tartaruga como minha conselheira. A missão era tentar projetar o meu futuro em 3, 6 e 9 épocas anuais. Não podia ser mais difícil. Principalmente para mim que não gosto de fazer planos num prazo tão extenso. Deveria delinear alguns pontos importantes, como escolha filosófica, o que seria prescindível nessa viagem, entre outros.

Decidi então contactar a Tartaruga via Coruja, já que a mesma estava em retiro nas lagoas do Rio Sonho. Ao seguir os seus conselhos, delineei um pergaminho no qual focava essencialmente o meu trabalho, missão pessoal e escolhas que inevitavelmente teriam que ser feitas.

No dia seguinte, ao encontrar-me com o Mestre, mostrei o resultado da prova. Após analisar disse “esta não és tu. Tudo o que escreveste é demasiado realista e restritivo. Onde estão aqui os teus sonhos, aventuras, ambições, onde é que tu estás no meio disto?”. Respondi “Mestre, como era possível fazer algo à minha imagem, quando me deste de companhia o meu oposto e a pessoa que mais me faz ver o lado realista da minha existência?”. Ele olhou para mim com um olhar profundo e respondeu “Tens razão. Vais refazer a prova, mas sozinha. Deixa voar a tua loucura e mostra-me o teu verdadeiro espírito. Faz deste, o plano mágico da tua vida”. E assim fiz.



Retirei-me para o meu quarto na Torre dos Magos e olhei para o pergaminho. “Isto vai ser interessante”, pensei eu. Dei corda à minha caixa de música, peguei na pena, desenrolei o pergaminho e deixei-me levar pela imaginação. Escrevi sem parar. ***Quando olhei para o resultado, vi o meu espírito.*** O meu plano de vida era totalmente diferente do que havia sido projetado anteriormente.





## DE VOLTA AO CAMINHO...

O dia em que assumi o símbolo Dragão de Água parece agora uma memória distante. Muita coisa aconteceu desde então. Desde esse dia, assumi a minha missão e tenho trilhado caminhos nas florestas mais densas e atravessado rios inconstantes. O tempo tem estado inquieto. As casas do reino são assombradas pelos ventos vindos do Norte. O povo tem-se dedicado ao trabalho dentro de suas casas e o convívio nas tabernas parece ter dissipado. Sinceramente acho que todos são consumidos pela incerteza que nos faz olhar o horizonte em busca da algo.

Por estes dias, decidi alojar-me num vilarejo longe do reino. Toda a energia que pairava nas ruas era desgastante. Tomei por companhia o Mago, que me tem guiado nos momentos de dúvida e nas inconstâncias da caminhada.

Do meu Mestre, o Dragão de Fogo, nada sei. Ouvi rumores que após a nossa separação depois do meu Ritual, tem trilhado caminhos pelos desertos longínquos em busca de uma nova forma de serenidade que o leve a atingir o conhecimento mais elevado. A Alquimia da Eternidade. Não sei como vai essa busca, mas algo novo com certeza trará na sua bagagem. Se regressar...

Tenho-me questionado se devo regressar ao caminho que assumi como missão a algumas épocas anuais ou se devo permanecer com o Mago no conforto das almofadas do destino. O meu coração diz que sim, mas a minha mente continua inundada de dúvidas. Voltarão as coisas a ser como eram? Claro que não. E talvez essa seja a razão pela qual eu devo regressar, pegar na bagagem e ir em busca do Mestre perdido num dos cantos do Mundo imenso que nos rodeia.

Por muito que queira trilhar o meu próprio caminho, a jornada com o meu Mestre parece incompleta, como se algo de essencial faltasse... Não tenho bem a certeza do que é, mas com certeza irei em busca dessa chama que me incomoda tão agradavelmente e me faz pegar no cajado que me acompanhará nesta próxima viagem.

***Tenho que admitir que embora continue a acompanhar os novos aprendizes aspirantes a cavaleiros, não sinto o chamamento para ser sua Mestre. Desde o Lobo, ainda não sinto que a altura de passar o legado tenha chegado.***

Depois de refletir, despedi-me do Mago e pedi que continuasse o trabalho até agora construído. A minha jornada pelo Caminho da Redenção estava prestes a



começar. Encontrar o meu Mestre e voltar ao caminho era agora mais do que uma missão, era uma esperança, mas um grão de areia comparado ao que nos esperava.

O destino chamava por nós...





## V - VIAGENS EM MILÉNIA

---

### YBER

#### VOLTAR NO TEMPO

*Yber* estava sentado numa das colinas mais altas da ilha de *Gorge* a contemplar a Montanha do Horizonte, quando foi interpelado pela mestre *Tortuga*: “- O que é que tanto te prende o olhar?”

Ao que *Yber* respondeu de forma pensativa: “- Não sei bem porque razão, mas a Montanha do Horizonte parece um espelho da linha do Tempo, todos os altos e baixos no seu relevo fazem com que eu sinta a necessidade de voltar a reviver alguns dos momentos com os meus companheiros de caminho.”

Mestre *Tortuga* intrigada questionou: “- E de que forma essa viagem te traria algo de útil nesta tua jornada?”

*Yber* depois de pensar durante algum tempo respondeu: - “Mestre, nunca sentiste a necessidade de voltar atrás no tempo e perspetivar tudo aquilo que fizeste?” “- Senti!” – respondeu Mestre *Tortuga*. “- Existe uma velha lenda sobre o *Colar do Tempo*, que dizem estar escondido na bruma desta ilha e que consegue fazer parar o tempo bem como avançar e recuar.”

*Yber* continuou a contemplar a Montanha do Horizonte e quando deu por si, compreendeu que esta lenda era real. ***Que existia nele a capacidade de se perspetivar no tempo, e que assim poderia parar e calibrar todo o engenho que permitia a continuação do seu caminho espiritual.***



## MUNDO DA LUA

Havia um local sagrado a duas ilhas de distância de *Gorge*, conhecido como o *Mundo da Lua* entre mestres e aprendizes. Tinham planeado num dos dias da sua jornada partir em busca de um tesouro sagrado que tinha sido escondido por ancestrais naquele local. À primeira vista parecia impossível lá chegar, pois ninguém conseguia achar um caminho por entre todas as pedras.

*Yber* e *Kondor* observavam atentamente até que conseguiram achar uma passagem. *Kondor* antes de começar a subida, comentou que para conseguirem chegar lá, teriam que desafiar o impossível. Ao que *Yber* questionou: “- Mestre, quantas vezes tentamos o impossível?”

“- Tens razão *Yber*” – respondeu Mestre *Kondor* “- Mas desta vez é diferente, temos que ter em atenção as capacidades dos restantes companheiros de caminho. ***O nosso caminho cruza-se com o caminho dos outros e assim ao caminharmos juntos, caminhamos o nosso próprio caminho.***”

Por fim todos conseguiram chegar até ao topo do Mundo da Lua e encontrar o tesouro, pois desafiar o impossível, fazia parte dos dias daqueles mestres e aprendizes.



## CORRENTES DO AMOR

A jornada em terras de *Milénia* estava prestes a terminar, quando *Yber* foi juntamente com os seus companheiros de caminho até à Caldeira do Poder, lugar conhecido pelos locais como um local majestoso e imponente. Começaram uma longa caminhada até que pararam para contemplar a beleza de tamanha grandiosidade.

Mestre *Kondor* preparara um momento de reflexão para o grupo, lançando a questão sobre o que é que nós percebemos que estávamos a conter até agora. Um a um fomos partilhando aquilo que continham, fosse algo positivo ou negativo relativamente a alguma fase da sua vida.



Quando chegou a vez de *Yber*, este teve bastante dificuldade nas palavras que iria articular sobre o que estava a conter. Após algumas tentativas acabou por conseguir, dizendo: “- Aquilo que continuo a conter é a incapacidade de me expressar e falar sobre o Amor, mais concretamente sobre o Amor de Pares.”

Todos se admiraram, pois sabiam que havia algo de que *Yber* não falava com regularidade, mas finalmente, *Yber* conseguiu admitir uma das suas fraquezas perante os outros. ***E tu, será que consegues fazer o mesmo?***

*Fábio Faria*



---

---

**MAR**

## **O PODER DOS AMULETOS**

Tudo começou quando eu, Mar, embarquei na minha primeira aventura por *Milénia* como Aprendiz na Ordem dos Cavaleiros do Poder juntamente com outros aprendizes, companheiros e mestres. Todas as experiências me fascinaram, mas sem dúvida que o momento que mais me marcou foi no dia em que tivemos de falar sobre os nossos amuletos e após partilhar o significado das pulseiras que carregava no meu pulso direito, às quais atribuía o poder de amuletos, um dos Mestres me disse para cortar uma delas. Assustada com tal prova, recusei-me, pois todas elas representavam pessoas importantes para mim. O Mestre deu-me apenas um dia para tomar uma decisão.

A verdade é que durante o dia seguinte com tantas tarefas e momentos, não consegui ter a oportunidade que queria para o poder abordar. Quando chegou o final do dia e o momento em que o grupo se reunia, o Mestre que me tinha dado aquela prova, fez-me um ultimato e se eu não cortasse uma delas, ele próprio me cortaria todas.

Depois de insistentemente ter questionado o porquê sem obter uma resposta, decidi e cortei uma. Mais tarde nessa mesma noite acabei por cortar todas. Foi difícil? Agora digo que não porque a lição que tirei foi muito mais valiosa. Todos os meus amuletos simbolizavam pessoas que têm uma grande importância na minha vida e não era por cortar aqueles objetos que a minha relação com elas mudaria.

***Não podemos dar tanto valor aos bens materiais só porque representam pessoas, elas não são substituíveis. Por mais significados que representem, o essencial mantém-se guardado para sempre dentro de nós.***



## AS INTENÇÕES ESCONDIDAS

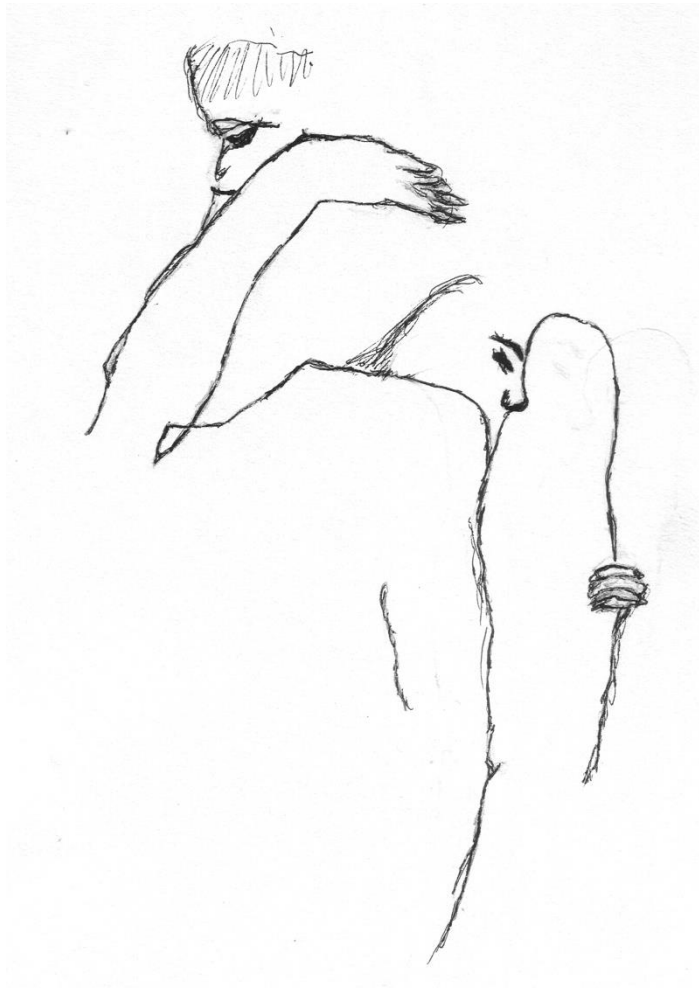
Numa das reflexões que realizei no meu clã na minha jornada por *Milénia*, abordamos o tema das nossas intenções escondidas e durante o meu momento de partilha disse que uma delas era, o estar prestes a entrar numa nova etapa da minha vida, e escolher quem queria que me continuasse a acompanhar.

A minha Mestre fez-me questionar o porquê de ter optado por uns em vez de outros e foi aí que realmente percebi que também tinha intenções escondidas em tê-los escolhido. Escolhi aqueles, que na nossa relação me assumem como a protagonista

e, portanto, aquelas que eu conseguia liderar, pois, inconscientemente eu escolhia quem me dava a oportunidade de ser quem eu procuro ser.

Mas a conclusão que retirei é que ***muitas das vezes nós não estamos com as pessoas pelo que elas nos acrescentam, mas pelo que elas nos fazem sentir.***

*Verónica Santos*



## MASO

### QUESTIONAR

A aprendiz *Maso* já realizou várias viagens, e em todas elas trouxe uma nova aprendizagem adquirida com os mestres.

Desta vez iniciou mais uma viagem, mas ao contrário do que acontecia em viagens anteriores *Maso* foi sem qualquer expectativa, estava à mercê do que esta lhe poderia trazer. A sua única certeza era o destino desta viagem, tudo o resto seria mais uma descoberta e mais uma aventura.

Numa primeira paragem a aprendiz *Maso*, juntamente com os restantes aprendizes e mestres aprendizes, foi explorar e descobrir uma floresta, onde, com um pouco de atenção apenas se ouvia o cantar dos animais que os rodeavam.

Foi nessa altura que os mestres falaram sobre o objetivo da viagem à Ilha de *Gorge*. Já no final do dia a aprendiz *Maso* chegou à sua primeira lição, a primeira de muitas desta viagem: ***nada acontece por acaso***, e a questão de *Maso* partia precisamente disso, porque embarcou ela nesta viagem?

A única certeza que tinha era de que os próximos dias seriam de muitas aprendizagens.



## NÃO PARALISAR

Esta viagem que *Maso* iniciou já conta com três dias, já foram vários os locais que exploramos e com os quais todos se deixaram deslumbrar. Para *Maso* esta é mais uma prova de que não deve criar expectativas para as suas viagens e deixar-se apenas levar pela surpresa.

No entanto, as saudades de casa começaram a surgir, e foi num dos momentos “chi” (momento do equilíbrio) que *Maso* teve uma enorme vontade de partilhar este sentimento com outro aprendiz. Confessou ainda, que este pensamento a estava a desmotivar e a sugar-lhe parte das energias.

Ainda assim, *Maso* prometeu a ela mesma, ***não deixar que isso afetasse tudo aquilo que ela tinha para dar, não só pelos outros, mas sobretudo, por si mesma***, para que esta aventura fosse vivida da forma que ela merece.

*Maso* teve ainda momentos de reflexão, onde se questionou se estaria a usar bem o seu tempo, pois este é um bem finito e é importante construir algo com ele. Quando avançamos, devemos saber de onde vimos.



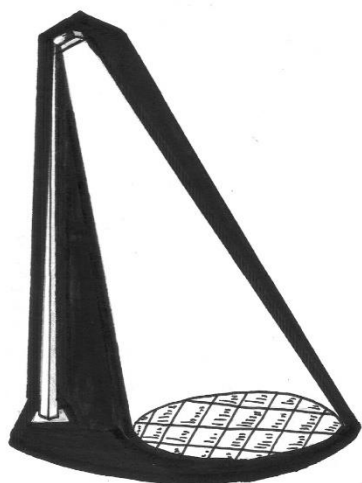
## VOLTAR ATRÁS NO TEMPO

Os dias foram passando, e a Ilha de *Gorge* surpreendia cada vez mais, com os locais que *Maso* jamais poderia imaginar que existissem.

Mas, o que faz estes locais valerem a pena, são os aprendizes e os mestres aprendizes com quem *Maso* tem partilhado vários momentos. Momentos esses que lhe vão ficar eternamente na memória e que a farão recordar os locais que descobriu.

Esta viagem está prestes a chegar ao fim, e ao longo dos dias, os aprendizes têm aprendido muito e chegado a várias conclusões. Uma delas é que ***quando***

***percebemos que temos de voltar atrás no tempo, para ler e observar as nossas atitudes e as nossas decisões, conseguimos abrir novas portas. Ao mesmo tempo, quando olhámos para trás no tempo, temos a oportunidade de refletir e perceber os nossos padrões.***



Mais uma vez, *Maso* interiorizou tudo o que aprendeu para poder trabalhar não só com os outros, como também consigo própria.

*Ana Sofia Martins*





**RUÍZ**

### **É TEMPO DE VIVER**

*Ruíz* acorda todas as manhãs fazendo a mesma pergunta consecutivamente. Embora pareça ridículo, ele tenta programar ao máximo, mas, com o decorrer do dia apercebe-se de que nem sempre a pergunta tem que ter uma resposta. Porquê questionar algo que ainda não foi feito? Tudo isso tem um porquê, a resposta a tudo isso está na sua insegurança, é como se todos os dias pela manhã ele usasse o colar do tempo e o parasse para se questionar.

A magia e a fusão de energias que surgem pela caminhada através das paisagens, pessoas, momentos... tudo isso ajudou na hora de dar todas e quaisquer respostas!

Conclui então que ***viver o momento é bem mais gratificante do que questionar o que vem a seguir***. Deixar-se levar pelo clã que o acompanhava é sem dúvida uma dádiva que cada vez mais aprecia.



## RECARREGAR PARA O QUE SE SEGUE...

Deixou que o tempo passasse por entre os seus dias e quando deu por si estava completamente entregue à aventura, deixou que a mesma comandasse a sua mente e toda a aventura começou a ser alimentada e vista de uma forma diferente.

*Ruíz* está prestes a terminar mais um ciclo, não foi tão dramático quanto parecia no início. Sente que deu o melhor de si, deu aquilo que de melhor sabe dar e em compensação recebeu aquilo que de melhor podia ter recebido, a energia de todo um exército, sentindo-se assim leve e com as baterias recarregadas.

O mundo lá fora aguarda por cada momento, a dedicação que deu a cada um dos elementos deu-lhe algo de muito bom, que este pequeno guerreiro espera poder usar no mundo que vai agora construir. Alimentando-se de energias, sorri e diz a si mesmo que não mudaria nada em toda esta caminhada.

*Rui Oliveira*



**AS PEQUENAS COISAS**

Hoje iniciei uma jornada para uma terra para lá das nuvens. Para lá chegar tive de sobreviver aos mares, numa geringonça na qual nunca antes tinha entrado. A sensação de voar nela é inimaginável, o equilíbrio criado entre o ar e a tal geringonça, era tal que me fazia entrar nesse equilíbrio. Podíamos também através de uma pequena janela observar o mar e a sua imensidão e perceber o quão pequenos somos neste mundo.

Com o início da aterragem podia já ver pastos verdejantes, as enormes ravinas e pequenas aldeias desse grande conjunto de Ilhas mágicas. Mais tarde voltamos a entrar noutra geringonça ligeiramente mais pequena que nos levava ao nosso destino final. Quando voltamos a aterrar deparei-me com uma ilha do outro lado de um pedaço de mar. Ela era escura, misteriosa e apresentava uma montanha enorme, mas esta ficará para outra aventura.

Este fora apenas o primeiro dia desta jornada. Mas este que eu pensava ser apenas um meio para alcançar o nosso destino, tornou-se numa aventura que me afetou física e psicologicamente.

***Por vezes são nas pequenas coisas que encontramos as verdadeiras aventuras.***



## O MESTRE

Neste segundo dia, já com o acampamento montado, partimos cedo para mais uma aventura. Primeiro dirigimo-nos para onde a água e as montanhas se encontravam e formavam um reservatório de águas do mar controladas.

Mais tarde, depois de saciarmos a nossa fome dirigimo-nos a um lugar mágico onde outrora havia existido um vulcão para treinarmos a arte da orientação e termos a oportunidade de ver horizontes que nunca antes tínhamos visto.

Mas foi quando nos dirigimos para uma região perto da cratera, que eu verdadeiramente senti um equilíbrio. Foi quando estávamos a fazer o exercício da arte de estar, que partilhei com uma companheira, que eu entendi o verdadeiro significado daquele lugar.

Neste lugar os quatro elementos encontravam-se em harmonia, ali sentia a segurança da terra por debaixo dos meus pés, ouvia o som da água a bater nas grandes ravinas vulcânicas, o ar a controlar o equilíbrio do meu corpo e o fogo proporcionado pelo grande astro a aquecer cada espaço de pele exposta. A harmonia dos quatro elementos, naquele momento, era a minha harmonia.

Depois do exercício o meu mestre aproximou-se, abraçou-me e olhando em conjunto comigo para aquela imagem de harmonia disse: “- Este é o caminho.”

***Ali percebi que o Mestre me ajudou a revelar o caminho, mas somos nós a escolher se o fazemos...***



## O DESAFIO

Neste último dia, reunimo-nos nas origens desta nova ilha e procuramos nos laços de fantasia que havíamos traçado encontrar o silêncio.

Mais tarde num dos momentos de equilíbrio com um dos meus companheiros de caminho, *Seanoch*, falei-lhe sobre as minhas inseguranças. Dizia eu: “- Eu quero viver esta imaginação, mas não sei transparecer o que aprendo aqui para a realidade.”

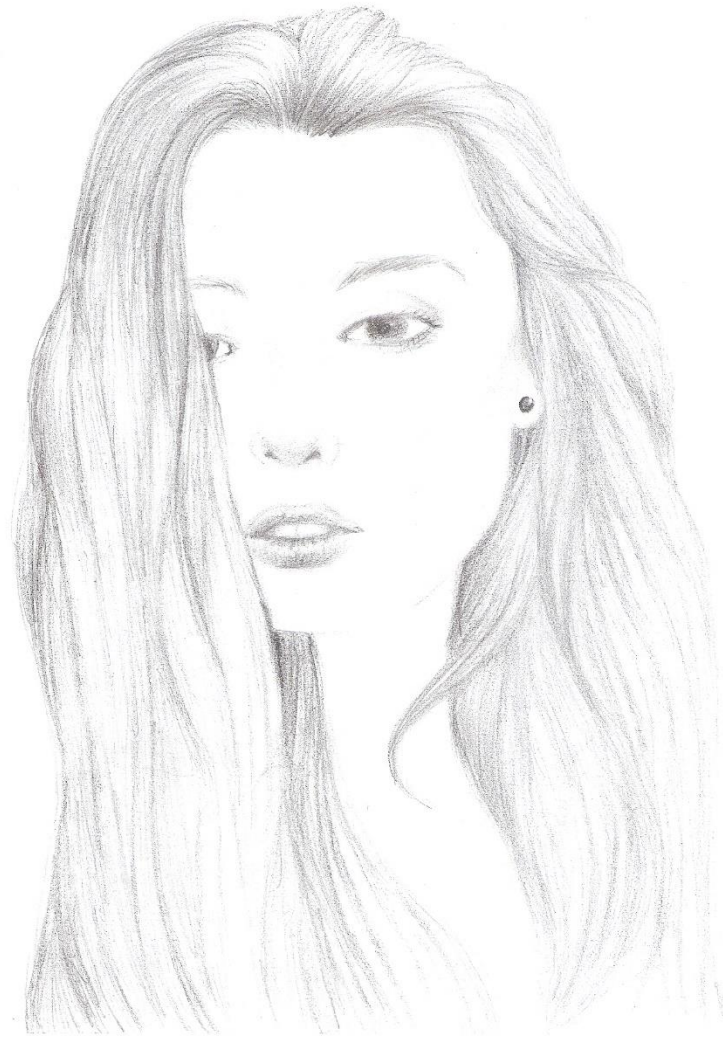
*Seanoch* ficou a pensar e respondeu: “- ***A melhor maneira de levares o que aprendes aqui para os teus lugares, é fazeres disto a tua realidade.*** Esse é o grande desafio. Não vivas isto como um sonho, vive-o como parte do teu dia-a-dia se tratasse. Só assim conseguirás realmente compreender o valor das aprendizagens que fazes aqui. “

*Telmo Pinheiro*



## O SILÊNCIO É O CAMINHO

Estávamos no segundo dia desta viagem que nos propusemos a fazer. Sítios de um imaginário perdido esperavam-nos e lugares cheios de energia orientavam-nos. Com uma vista para o mar, num dos lugares mais fascinantes, um dos Mestres pediu-nos para nos juntarmos a pares e nos encontrarmos naquilo que eram os quatro elementos em toda aquela paisagem, sem pensar em mais nada. Rapidamente me juntei a um dos meus companheiros de caminho e tentei pensar no que o Mestre havia dito. Não foi fácil concentrar-me, aliás, não é fácil boa parte das vezes. A minha alma



nem sempre se consegue conectar e as minhas energias nem sempre se conseguem tocar.

Até que, *Elmus* me abordou: “- *Jade*, eu seguro na tua mão, não tenhas receio, deixa-te ir, equilibra e concentra os elementos.” - De mão dada, sem pensar em nada, eu, que tanto me estava a custar concentrar-me, senti a energia.

***Às vezes, nos pequenos momentos nasce a magia procurada por alguém que está atento e que nos faz perceber que o silêncio é o caminho, não a solidão.***



## MAGIA

Às vezes sinto que não é fácil expressar-me em sentimentos bons, ou momentos que por si só foram felizes e me contaminaram positivamente. Mais um dia nesta terra encantada, os sentimentos e a magia cada vez crescem mais e por acréscimo, as aprendizagens também. Hoje, neste dia que mais me marcou por toda a simbologia, sinto-me completamente livre.

O sentimento está mesmo naquele lugar que me trouxe magia, cumplicidade e novas ligações. Depois de apreciarmos aquela incrível paisagem e de tudo o que estava ao nosso redor, senti uma grande conexão com aquela paisagem, com aquela caminhada e com todos os sentimentos que surgiram dela. Sem forçar nada, respirei e pensei: há pessoas e sítios com quem criamos ligações inatas.

A magia apoderou-se de nós, os quatro elementos fundiram-se e a energia culminou em nosso favor. Um dos lugares mais mágicos da minha vida, um dos sítios mais bonitos e até mesmo um dos melhores dias vividos para mim nestes quase 18 anos.

Libertei a minha energia negativa para receber a nova e, de seguida, equilibrei-a com todos os meus companheiros de caminho. As lágrimas apoderaram-se de mim, a energia sentida era tão intensa que explodia ao visível. Tudo naquele momento fez sentido, nada mais havia a dizer, a trazer, senão um obrigado.

*Mariana Cardoso*



## CASSIOPEIA

### ADMITIR

Depois de uma longa viagem, finalmente chegamos à Ilha de *Gorge*.

O primeiro local que visitamos foi a floresta de Silveira, um local mágico onde a Natureza se encontra em harmonia e a paz nos invade.

Foi nesse pequeno canto do paraíso que nos explicaram a nós, Aprendizes e Mestres Aprendizes, as tarefas e os desafios que teríamos pela frente. No entanto, nada do que imaginávamos chegaria a comparar-se à dura realidade.

Foi na manhã do dia seguinte, que aprendi a primeira de muitas das lições desta jornada. Depois de juntamente com outros Aprendizes e com Mestre *Tortuga*, refletir sobre as minhas verdadeiras intenções, em diversos aspetos da minha vida concluí que as nossas intenções são apenas um ponto de partida, isso não implica que seja o ponto de chegada. E, ***é ao admitir este lado mais mesquinho e egoísta de nós mesmos, que podemos alcançar decisões mais conscientes.***

*Bárbara Bernardino*





## A BATALHA

As viagens têm sido regulares. Umas físicas, outras espirituais e emocionais. Esta viagem em específico engloba todas estas partes. Esta Ilha trás uma paz imensa e faz-me querer mais. A ilha de *Milénia* traz-me memórias, memórias de limite, confusão, indecisão, mas no final de tudo, superação, orgulho, força...

E aqui estou novamente, apesar de uma ilha diferente, o sentimento é o mesmo. Ainda é um pouco cedo para determinar o que acontecerá, mas afinal que aprendiz serei eu se quiser controlar isso?

As coisas vão acontecendo com a maior das naturalidades e nada é forçado. Ainda apenas com um dia passado, consigo prever que a próxima aventura será sempre mais dura que a anterior.

Apesar de já ter estado num local similar, o objetivo continua o mesmo, mas como tudo passa e o tempo também, o meu objetivo está agora mais maduro e definido. Esse objetivo passa por eu me querer treinar, um treino que complemente todos os outros já realizados.

Está a acompanhar-me um sentimento nostálgico. ***Um guerreiro está sempre disposto a novos desafios, por mais pequenos que sejam, pois se não queremos aceitar o pequeno, nunca seremos humildes o suficiente para atingir o grande.***

Por estes dias deparei-me com um desafio que para muitos parecera surreal, mas, no entanto, senti-me com uma força enorme a superá-lo. Um outro guerreiro propôs-me uma batalha, este guerreiro é alguém com quem eu não mantenho contacto pois sinceramente nunca foi importante, mas, durante esta batalha percebemos que não temos que combater um contra o outro, mas sim unirmos forças para que todos os exércitos que tentem colocar-se no nosso caminho sejam derrotados com facilidade.

Uma lição que o meu Mestre me ensinou numa das minhas jornadas é que ***não precisamos de ser amigos para conseguirmos uma parceria imbatível.***

Angélica Oliveira



## SURIA

### SILÊNCIO INTERIOR

*Suria*, andava revoltada com o mundo real dela, contudo chegou o dia que tanto esperava, finalmente os seus familiares, embora com uma grande dor deixaram-na seguir o caminho dela, tendo finalmente a sua liberdade.

Seguiu o seu caminho e passado algum tempo encontrou o mundo no qual queria viver, esse mundo era perfeito, calmo, com um grande manto de vegetação onde ela podia subir até ao topo das árvores e apreciar os sons da natureza. Esse mundo estava rodeado de água cristalina, pura, calma, que mais tarde viria a tornar-se no seu refúgio.

*Suria* já viajou para vários lugares encantados, mas neste caso ela decidiu partir para outra fase mais madura. Neste momento está a viver algo que já esperava há algum tempo. Chegou o momento de ela brilhar. Está a tornar-se mais independente, sabe tomar as suas próprias decisões sem hesitar, nem criar grandes confusões na sua cabeça. E hoje, sentiu algo de diferente. Durante o dia criou um momento com os restantes habitantes que ia encontrando na sua viagem, dedicou-lhes algumas palavras e até expôs os seus sentimentos em relação à sua viagem de afirmação. *Suria* sentiu-se orgulhosa de si mesma, sentiu-se bem consigo própria, pois finalmente conseguiu afirmar-se e decidir sem rechar o momento seguinte. Mas para isto acontecer, houve algo de muito importante que *Suria* teve de aprender. *Suria* precisou do seu silêncio interior. ***Para encontrar o seu equilíbrio emocional, precisou de se ouvir no meio de todo o ruído*** e só assim conseguiu escutar a sua voz e força interior para conseguir continuar a caminhar.

*Sofia Ribeiro*



## ZAKI

### EXISTEM DIAS ONDE REALMENTE TUDO MUDA

Eu (*Zaki*) e *Vulcano* decidimos montar a nossa própria jangada e partir na nossa própria aventura. Partimos de *Galia*, uma pequena terra perto de *Hispania* em busca da nossa própria aventura. Antes de partir levei quatro amuletos pois podia precisar de ajuda e de fé em alto mar.

O primeiro era Becas, um pequeno companheiro de viagem, que me acompanhava há dezanove anos; o segundo amuleto era um pequeno colar muito comum, o meu colar encontrava-se sempre presente ao lado do meu lugar de aconchego; o terceiro era uma máquina fotográfica, algo utilizado por sonhadores e que consegue ler para além dos nossos olhos; e por fim e não menos importante a pedra do amor, que representa o seu amor e companheiro, Paul.

*Vulcano* e eu, após reunirmos todos os nossos pertences, despedimo-nos das nossas famílias e partimos. Quando começamos a ficar rodeados de mar, falámos acerca dos nossos pertences e refletíamos: “- Todos temos mundos e fundos, todos temos tudo facilitado, mas o que é que realmente importa? Os objetos ou as pessoas?” Inocentemente respondi: “- Por vezes quando sentimos falta de alguém ou algo temos a tendência a utilizar alguma coisa para os personificar. É para isso que usamos estes objetos, para nos sentirmos vivos e completos.”

Passaram horas, minutos, segundos naquela jangada. Continuava sem rumo e sem ligação a nada. Sentia que tudo que passava em alto mar era em vão e que aquela viagem que estava a realizar com *Vulcano* não era o que realmente queria fazer, mas apesar de tudo, saí da minha zona de conforto.

Passado alguns dias após estar perdida no oceano continuava sem entender o objetivo daquilo, o objetivo do momento. Até que começamos a avistar uma ilha, ilha esta perdida no meio de outras e que nos despertou imensa atenção e alegria. Decidimos atracar na ilha para explorar e procurar alguns mantimentos.

Mal paramos a jangada cruzamo-nos com um grupo de pessoas iguais a nós no aspeto, mas diferentes na maneira de pensar. Então *Vulcano* e Eu, conhecemos um velho sábio, daquelas personagens com as palavras certas para nos dar. Era o nosso velho mestre.



Falei com ele e mostrei-lhe que não tinha objetivos nem metas na vida e que me atirei de cabeça para o oceano sem entender o objetivo. O velho olhou para mim e disse-me que ficou magoado com o meu laxismo: “- Como és capaz de não ter objetivos na vida, de não cresceres por ti nem com magia!? Acredita que se não mudares isso, vais perder, vais-te magoar, mas acima de tudo é grave!” - Furioso acrescentou: “- Pensa no que queres, pensa na tua vida e reflete, se não fores capaz de entender o que fazes aqui, vou ter de te abandonar e terás de percorrer o teu caminho na tua solidão.”

Passaram-se alguns dias após me ter cruzado com o velho, esperava não o encontrar após a discussão que tivemos em dias passados. Escalava Esperança, o ponto mais alto daquela ilha, o ponto com a vista mais encantadora e onde me senti confortável.

Quando me ia a retirar de Esperança o velho sábio apareceu... Naquele momento esperava encontrar toda a gente menos ele, o que fez com que tivesse um sentimento desconfortável.

Trocamos algumas palavras e como se nada tivesse acontecido, tudo se tornou natural e simples.

Aí, entendi que os anticorpos que antes sentira, foram criados por mim, que o medo de parar era só meu e que o meu sábio mestre apenas me estava a tentar ajudar e o erro foi meu por ter paralisado e ter ficado mal com a situação.

De volta à jangada, partimos numa nova aventura, num novo desafio. Quando demos conta encontrávamo-nos em *Flai*. *Flai* era uma ilha diferente das outras, era uma ilha simples, mas bela pelos seus pequenos pormenores.

Decidimos sair da jangada e escalar montanha acima para apreciar a sua beleza. Chegamos à Caldeira. Esta era um dos sítios mais especiais que alguma vez vi. Caldeira, virada ao contrário era a juba do leão, era o seu poder! Assim, ali percebi que estava ligada a ela. Era como se o mundo tivesse parado.

O meu mestre havia-me falado sobre qual era para si o conceito de refúgio. Então, humildemente juntou-me as mãos e disse-me: “-Refúgio é o sítio onde te sentes completa e que tudo à tua volta não existe, tudo para e a vida fica em paz, e tu encontraste esse lugar, agora sente o vento e os elementos e em seguida agradece por teres cá chegado.”



*Zaki viveu e aproveitou a aventura, aprendeu, chorou e sentiu! Quando se despediu do seu velho e sábio mestre parafraseou as maiores aprendizagens daqueles dias: - **Tenho a noção da sabedoria do meu último passo. Percebo que somos finitos e que temos muito mais para aprender e que o treino é mais que um mecanismo, é uma constante.***

*Francisca Mendes*



## TÁRTARUS

### TESOUROS ESCONDIDOS

Encontro-me na ilha de *Gorge*, é o fim do primeiro dia desta aventura de oito, que realizo com mestre *Drakon* e mais 17 outros aprendizes. Depois de chegados à ilha, quando já o sol se punha por detrás da grande montanha, partimos em busca de



tesouros escondidos.

Pelo caminho paramos a contemplar a verde erva e o som dos animais, numa harmonia quase perfeita. Mesmo sem encontrar ainda os tesouros escondidos o mestre ordenou que o grupo se reunisse para aquele que era o primeiro momento de reflexão e de partilha.

Sentamo-nos em volta da pequena pedreira que havíamos encontrado. O mestre *Drakon* começou por partilhar os amuletos que trouxera e as suas histórias reais em torno destes. Em seguida, foi a vez dos mestres aprendizes *Tortuga* e *Lyn*. O tempo escasseava e já começava a escurecer quando o mestre interrompeu o momento e leu em voz alta um dos manuscritos que havia escrito na última viagem que fizera à ilha de *Gorge*. A história contava uma longa caminhada em busca dos cinco mestres do silêncio, pelas Fajãs.

Depois da descrição dessa caminhada o mestre revelou que chegados ao destino, não encontraram ninguém e foi então que a mensagem final chegou: “Há



sítios que só por si, são a própria magia e essa só é visível se estivermos disponíveis para ver além do que procurávamos”.

Estas palavras ecoaram pela minha mente, e em breves segundos eu percebi o propósito de toda aquela caminhada em busca dos tesouros escondidos que não tínhamos supostamente encontrado no meio da natureza.

Os verdadeiros tesouros são as histórias e os momentos que vivemos, que estavam ali, simbolicamente representados nos amuletos que cada um trouxera para a ilha. Os verdadeiros tesouros não se procuram no meio do nada, do vazio, eles acompanham-nos sempre. Eles representam cada uma das quatro fases do nosso caminho, o amuleto da Terra, da Água, do Ar e do Fogo.

***Os nossos amuletos representam o que nós somos e o que vivemos e esse é o nosso grande tesouro.***



## OS PROPÓSITOS

Estávamos no segundo dia da nossa viagem. Já há muito escurecera quando nos juntamos todos para o conselho de mestres e aprendizes da noite.

No meio de toda uma intensa e pesada reflexão, o grande mestre *Drakon* começou por confessar a sua desilusão pela inércia e incapacidade que os aprendizes haviam demonstrado no decorrer do dia perante todos os desafios e faltas de iniciativa. Durante esta confissão o mestre questionou: “Qual é o propósito da vossa vinda até aqui?” A primeira aprendiz a tomar a iniciativa respondeu, após alguns segundos de silêncio coletivo: “- Estou aqui para me desafiar e descobrir mais sobre mim.”

O mestre retorquiu: “Precisavas de estar aqui para o fazer?”

A aprendiz baixou a cabeça timidamente e não respondeu. O aprendiz mais perspicaz, *Fox*, tomou as rédeas e contou uma história... Uma batalha contra ele mesmo que depois se tornara numa batalha com todos os outros. E, numa tentativa de salvar o grupo concluiu: “- ***Acho que é isto que viemos todos aqui à procura, não só lutarmos com nós próprios como para encontrar outros companheiros de arena que lutem connosco. A guerra não faz sentido se todas as batalhas forem travadas sozinhas.***” O mestre não reagiu, mas todos perceberam pelo seu olhar que, no mínimo, concordara com a reflexão do aprendiz, deixando inclusive, escapar um sorriso controlado que desvendava algum orgulho.

Eu, aprendiz *Tártarus*, sempre racional e aparentemente segura de mim mesma, sem pedir permissão respondi: “- Vim em busca do Lenço da Magia.” - O Lenço da Magia é o 5º artefacto antigo do Livro dos Elementos. E prossegui: “- Falta-me magia na forma como penso, na forma como ajo, na forma como sinto. Procuo uma magia natural, escondida, que não seja forçada nem possível de manipular.”

***Todos temos diferentes propósitos e nenhum deles é menos válido nem menos importante se fizer sentido para nós mesmos. Importante é não cairmos na letargia emocional que nos travará e nos fará facilitar a procura destes propósitos.***

O importante é não sairmos daqui sem termos acrescentado nada ao que éramos quando chegamos.





## MOMENTO CHI

Segundo o nosso grão-mestre, a essência do momento *chi* é proporcionar momentos de bem-estar, boa energia e desenvolvimento do ser. Ao longo desta semana foram vários os momentos de *chi* que partilhei com os restantes aprendizes, aqui na ilha mágica de *Gorge*.

Hoje, o momento do *chi*, por iniciativa deste, foi com o aprendiz *Fox*. Acho que não consigo descrever, com todos os adjetivos que conheço, a magia daquele momento. E eu, que nunca vejo magia...

O aprendiz *Fox* levou-me para a sua cabana, em plena montanha e antes de iniciarmos a reflexão, pediu permissão para tocar na sua guitarra de cordas que o mestre lhe havia oferecido para que este desenvolvesse o seu poder criativo. Mas este, era só um dos poderes do aprendiz *Fox*.

Conversamos pausadamente, mesmo sem querer, quase ao ritmo da música que ele tocava na sua guitarra. O ritmo era lento, simples e algo melancólico, mas transmitia-me uma paz imensa.

*Fox* falou-me na sua dificuldade em cuidar das relações e na forma como não sentia falta de ninguém. Ninguém mesmo. Por breves momentos, utilizei o poder do colar do tempo e recuei para ver quão parecida tinha sido com ele. E não foi preciso recuar muito tempo. Conteí a *Fox* o meu caminho na resolução da prova da frieza emocional que havia trabalhado com o mestre.

Não sentir falta de ninguém é estar próximo da solidão e a solidão leva-nos ao abismo. A conversa prolongou-se por horas e *Fox* contou-me as convicções fortes que teria treinado para fugir ao abismo.

*Fox* acredita que se não pensarmos naquilo, vamos dizer que, tudo o que dizem será genuíno e que isso só trará benefícios para as relações e para ele próprio. Voltei a interpelar o pensamento, mas pedi-lhe que explicasse melhor.

*Fox* havia treinado a capacidade para anular os pensamentos que premeditavam as palavras, em todas as situações, acreditando que a verdade deve ser a principal das convicções que todos deveriam ter.

Fiquei muito surpreendida com tamanho pensamento e ainda mais com a capacidade que *Fox* tinha para o aplicar em todos os contextos e situações. Confirmo isto, porque testei várias hipóteses.



Aquela ideia contrasta com todo o meu pensamento estrutural sobre as coisas. Disse-lhe que não concordava com esse pensamento, que existiam situações em que a verdade não torna as coisas melhores e que as nossas convicções não devem sobrepor-se sempre aos sentimentos dos outros.

***A verdade liberta, mas por vezes destrói. E a tua liberdade acaba onde começa a liberdade dos outros. Sem piedade e com a mesma verdade com que ele fala, disse a Fox:***

***“- Talvez seja por isso que as tuas relações afetivas sejam tão curtas no tempo. Cuidar do outro, pode muitas vezes implicar não dizer a verdade. Será esse cuidar menos genuíno?”***



## A MAGIA

Foi na ilha de *Gorge* que encontrei a mais bela e pura magia. Passavam poucos minutos desde que o sol nascera quando nos fizemos ao caminho. Todos os mestres aprendizes que me acompanhavam estavam conscientes do caminho duro que nos esperava.

O mestre havia passado os dias a preparar-nos para a dificuldade do caminho em direção a Santo Cristo, mas disse-nos que tudo valeria a pena no final, que este seria o lugar mais inacreditável que já teríamos visitado.

Um dia antes de partirmos, o Mestre chamou-me aparte dos outros mestres aprendizes e segredou-me ao ouvido: “Vais conhecer a tua casa simbólica”. Sorri desconfiadamente e não respondi. Mas fiquei a pensar até ao anoitecer no que seria a casa simbólica de alguém e como é que se podia sentir a casa simbólica.

O caminho iniciou, e nem uns metros tinham passado quando todos os aprendizes começaram sem combinar a abrandar o ritmo para puderem apreciar o que estava em redor. As montanhas em volta eram de um verde tão denso e fresco... As flores ao longo do caminho e da encosta eram tantas e tão belas... A neblina em volta das montanhas era tão brava e fina.

O sol estava tão tímido e a temperatura amena perfeita... E ali continuávamos aquela descida, uns seguindo os outros, com o mestre a incentivar-nos a andar cada vez mais rápido. O destino era longo e tínhamos que chegar lá antes de escurecer. Andamos horas e horas, pelo caminho partilhando momentos uns com os outros, entreajuda nos pisos difíceis, nas dificuldades de cada um...

E todos juntos, acabamos por chegar ao destino. E a partir de agora, não vou conseguir neste texto descrever com justiça o que vimos e sentimos naquele lugar. Um *Aleph*. Uma perfeição que não é suposto existir. Mas para mim, aquele era o meu *Aleph* real. Mergulhei naquelas águas baixas do mar e ali fiquei a observar as montanhas ao redor.

Parecia impossível aquilo que havíamos descido. O mestre juntou o grupo de aprendizes num alto da Fajã e aí começou o exercício da adaga da Utopia. Reza a lenda que a adaga da Utopia é capaz de filtrar todo o mal no coração de qualquer ser ou entidade viva, transformando-a em energia benigna.



Então, ali, com o horizonte à vista de cada um começamos a chamar a energia que tínhamos dentro de nós e através de movimentos corporais fluídos a libertar a nossa energia. Para fazer o exercício o mestre foi chamando individualmente ou em grupo todos os mestres aprendizes e eu fiquei para último lugar. Quase no fim, o mestre aproximou-se e sussurrou: “- Guardei algo especial para ti. Levanta-te e segue-me. Hoje vais ter o privilégio de fazê-lo comigo.” - disse o mestre, posicionando-nos. E ali, sem saber muito bem como o fazer, comecei a usar a minha adaga. Fechei os olhos e dancei com as energias. Não sei o que aconteceu ao certo naqueles minutos, sei que naqueles instantes não pensei em nada, senti-me sozinha no meu mundo, na minha paz interior, leve como uma pena.

Abri os olhos, fixei novamente o horizonte e as lágrimas começaram a escorrer-me pela face sem eu conseguir controlar... E também não queria controlar. A mestre aprendiz *Leviatã* aproximou-se de mim e num longo abraço disse-me: “- Sentiste a magia?”

Acenei com a cabeça e chorei mais e mais e mais. Era magia sim, aquela que nunca antes tinha sentido. Depois foi a vez da mestre aprendiz *Tortuga*, aproximou-se, segurou-me nas minhas mãos e exclamou: “Mestre!”

Foi a primeira vez que alguém me chamou de mestre. Baixei a cabeça humildemente. Por fim, mestre aprendiz *Lyn* pegou na minha mão e conduziu-me até um lugar mais distante dos restantes e disse-me olhando-me nos olhos: “- Esta é a tua casa?” Respondi que sim, ao que completou:” - Então isso é a magia.”

O mestre observou de longe estas interações dos seus mais sábios aprendizes. Quando me preparava para abandonar o local com os restantes, aproximou-se e perguntou-me: “- Sentes que esta é a tua casa simbólica?”

Respondi:”- Penso que sim, mas como posso ter certezas?”

“Até hoje, já estiveste em algum lugar mais mágico do que este?” Perguntou novamente.

Respondi-lhe que não e ele concluiu: “- Então esta é a tua casa simbólica.”

***Fiz o restante caminho sozinha e só pensava na sorte que tinha tido em conhecer a minha casa simbólica. Que privilégio puder sentir a minha casa simbólica! Tanta gente não chega a cruzar-se com a sua... Tanta gente que não***



*sabe que existe uma casa simbólica... Tanta gente que não sabe o que é a simbologia... Tanta gente que não sabe da magia da simbologia... E agora eu sei.*

*Não sei o que é a magia para os outros, mas sei o que é para mim. A magia é um segredo da Natureza que se fundiu com o meu corpo e a minha alma e me transcendeu e me fez sentir mais leve, mais livre e em paz. E agora eu sinto.*



## O QUE VEMOS E O QUE SENTIMOS

Hoje, foi finalmente o dia do meu compromisso com a casa simbólica. O dia em que voltei a visitar locais aonde já tinha estado há quatro anos atrás, e nada parecia estar igual. Fisicamente estava tudo surpreendentemente na mesma, mas estava tudo diferente. A energia era diferente, o sentimento era diferente. Se em tempos tinha estado nesta ilha de *Fayalis* para tentar dar uma oportunidade a uma relação que passava dias difíceis na ilha da Frente, a ilha da Montanha Maior, agora estava cá com a Ordem dos Cavaleiros do Poder para tentar encontrar o último artefacto escondido: o Lenço da Magia. Segundo o que o mestre nos contou, reza a lenda que este lenço tem a capacidade de te fazer encontrar a magia escondida, sem que, no entanto, a consiga manipular. Encontrei o meu Lenço da Magia no dia anterior na minha Casa Simbólica, na ilha que já nos havíamos despedido – *Gorge*. Subimos ao cimo da Caldeira, um dos locais mais incríveis da ilha de *Fayalis* que tínhamos acabado de descobrir. Enquanto olhávamos para a imensidão daquela grande cratera na terra, o mestre indicou que subíssemos pela montanha acima que rodeava a Caldeira.

Chegamos a um local mais seguro e calmo. O mestre indicou que todos os cavaleiros se sentassem, parassem e refletissem sobre a ajuda que cada um precisava para encontrar o seu Lenço da Magia. Eu, como já o havia conseguido, fui encaminhada pelo mestre para um sítio diferente, um pouco mais afastada dos restantes cavaleiros, juntamente com as testemunhas que tínhamos escolhido para estar naquele momento. Tinha chegado o



momento do meu compromisso.

Aquele pelo qual tanto tinha esperado. Cavaleira Águia foi o símbolo que me foi destinado. E quem diria que seria em *Fayalis* que me iria comprometer com a casa simbólica. Foi no sítio onde há quatro anos atrás tinha vivido a pior das viagens e que agora vivia uma das mais importantes e mais mágicas.

Os locais só são importantes e mágicos quando são lá vividos momentos que nos marcam. *Fayalis* deixou-me duas marcas completamente opostas. Mas foi sem dúvida, o propósito, os momentos e as pessoas que me acompanhavam que fizeram com que esta ilha de *Fayalis* me marcasse e tocasse o coração.

***Os locais e sítios que visitamos só se tornam mágicos quando são vividos com o coração aberto e com as pessoas certas. É a magia das pessoas e das relações que tornam os momentos mágicos. São os momentos mágicos que tornam os locais únicos. Muitas vezes, não são as coisas que mudam, mas a forma como o sentimos, e a forma como sentimos muda o que vemos.***

*Tânia Oliveira*



**SER QUEM SOMOS**

Começou uma grande aventura para mim, um verdadeiro desafio onde quero testar os meus limites. Chamo-me *Arlín* e estou aqui para mostrar realmente que valeu a pena ter vindo nesta aventura, por isso, embarco nestes dias com os outros aprendizes e os seus mestres para mostrar verdadeiramente quem sou e onde quero estar... Mas nem tudo é assim tão bom quanto isso, pois estou nervosa e com medo de não poder mostrar quem sou e ter de fingir ou forçar o que não sou. Hoje durante uma longa caminhada desabafei com o meu Mestre e disse-lhe: “-Mestre, não sei se estou preparada para esta prova e estou com medo de o desiludir...”

O meu Mestre olhou-me nos olhos e respondeu-me: “-*Arlín* tens que ser tu própria!”

Pensei para mim mesma durante alguns segundos que falar era fácil por isso expliquei-lhe o meu medo: “-Mas e se houver pessoas que não gostem de como eu sou, do que digo, do que faço...”

Interrompeu-me dizendo: “-*Arlín* ouve, ***não podemos fingir ser o que não somos... senão anulamos o que um dia poderíamos vir a ser..***”





## OS QUATRO ELEMENTOS

Foi uma mistura de sentimentos, algo que não sei explicar, a única coisa que consegui fazer naquele momento foi chorar... Mas passo a contar-vos. Hoje, fizemos uma longa caminhada em que me senti a pessoa mais poderosa e com mais energia do mundo a andar por aquele sítio maravilhoso. Depois, paramos num lugar a ouvir o som das ondas do mar, rodeado de montanhas, com o vento a passar nos nossos rostos suavemente. Nesse mesmo lugar, em tom de compromisso, fizemos o Exercício da Energia Vital. Tinha como objetivo libertar todas as nossas más energias e eu nunca tinha feito um exercício destes.

Quando o mestre nos mostrou o que tínhamos de fazer fiquei um pouco assustada e pensativa porque pensei que eram apenas movimentos e que não iriam servir de nada, até que chegou a minha vez de o fazer. Avancei e fechei os olhos para me concentrar no que me rodeava e comecei a recolher todas as minhas más energias e a recarregar-me com as energias dos 4 elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Consegui apenas chorar. Sinto que para além dos movimentos o que me permitiu libertar as energias foi o facto de ter chorado e ter aliviado toda a pressão que tinha de cansaço. No final do exercício um dos mestres disse para nos procurarmos uns aos outros e para apenas receber e dar boas energias. Nunca me senti tão bem com todos estes abraços que dei e recebi.

Foi sem dúvida um dos momentos mais marcantes desta aventura. Percebi realmente a diferença entre o meu mundo e o suposto mundo real. Percebi a sorte que tinha por estar ali, percebi o poder dos quatro elementos como um só.

*Ana Luísa Costa*



### USAR E SER USADO

Se um dia olhar para trás, a vida conquistará a vontade de esventrar o porquê e o como. Hoje, perante um desafio em grupo, eu, *Sofera*, no caminho tenho vindo a fazer, questiono a certeza do amor e o seu uso. Quando questionamos as intenções, positivas e negativas do nosso percurso e das nossas escolhas podemos chegar ao positivo ou negativo proporcionado pelas mesmas ou por nós próprios.

Assim questiono como usar então as escolhas. Os demais aprendizes partilham generosamente as suas opiniões, crenças e descrenças no ato do uso que ativamos perante os desafios que enfrentamos a sós ou uns com os outros. No final da partilha, senti em mim a incerteza que me leva a questionar cegamente: “- Uso ou sou usada para atingir algo? O que perco ou ganho com isso? “

Ceguei por fim à certeza de que todos somos usados e usamos, desde as nossas crenças às pessoas que nos rodeiam para a afirmação das reais intenções que habitam profundamente nos seres racionais. Todos podemos usar e ser usados para acrescentar individualmente algo a cada um de nós... desde que o importante seja que o crescimento que adquirimos e damos a adquirir, chegue ao outro lado da ponte sem deitar nenhum pilar abaixo, sem destruir o essencial que é invisível aos olhos.



## O TUDO OU O NADA?

Perturba-me o pensamento de que um dia nada existirá, mas o recomeço será o mesmo. Hoje, a 32 do tempo quente de inverno cheguei ao paraíso, à terra prometida, à terra mágica antes do interesse e até mesmo da própria existência. Pergunto-me se, há milhares de anos atrás, algum mestre terá defendido tão prontamente e afirmativamente o nosso universo ao ponto de se transformar integralmente na sua pertença. Passo a explicar: Numa demanda de mestres e aprendizes pela ilha esquecida, todos entram no território virgem e intocável da história passada e consequência do presente. *Sofera*, enquanto aprendiz, afirma para mestre *Kondor* que nunca teria visto nada igual, estava perante uma visão purificadora. Contudo, assombrou-se mais tarde por todas as questões que arrasam esta pura essência: “Porque destruimos o belo pelo prazer humano? Porque construímos por cima daquilo que foram as origens? Como deixamos que os abismos se abram entre tantas diferenças existenciais? Como preservar a existência de tais lugares mágicos?”

***Perturba-me profundamente que sejamos todos impotentes para a mestria da preservação, porque a nossa efêmera existência assim o dita. O paradigma entre deixar tudo e aproveitar tudo é de todos o mais instável e o mais inconformado, pois é neste universo terreno que mais deixamos as nossas lições, é neste universo terreno em que mais vamos sofrer as consequências das nossas escolhas como mestres e dos mestres anteriores a nós. Por isso pergunto, se o mundo tivesse que recomeçar, existiria o tudo ou o nada?***



## SACRIFÍCIO

Numa jornada por *Milénia*, um grupo de jovens mestres e aprendizes liderados pelo mestre *Kondor* buscam pelo sentido de merecerem ser tão abençoados pelo caminho que percorreram, alguns durante meses outros durante longos anos. Nos primeiros dias mantém-se a energia e a alegria de quem explora pela primeira vez o universo terreno e toda a sua magia.

Foi uma nova descoberta, foi uma nova conquista. Mas pelo quarto dia começa a pesar a bagagem que trouxeram consigo, começa a fazer-se sentir o peso do que ficou para trás. Acima de tudo, todos os aprendizes e mestres mantiveram o olhar no objetivo de todas as novas experiências e as aprendizagens que vão levar para o seu universo pessoal e espalhar por quem mais amam. No entanto o peso de algo que ficou para trás não se deixa simplesmente arrastar e começa a afundar.

As saudades, as felicidades, os problemas, as antigas vitórias e derrotas assombram por fim o pensamento da jovem mestre e aprendiz *Sofera* que se questiona porque não pode ter tudo ao mesmo tempo. Porquê a exigência da escolha e da continuidade? Sentindo-se um pouco sozinha neste pensamento, *Sofera*, procura os demais mestres e aprendizes partilhando com eles o seu sentimento e acaba por chegar à conclusão de que todos se sentem da mesma forma, mas todos estão cientes dos seus sacrifícios, porque os fazem, porque os escolhem e porque é importante enfrentar os desafios.

***Os sacrifícios não têm que ser aceites ou entendidos nem tão pouco partilhado o seu peso***, muitas vezes apenas temos de saber que os sacrifícios existem para nós e para os outros e com isso partilhar a magia de conviver na esperança de que todos os universos se alinhem.



## CLAREZA

Hoje quero ser pedra no mar. Quero ser a pedra que embala com as ondas e viaja com as tempestades. Quero ser a pedra que alimenta o canto das ondas bem na beira da praia e também pedra que afunda no alto mar para criar o chão do infinito mar - pensou, *Sofera*, no final de uma longa caminhada que iniciou no topo das mais belas montanhas e desabou no mar.

Estavam então presentes os demais mestres *Lyn* e *Kondor* quando *Sofera* prontamente liberta este pensamento. E após a grande viagem as palavras que saíram foram apenas as primeiras: Quero ser pedra no mar - disse então *Sofera*. Prontamente, e talvez pelo cansaço, o mestre *Kondor* responde: - Tanto faz ser pedra no mar como na terra - diz com leveza e desapego.

Mestre *Lyn* ri-se também com a mesma intenção, e naqueles instantes todos se riem do pensamento deixando fluir a energia que dele chegava para concluir a então longa caminhada. Mais tarde, quando *Sofera* se encontra a meditar sobre o seu dia e as suas aprendizagens, revive intensamente a ideia sentindo que a principal mensagem ficara por dizer, ou minimamente por explicar. Consideramos que os nossos pensamentos e intenções são claros na forma como as decidimos exprimir, mas esquecemos por vezes que ***as palavras que ficam por dizer refletem claramente certezas em que escolhemos acreditar.***



## A IMPORTÂNCIA DO CAMINHO

Durante uma jornada corremos o risco de muitas vezes perder o foco no cálculo do essencial e libertar de forma ingênua os pensamentos contaminados pelo sofrimento e esforço para o universo e por consequência para quem nos acompanha. Estes sentimentos e pensamentos podem consumir-nos muitas vezes pela falsa sensação de contribuirmos com a nossa opinião para algo que não será certamente assim. Para entenderem melhor partilho um pequeno acontecimento durante a viagem a *Milénia* entre o grupo mais jovem e inexperiente dos aprendizes. Durante a escalada de um dos vulcões onde ocorreu um dos mais recentes trágicos acontecimentos do arquipélago, sobre um calor vulcânico, uma jovem aprendiz partilha com os restantes aprendizes que por condições físicas abrandaram o passo.

“- Não entendo o porquê desta caminhada em debandada por este vulcão acima... Olhando para cima vê que os restantes aprendizes e mestres mais experientes já se encontram quase no topo cumprindo o objetivo da caminhada, e então continua:- Quando chegarmos lá, já estará tudo descoberto e não haverá mais nada para eu fazer, senão voltar a descer a montanha... “- enquanto proferia estas palavras denotava-se um grande esforço físico para concluir o exercício.

Após escutar toda esta situação a mestre e aprendiz *Sofera*, que embora com um pouco mais de experiência, fica para trás para acompanhar os mais jovens aprendizes, e repensa bem as palavras que ouviu, acabando por se identificar com elas por breves instantes. Olhando para cima, para o topo da montanha, *Sofera*, realmente vê os demais mestres e aprendizes a atingir o grande objetivo, mas exclama com toda a disponibilidade:

***“- Não nos podemos focar no que sentimos agora, e não podemos acusar os outros por responderem ao seu instinto de serem rápidos ou mais astutos na sua jornada. O importante será chegar ao topo do vulcão... Durante a jornada a nossa mente e corpo transformam-se. Vamos, apesar de tudo, pôr em causa a forma porque os outros o fazem e até criticar vagamente os nossos companheiros pela inveja e desejo de não termos sido o primeiro a conquistar o topo, o nosso topo. Claramente, o importante não é só o cume de qualquer montanha, mas sim o percurso que nos levou a percorrer aquele trilho conscientemente.... em todas as suas consequências e causas. “***

Sofia Ferreira



### O BLOQUEIO

Da aventura na ilha de *Gorge*, *Danyrys* era uma das três pessoas que ainda não tinha iniciado o seu caminho simbólico, que ainda não tinha treino como os restantes aprendizes. Por esse motivo, quando o seu mestre iniciava uma reflexão, *Danyrys* apequenava-se e minimizava-se a si mesma perante os restantes, comparando as suas capacidades às deles.

Mas à medida que o tempo ia passando e os momentos se iam desenrolando, *Danyrys* percebeu que não tinha de se comparar aos outros, mas sim viver o seu próprio desafio, a sua superação, com a sua própria e verdadeira reflexão, sem criar expectativas, sem pensar em responder corretamente, mas simplesmente fazê-la por si.

Foi numa pequena planície, com vastos prados verdes que isso aconteceu. Nesse momento de reflexão, *Danyrys* bloqueou. Não conseguia que nada com sentido lhe saísse dos lábios, não conseguia arranjar resposta para o que lhe era pedido. Depois de uma longa espera, o mestre dirigiu-se a ela:” - O que se passa?” *Danyrys* olhou para o mestre com olhos vidrados, ainda sem conseguir responder.

“- De que tens medo, *Danyrys*?” – Perguntou o mestre.

“- De falhar, mestre. Ficar para trás, de não conseguir atingir aquilo que quero como os outros atingem.” – Respondi.

“- Como os outros atingem?” -Perguntou mestre *Kondor*.

“- Sim, mestre. Nas reflexões que fazes todos os teus aprendizes conseguem responder com facilidade, menos eu, que bloqueio.” – Respondi.

**“- E quem te confirma que os outros fazem as reflexões com facilidade? Aprendiz *Danyrys* estás apenas no início enquanto os restantes já têm um longo treino em si. Também eles, no início, bloqueavam, também eles tinham medo. Não te deixes enfraquecer, não te compares a quem já tem mais caminho que tu, pelo contrário, sê tu, e pensa por ti em todos os momentos. O objetivo não é estar certo ou errado, o objetivo é subir o próximo degrau da escada pelos teus próprios meios.”** – Disse mestre *Kondor*.



Foi assim que *Danyrys* interiorizou e guardou as palavras do mestre, e percebeu que como ninguém é igual, não tinha de se comparar, não tinha de se rebaixar e sentir que não era capaz. Ninguém pensa, fala e faz da mesma maneira, todos eram diferentes à sua maneira, e a partir desse momento, *Danyrys* esvaziou a mente, focou, e pensou sem receios.





## A SIMPLICIDADE PREENCHE

Em plena ilha de *Gorge*, *Danyrys* e os restantes catorze aprendizes e mestres percorreram os caminhos mais místicos da ilha. À medida que novas coisas visitavam e viam, parecia que tudo se conjugava a favor deles. Uma paisagem fora do comum, cheia de contrastes incríveis, de cortar a respiração, em que todos os elementos se unem e que pela forma tão natural e genuína que isso acontece proporcionam grandes desafios a quem os vive.

*Danyrys* sentiu a real beleza de *Gorge* e o poder que esta contém, especialmente num momento que viveu com um dos mestres. Foi num planalto entre morros que compõem a ilha de *Gorge*, que isso se sucedeu. Um lugar inexplicável, e totalmente cativante que continha uma paz e harmonia incríveis. O objetivo era que todos estabelecessem contato com alguém, que estivessem presentes e dedicassem aquele tempo, aquele momento àquela pessoa.

*Danyrys* partilhou esse momento com um mestre e dedicou-se totalmente a isso. Foi um momento cheio de energias fortes e positivas, que fizeram com que para *Danyrys* aquele cenário se tornasse inesquecível. Foi dos momentos mais chegados que teve com o mestre, dos momentos em que se sentiu mais completa e mais acompanhada, mesmo sendo passado em silêncio. Nesse momento, *Danyrys* percebeu que os momentos mais simples, mais inesperados, são, na realidade, aqueles que mais sentido fazem, que mais valor têm.



## LIBERTAR O PODER QUE É MEU, AO SER DOS OUTROS

O desafio estava prestes a terminar. Os oito dias em grupo chegavam ao fim e chegava também a altura de tomar consciência daquilo que foram esses dias. Daquilo que todos fizeram bem e, por isso, motivo de orgulho, mas também daquilo que não correu tão bem, e que já não deixou os aprendizes tão satisfeitos.

Era o penúltimo dia e a última reflexão em grupo. O dia do 'lenço da magia', capaz de desvendar a magia escondida de cada um, sem que, ainda assim, a manipulasse. A reflexão teve lugar numa caldeira de origem vulcânica da ilha de *Firos*, revestida de uma vegetação imensa e encantadora. Mais uma vez, como em toda a semana, tudo na natureza parecia contribuir para o sucesso.

Era, então, altura de perceberem a sua magia, aquilo que, embora conscientes, não deixavam transparecer. *Danyrys* percebera que, apesar de saber que o tinha e que tinha treino e componentes que a ajudavam, não conseguia libertar o poder do *anima* (dar alma), não conseguia dar a sua alma aos outros. Percebera que muitas vezes isso acontecia porque não sabia como usá-lo, e nem tomava o risco de o fazer, chegando a ser ultrapassada e ficando para trás devido a isso. Mas percebera igualmente que a experiência que tivera foi uma certa manifestação desse poder, dessa magia, que não podia continuar em cativeiro, tinha de sair.

No final, todos tiveram a tarefa de escrever uma carta para a(s) pessoas que os ajudariam a ultrapassar essas barreiras, assumindo o compromisso com essa mesma pessoa. Uma vez terminada a sua reflexão e introspeção, *Danyrys* percebera que não lhe valia de nada esconder esse poder, muito pelo contrário, ela própria perdia com isso, e que era altura de assumir e trabalhar o seu *anima*, para que, com ajuda, conseguisse chegar a mais pessoas e deixar a sua marca.

*Daniela Carneiro*



## SEANOCH

### ALMA

Estou hoje no segundo dia de treino. Após eu e os meus parceiros aprendizes sairmos da arena das emoções, partimos em busca da nova irmandade. Viajamos por terra e por mar, atravessámos tempestades e obstáculos inimagináveis até ao momento em que nos tornamos no que procurávamos.

Eu, *Seanoch*, percebi isso em poucos dias e depressa deixei de procurar no horizonte, acabando assim, por procurar no nosso núcleo, que rapidamente se expandia a cada dia que passava.

Conforme o Tempo foi passando, o núcleo foi-se tornando mais compacto e estável, até que por fim toda a irmandade deixou de procurar o que sempre foi. Não contei as minhas perspetivas a ninguém, pois eu tinha decidido que ao contrário de mim, eles tinham visto o núcleo com a alma e não com os olhos.

***Muitas vezes, a alma esconde-se dos olhos e torna-se inaudível, mas não podemos esquecer-nos que é ela que vê mais longe.***



## A FORÇA QUE SOMOS

Durante toda a minha jornada não houve dia mais fascinante do que este. Eu, juntamente com o resto da minha irmandade, deparamo-nos com um conjunto de ilhas formidáveis. A sua presença era um reflexo da alma de cada um e quando não tínhamos os nossos pensamentos e sentimentos alinhados, elas desapareciam.

Percebi que essas ilhas tinham em conta a alma do grupo como um todo e por isso decidi ajudar aqueles que não encontraram o seu equilíbrio. Após várias tentativas, percebi que a presença das ilhas ia ficando mais forte e sem que os meus companheiros falassem, senti a gratidão daqueles que ajudei, senti a felicidade, por ajudá-los e por perceber que eles estavam bem, mas acima de tudo por perceber que não me custou nada, fi-lo naturalmente sem estar à espera de qualquer gratidão, e isso tornou o momento ainda mais especial. Também senti-me grato por perceber que a minha presença era apreciada. Após esta afirmação, todos os aprendizes que tinham bloqueado começaram a reagir.

Todos se lembraram “daquele” mais fraco que o seguia, ou então daqueles cujas atitudes são o reflexo dos aprendizes. Percebi então, que ***as nossas forças, vêm sempre do outro e quando nós temos pessoas dependentes de nós, devemos tornar-nos mais fortes para que as possamos guiar e proteger.***

Não existe maior força do que aquela de quem tem um protegido ao seu encargo, mas senti-me ainda melhor por perceber que eu fiz o que fiz, sem esperar qualquer retorno tornando aquele momento, um momento de vida, um momento em que não sinto o tempo a passar, um momento em que apenas sinto os elementos.

Estou agora certo, de que o trabalho que fizemos sem espera de retorno, é aquele que é o melhor recompensado.



## A ILHA

Hoje, viajei com a irmandade à ilha do Céu, uma ilha pura cuja vegetação parecia sorrir para mim. Por momentos, abstrai-me do resto do mundo e encontrei o coração da ilha, respirei com ela e trocamos olhares.

Naquele momento, senti que o meu mundo tinha sido virado do avesso, tudo estava perfeito e eu conseguia ouvir perfeitamente o som daquela ilha, a voz daquele ser magnífico que de tão pura que era, intimidava aqueles que não confiavam em si mesmos.

Se ainda não reparaste, sim, tu que estás a ler, esta ilha está sozinha a flutuar no céu e está feliz e mais forte do que nunca. Nesta ilha todos os seres então em comunidade, todos se regeneram e evoluem juntos, tal como todos nós. Todos somos parte de uma ilha no céu, num mundo com ilhas infinitas, por isso temos que contribuir para que a nossa ilha se recupere.

***Agora lembra-te, para que te regeneres, às vezes, basta que vires o teu mundo do avesso.***

*João Costa*



## REGRESSO A ILHA GORGE

Acabamos de chegar a *Gorge*, este sentimento de regresso está a assustar-me e não consigo controlar, não consigo entender. Mais uma vez vim como Mestre em busca do desconhecido com os aprendizes e mestres de caminhada.

Quando questionamos o desconhecido e quando falo do desconhecido não falo dos locais, das paisagens, das pessoas, falo sim, de algo mais profundo e difícil de explicar e de mim enquanto Mestre Aprendiz.

Questionada pela minha aprendiz *Stret* sobre quais as minhas intenções com este desconhecido respondi: “- Cara aprendiz *Stret* se eu soubesse tudo, já não teria nada para aprender e dessa forma não seria Mestre aprendiz.”

“- Mas Mestre tu sabes tudo, por isso é que és Mestre.” - Disse *Stret*.

“- Não cara *Stret*, como disse um velho mestre, o Mestre que acha que já não tem mais nada para aprender então não tem mais nada para ensinar”. - Respondi.

“- Faz sentido Mestre!” Respondeu.

***O verdadeiro Mestre nunca se esquece que existe sempre alguma coisa para aprender com os aprendizes e mestres que o acompanham na sua jornada.***  
Se não fosse assim para que servia o caminho?



## A MAGIA EM MIM

Mais uma aventura. Estava ansiosa para mostrar a todos o que vi quando lá estive a primeira vez e esse sentimento despertou em mim toda a magia que estava escondida. Ao longo da caminhada de 3 horas fui a falar com a minha aprendiz *Stret* e a Mestre *Sofera*. Conversávamos sobre a importância de estar ali a fazer aquele percurso com o grupo.

Mestre *Sofera* ia encantada com a beleza da paisagem que estávamos a ver como se tivesse noutra mundo. Dizia ela: “- Já imaginaste a sorte que temos por podermos viver estas aventuras com este grupo de aprendizes e mestres fantásticos?”

“- É verdade! Para mim é um privilégio estar aqui com vocês, aqui eu sinto que posso ser eu mesma e que ninguém irá colocar em causa as minhas crenças.” - Dizia *Stret*.

“- Sim sem dúvida que desta vez tenho um sentimento diferente por estar novamente a fazer este trilho. Não sei explicar, apenas o sinto.” – Respondi.

“- Por vezes as pessoas tornam os locais mais especiais.” - Disse *Stret*.

“- É verdade.” - Disse *Sofera*.

Continuamos o nosso percurso até chegarmos a uma aldeia e fomos até a um moinho abandonado.

Lá, Mestre *Kondor* propôs um exercício de energias junto ao mar e ao moinho. Nesse momento senti um aperto tão grande junto ao meu peito que não conseguia respirar. Senti-me sufocada sem saber reagir e então chorei, chorei até que o Mestre *Kondor* veio ter comigo e me acalmou. Só ele tem esse poder de me equilibrar.

Depois de algum tempo abraçada a ele, entendi finalmente o porquê daquela dor, era a magia que queria vir até mim e mais uma vez eu estava a recusá-la sem qualquer motivo para o fazer.



## O ACASO FAZ A OCASIÃO

Hoje era dia de uma viagem até a próxima ilha e eu estava ansiosa pois nunca tinha lá estado. Durante a viagem foi possível conversar com os aprendizes e os outros mestres, partilhando da beleza que estávamos a ver.

Depois de duas horas e meia de viagem, tínhamos finalmente chegado e os nossos sorrisos não escondiam a alegria que estávamos a sentir por podermos partilhar aquele momento uns com os outros.

Fomos até a uma praia e pelo caminho a minha aprendiz Stret perguntava-me se podia estar com uma prima que vivia naquela ilha com quem já não estava à algum tempo. A minha resposta foi imediata sem se quer pestanejar:” - Claro que sim” – respondi.

“- Não há mesmo problema em ir?” Perguntava ela.

“- Claro que não, se ela vem ter connosco não há mal nenhum em estares com ela.” Respondi.

“- Obrigada, é que nós somos muito chegadas, mas já não estamos juntas alguns anos.” Respondeu.

Fiquei a pensar naquelas palavras da minha aprendiz. O ser humano é deveras estranho, dizemos que gostamos das pessoas que elas são importantes para nós, mas conseguimos viver anos sem estar com as pessoas e por vezes sem falar com as mesmas.

***Será que o ser humano é assim tão incoerente ao ponto de esquecer o que lhe faz bem?***

*Sara Gomes*





## TORTUGA

### APRENDER A QUESTIONAR

Na expedição que fizemos a *Gorge*, fomos liderados por Mestre *Kondor*. Nessa viagem trouxe comigo uma aprendiz, que me fora confiada para integrar na Ordem dos Cavaleiros do Poder. Na década que tinha de caminho de redenção, tinha o destino trazido a mim três aprendizes. Mas nesta viagem levei *Cassiopeia* comigo para visitar o arquipélago de *Milénia*.

A missão que nos trazia esta viagem foi a busca dos cinco amuletos do silêncio que dizia a lenda, habitavam nestas montanhas cobertas de neblina. O grupo que trazíamos, eu e Mestre *Lyn*, tinha demonstrado grande potencial no caminho que percorriam, pelo que tinham sido julgados capazes de fazer esta busca.

Ao chegar a *Gorge* acampamos nos limites de uma pequena aldeia piscatória. Mestre *Kondor* leu da lenda dos 5 amuletos e algumas passagens do Livro dos Elementos. À volta do acampamento, ouviam-se os aprendizes a falar dos mantimentos que levariam e de quantos dias ficaríamos em *Gorge*, ou se até os amuletos eram reais.

Quando tomei guarda junto do fogo nessa noite, a névoa levantou e pude ver o alto das escarpas. Sabia que esta demanda poderia terminar no dia seguinte ou poderia ficar em *Millenium Centrum* durante meses se necessário. Enrosquei-me na minha capa contra o vento do mar, e perguntei-me se estes aprendizes, e porventura eu mesma, algum dia iríamos perceber a dimensão da entrega que a redenção nos exigia.

O primeiro amuleto que procuramos foi a Pedra da Alma, e tendo em conta a lenda e a discussão entre mestres, concluíram que ficava na parte oeste da ilha, acerca de 3 dias de caminhada. A caminhada deu tempo para apreciar colinas verdejantes, fajãs esculpidas por mãos rugosas de Deuses antigos. No caminho pudemos treinar a leitura de terreno, a escalada e a sobrevivência no exterior.

Na terceira noite, junto ao fogo, partilhamos o pão como de costume. Alguns aprendizes discutiam sobre a caça da tarde e que outros animais se escondiam nas Ilhas. Eu e *Lyn* trocamos um olhar ao ver Mestre *Kondor* a ouvir atentamente os aprendizes enquanto segurava o Livro dos Elementos.



Eventualmente, Mestre *Kondor* fechou o livro dos elementos e tomou a palavra. Fez uma só pergunta: “- Quem procuram aqui em *Gorge*?”

Muitos responderam que queriam seguir os seus Mestres e aprender com eles numa jornada do seu caminho da redenção. Uns falaram dos amuletos do silêncio, outros falaram que vieram em procura de algo. Voltamos ao silêncio. Mestre *Lyn* voltou a questionar aos seus aprendizes a mesma coisa. As respostas variaram. Eu repeti a pergunta e as respostas voltaram diferentes. *Kondor* anuiu e voltou a abrir o Livro dos Elementos. Não tomou mais a palavra nessa noite e eu e *Lyn* organizamos a guarda do acampamento. Eu tomei a primeira vigia junto de *Cassiopeia*.



Tinham já os nossos companheiros adormecido quando *Cassiopeia* teve a coragem de perguntar se as respostas que tinham dado tinham sido as corretas. Respondi-lhe que não.

“- Porquê Mestre? Eu disse tantas coisas que buscava e nenhuma estava correta! Como não podiam ser essas as respostas? Alguma deveria agradar aos Mestres.”

Eu suspirei e resignei-me à missão em que temia ter de embarcar. Olhei

*Cassiopeia* e disse-lhe:

***“- As conquistas e batalhas que travamos não têm que ser colossais, mas temos que nos dirigir a elas. Sem direção, sem propósito, vagueamos pela vida e não percebemos que somos só névoa que obscura a paisagem. Que queres tu afinal? Que trilho estás disposta a caminhar até ao fim?”*** – perguntei.

*Cassiopeia* olhou para o céu quando perguntei pelo trilho a percorrer e não tentou dar uma resposta que me pudesse satisfazer. Este silêncio durou horas.



A expedição de aprendizes que acompanhávamos não levantou acampamento durante mais três dias enquanto era esperada a resposta à pergunta que Mestre *Kondor* tinha feito anteriormente. Quando percebi que *Cassiopeia* não iria dar resposta a Mestre *Kondor*, decidi interrogá-la novamente enquanto vigiávamos o nosso acampamento. Eu peguei na minha capa e puxei-a mais para junto de mim e abriguei-me da névoa fria que passava por nós essa noite. Quando me disse que não conseguia escolher o que procurava disse-lhe então: - “O Poder da escolha é o maior poder que o destino te deu. Um poder tão grande que esconde dentro dele todo aquele que é o teu caminho e o meu. Mas para caminhar, ainda que possamos encontrar trilhos escondidos e locais inesperados, temos que caminhar com um sentido, em vez de fugir da dúvida. Queres caminhar, ou queres andar à deriva?”

*Cassiopeia* continuou a olhar o céu e eu compreendi o que tinha a fazer. Na manhã seguinte pedi autorização a Mestre *Kondor* e Mestre *Lyn* e deixei o nosso acampamento. Parti com *Cassiopeia* para o alto da Esperança e caminhamos sem propósito. Para nos encontrarmos, tínhamos de perceber o quão perdidas estávamos.

Pela ilha vagueei com a minha aprendiz. Não lhe disse onde íamos, porque íamos, ou o que procurávamos. Caminhámos por colinas escondidas por véus de névoa, por penhascos rugosos que abriam a pele dos dedos, por praias de areias pretas como o céu que nos guardava quando o sol se punha. *Cassiopeia* perguntava geralmente quando chegamos a uma encruzilhada: - “Por onde vamos Mestre?”. E eu seguia a estrada que achava melhor.

Tinham passado dias, tínhamos perdido a conta das noites e crepúsculos que passavam por nós. E *Cassiopeia* perguntava-me sempre: - “Onde vamos amanhã, Mestre?”. Mas numa dessas noites não lhe respondi, e tomei a minha espada e minha capa e deitei-me junto da fogueira. Passamos assim horas. Estava a lua para lá das encostas da ilha vizinha quando a ouvi afirmar: “- Mestre, penso que passaremos por um vilarejo a oeste daqui para onde caminhamos à um par de dias. Acho que devemos passar por um sapateiro e mudar as solas das nossas botas. “

Não lhe respondi e a noite passou pela ilha novamente. De manhã, ao levantar acampamento, *Cassiopeia* voltou a falar das nossas botas.

“- Achas que precisamos de botas para caminhar?” – inquiri ao atar a minha espada à cintura.



“- Sim, Mestre” - respondeu ela - se quisermos caminhar até longe precisamos de reforçar as nossas botas.

“- Eu sigo-te” – disse-lhe somente. E então ela encaminhou-nos para a tal aldeia e perguntou se havia alguém que nos pudesse ajudar. Um velho pescador respondeu que do outro lado do outeiro vivia um mestre em cabedal que nos poderia ajudar. *Cassiopeia* agradeceu a ajuda e caminhou para o tal Outeiro. E eu segui. Encontramos o mestre que nos reforçou as botas. O velho homem perguntou a *Cassiopeia* por onde tínhamos andado para estarmos com as botas naquele estado. *Cassiopeia* olhou para mim em busca de resposta e eu nada disse. Ficamos um momento em silêncio até que respondeu: “- Andamos à deriva. Perdidas... como a névoa que percorre a ilha. “

Ao sairmos da oficina, perguntei a *Cassiopeia* onde deveríamos ir. Durante dias foi somente isso que lhe perguntei, onde íamos, por que caminhos, quanto tempo pararíamos para descansar.

***Há uma diferença entre aqueles que deambulam pela vida e aqueles que escolhem, é que estes sabem que enquanto houver escolha, serão livres de viver em função daquilo que procuram, enquanto que os outros se mantêm perdidos.***

Voltamos a encontrar o acampamento onde os restantes Mestres estavam com os seus aprendizes. Enquanto eu e a minha aprendiz tínhamos passado semanas a percorrer a ilha, agora com *Cassiopeia* a liderar a caminhada, o nosso grupo tinha feito treino meditativo e uma profunda leitura do Livro dos Elementos.

Fomos recebidos com grande alegria junto dos nossos companheiros. Abraçamo-nos e trocamos saudações. Quando nos sentamos em círculo, os aprendizes queriam saber onde tínhamos estado, se tínhamos encontrado algum dos amuletos do poder. *Cassiopeia* tirou um diário e mostrou o mapa que tinha desenhado da ilha. Contou que tinha começado a desenhar o mapa quando tinha decidido escolher por onde ir. E ainda que nem sempre tivesse a certeza onde iria chegar, mapeava os caminhos como podia e quando parava. Mostrou-nos os desenhos que tinha feito ao longo do caminho: A ravina onde quase tinha caído por achar que as pedras não estavam soltas, a colina onde tinha pernoitado uma vez e onde tinha a melhor vista para as estrelas durante a noite, mas que de manhã se tornava impossível descer devido à névoa. Mostrou o desenho de um moinho de vento abandonado onde tinha encontrado uma mulher que lhe tinha dito sobre onde comprar o melhor pão, o



martelo de um ferreiro onde tínhamos passado e que tinha ensinado *Cassiopeia* a afiar a espada longe de uma forja.

Eu fornecia detalhes da nossa viagem sempre que me perguntavam. Numa dessas conversas Mestre *Kondor*, que permanecera em silêncio até então, perguntou:

“- Que procuraram então as duas durante este tempo?”

Eu respondi:” - Eu aprendi novamente a seguir, Mestre. E aprendi que sinto a sua falta e dos restantes mestres na minha caminhada.”

“- E tu *Cassiopeia*? Que foste à procura?” – perguntou ele.

*Cassiopeia* olhou para o céu e finalmente respondeu: “- ***Eu parti em busca de respostas, mas acho que agora procuro saber perguntar melhor.*** E agora também sei que procuro levar mais companheiros comigo nestes trilhos.”

*Patrícia Ribeiro*



## VI - DIÁRIOS DO DRAGÃO DE FOGO

---

### JERUSÁLEM

#### OS DIAS DO SACRIFÍCIO

Perguntamo-nos muitas vezes, até onde estamos dispostos a ir. Acreditamos que no momento certo estaremos disponíveis para o último sacrifício. Se tivermos sorte este momento nunca chegará e nunca teremos de o fazer.

Hoje estivemos por Massada, fortaleza épica com mais de 3000 anos de história, situada em território impossível, em pleno deserto da Judeia, a poucas centenas de metros do Mar Morto. Massada é o símbolo da resistência judaica à opressão romana. O cerco de Massada foi um dos últimos eventos da primeira guerra romano-judaica, ocorrido entre 73 e 74. Estes eventos foram relatados por Flávio Josefo, um líder rebelde judeu capturado pelos romanos e que depois se tornou num historiador ao serviço de seus captores. Segundo ele, o longo cerco das tropas romanas levaram a um suicídio em massa dos sicários rebeldes e das famílias judaicas que viviam na fortaleza. Massada tornou-se desde então num evento controverso na história judaica, com alguns a considerar o local como merecedor de reverência, uma comemoração de ancestrais que deram a vida numa luta heroica contra a opressão, enquanto que outros consideram todo o evento como um trágico alerta contra o extremismo e a incapacidade de ceder.

A crença judaica proíbe o suicídio, a vida é encarada como a dádiva que apenas Deus tem a capacidade de tirar. Massada ultrapassa essa máxima em nome da resposta à opressão e da liberdade. Preferiram o suicídio a ser dominados pelo opressor. O último sacrifício em nome de um suposto bem maior.

Não tomo partido sobre o que não entendo e é bom termos consciência que existem domínios, espaços da mente e do tempo que nunca vamos entender. Respeito o sacrifício que fizeram, mas preocupa o que o mesmo inspira nos dias de hoje.

***Em dias de sacrifício fica a certeza que uma ponte continua a ser mais poderosa que um muro e que com um mar pela frente, mesmo sem ponte, podemos sempre fazer um barco só para ver como é do lado de lá.***



## OS DIAS DA FÉ

Que fé desperta em ti a essência da tua existência? Que fé te faz percorrer o caminho do autoconhecimento sem olha para trás? Que fé faz de ti o peregrino que não desiste do caminho?

Hoje coloquei-me todas estas perguntas e mais algumas dezenas que só adensaram minha confusão sobre o dilema da Fé. Por estas bandas Jesus Cristo e o seu nascimento tornaram-se num negócio de milhões para uns e de sobrevivência para outros, as leis de Alá são a desculpa para interpretar as desavenças entre palestinianos e judeus, a confusão de religiões na cidade antiga de Jerusalém junta dezenas de religiões, cada uma advogando a verdade dos factos para a existência humana.

Mas fico-me pelas três perguntas iniciais. Vir a Israel, conhecer o início dos tempos modernos faz-nos perceber que a fé não tem dono, depende da vontade que temos para acreditar em algo que nos supera e dá sentido à nossa existência.

Reafirmo mais uma vez, nestes dias de redescoberta do caminho do autoconhecimento, que a fé nunca foi sobre nós, foi sempre sobre os outros, sobre a sua capacidade para fazerem parte da solução comum, do bem maior, para serem o que ainda não foram capazes de descobrir sobre si mesmos. A minha fé continua a estar no que de melhor os outros podem ser e dar ao mundo que partilham comigo todos os dias.

***Por fim, reafirmo a minha estrada de peregrino e viajante, que continua a sentir o apelo do caminho que levará à montanha seguinte, que me permitirá ver o próximo horizonte. Um horizonte onde a fé dá sentido ao que acredito que ainda falta descobrir. Estás disposto a dedicar a tua fé aos outros?....***



## OS SENTIDOS DA DIFERENÇA

Na Jerusalém que pude sentir e viver com os meus próprios sentidos fiquei com a certeza que a diferença religiosa é só mais um vetor de centenas de outras diferenças que só nos engrandecem e aproximam na diversidade que o Homem foi capaz de gerar. Depois destes primeiros quatro dias, as guerras que acabamos por inventar são desculpas de indisposições que, nesta parte do mundo, matam milhares.

Aqui no centro do mundo de todas as convicções religiosas pergunto-me por onde caminha o Homem, portento de emoções, criatividade, raiva, alucinações e crenças. Será que se esqueceu que sente, respira, toca, ouve e se perde como qualquer um dos seus irmãos, independentemente do credo que escolheu professar.

Nas ruas de Jerusalém, a lenda da criança judia perdida em brincadeiras com a criança católica arménia enquanto a eles se juntam o “puto” muçulmano e a “miúda” católica com equipamentos das seleções brasileira e argentina é uma verdade tão natural como a indisposição que o café turco me provoca.

Aqui, bem ao lado do muro onde os vivos depositam as suas mágoas e despertam para um novo amanhecer, deixo cair a minha capa usada e gasta das batalhas que travei. No entanto, no meu íntimo, arresto as minhas armas usadas pela vaidade, excesso de confiança e derrotas que me tornaram mais forte.

Perco-me nos olhares díspares, nos cheiros intensos, na naturalidade da Babilónia que me trespassa a alma e me encanta em todas as direções. ***Por fim, em silêncio perante o Muro das Lamentações... no hoje do agora, só lamento que nós humanos não entendamos a simplicidade da diferença. Afinal, no mundo em que todos queremos a diferença, no final do dia só afirmamos o medo que temos dela.***





## A MINHA IRMÃ E O SONHO KIBBUTZ

A vida é feita de laços intemporais que de uma forma convergente, absoluta, única e invisível nos fazem. Os irmãos e irmãs são parte dessa importante e essencial equação. Hoje dou-me ao tempo de dedicar o espaço que não me lembro de alguma vez ter dedicado à minha irmã... um texto no meu blog de histórias épicas e viagens.

Hoje conheci um daqueles sonhos impossíveis, uma cooperativa Kibbutz. Kibbutz são comunidades que partilham e integram todos os recursos gerados ao serviço do todo. Ou seja, são uma espécie de aldeias comunitárias que gerem os seus próprios negócios e que no final os lucros são totalmente reinvestidos na comunidade e de forma equitativa por todos os membros da mesma. Sem dependerem do estado, garantem todos os serviços aos seus membros, não deixando de respeitar a sua liberdade de ação e escolha. Todos os recursos pertencem à comunidade e são partilhados de igual forma, desde carros, espaços de lazer e as próprias habitações. Todas as principais decisões são tomadas em Assembleias Comunitárias onde a maioria prevalece.

Parece poético, mas não é nenhuma invenção, esta é mesmo a realidade. Não é perfeita e alimenta muitas perguntas, mas no fim do dia, que melhor solução conheces tu? E perguntam vocês, o que tem isto tem haver com a minha irmã? Tivemos o privilégio de experimentar e ser formados numa realidade que sendo totalmente diferente partilhou os mesmos princípios e que deu forma ao talento que ambos hoje revelamos. Foi com base nestes princípios utópicos que hoje redescubro o talento da Ana na sua criatividade, na simbologia natural que coloca na liderança sábia que exerce junto das crianças e adolescentes com que trabalha todos os dias, na Mãe justa e assertiva que revela ser e na companheira de silêncio, presença e atitude que sempre foi.

***Devemos deixar ao mundo a lembrança dos bons exemplos de vida e comunidade que tivemos o privilégio de conhecer e partilhar. Hoje deixo o exemplo da Ana Costa, minha irmã e das Cooperativas Kibbutz. Não o faço para lembrar ao mundo que é possível mudar ou fazer melhor, faço-o para eu mesmo me lembrar que, façam o que os outros fizerem, eu tenho exemplos que me permitem continuar a viver o meu. Termina com Obrigado.***



## OS DIAS DO HORIZONTE E DO SILÊNCIO

O que é que encontras no teu silêncio? O que é que procuras quando te ausentas do mundo e te deixas perder nos trilhos que a tua mente te revelou na surpresa do momento? O que procuras quando entendes que não há ninguém no mundo exterior que te possa valer e com quem possas partilhar o que de único estás a sentir? É tudo apenas um engano do momento ou a nossa solidão a falar mais alto?

Quando me perco nestes momentos procuro a sabedoria do silêncio e deixo de ter medo da minha espiritualidade e aceito que nunca vou ter as respostas para tudo.

Na madrugada dos nossos dias, alimentada pelo espírito omnipresente de Israel multicultural, acredito cada vez mais no milagre do horizonte e no milagre do silêncio. Agradeço ao horizonte todos os novos cenários não revelados que me permitiu alcançar e ao silêncio a capacidade de descodificar toda a beleza e magia que os novos horizontes me revelam.

Descobrir os milagres do silêncio e horizonte é voltar a ouvir a nossa alma de criança adormecida e as vozes do tempo presente, aquele que nos faz SER, sem medo do passado e do inesperado do futuro. Dar tempo ao silêncio e ao horizonte significa pegar na mochila, enche-la com o essencial e voltar à viagem e ao peregrino que há em nós. Na caminhada só parem ao por do sol, quanto todas as galáxias e mundos intemporais se alinham para que a magia e silêncio se fundam numa fórmula alquímica única.

***Faz do horizonte a próxima aventura e cenário que não te atreves a planear e do silêncio o tempo em que percebes a magia interior que acabaste de renovar. Se não fores capaz de sentir o teu horizonte e o teu silêncio, não deixes de fazer a viagem, eles acabarão por se revelar.***



## O DIA DA LENDA DO CAVALEIRO

Cavaleiro é um conceito chave da minha vida. O legado do Cavaleiro, todo o imaginário à volta das histórias, magia e lendas que as várias ordens de Cavaleiros me transmitiram sempre me fascinaram e determinaram uma parte relevante da minha personalidade, forma de estar e forma de acreditar. O ideal do cavaleiro trespassou-me a alma como uma Excalibur filosófica (espada lendária do Rei Artur) e fez-me ver para além dos meus muros e permitiu e contínua a permitir-me viajar pela insónia do passado, pelas auras do futuro e fugir a banalidade da realidade que prefiro fazer de conta que não existie. Só para que fique esclarecido, não vivo à parte da realidade.

Mas continuando... Hoje estive em Acra, cidade da Ordem dos Cavaleiros Hospitalários e mais tarde da Ordem dos Cavaleiros Templários, conquistada e reconquistada dezenas de vezes por turcos, franceses, árabes, judeus, cruzados, entre outros.

Acra é uma lenda perdida no tempo, não só pelos pergaminhos lá encontrados que retratam muita da sabedoria ocidental cristã, mas sobretudo pelas ruínas incrivelmente preservadas e pelo que representou enquanto principal porto do mediterrâneo para chegar a Jerusalém. Nas paredes das catacumbas da cidade subterrânea encontramos as marcas dos grilhões dos prisioneiros, a sumptuosidade da magnitude das colunas que seguram os claustros principais e salões de generosas proporções por onde viveram os velhos cavaleiros da Ordem Hospitaleira e Templária.

Fechando os olhos, deixando a plenitude invadir-nos conseguimos imaginar a vida de cavaleiro, a preparação da armadura para o combate, a paragem para meditar, a reunião de companheiros de guerra para preparar o próximo plano, o momento da partida e do regresso, o momento de pausa com o nobre escudeiro.

Por fim chegamos a Cesarea Marittima, última capital romana de Israel. Aqui o mito do cavaleiro contínua. O anfiteatro romano, a fortaleza de Ricardo Coração de Leão, Rei da Inglaterra Medieval, desaparecido na Terra Santa, fazem-nos sentir de volta à Lenda do Cavaleiro.

Faço então parar o tempo, retenho-me no cavaleiro que sou e renovo os votos de gratidão e resolução ancestrais.



*Ser cavaleiro é combater pela liberdade fazendo do destino um aliado. Ser cavaleiro é disputar cada combate como o mais importante da eternidade que nos resta. Ser cavaleiro é ser o mais engenhoso e pacificador que puder com tempo e recursos que as circunstâncias me permitirem. Ser cavaleiro é ver na diferença do adversário uma oportunidade para aprender e evoluir. Ser cavaleiro é ver em cada nova viagem a redescoberta da sua linha do tempo para o tempo que se segue.*

*Cavaleiro!!! Faz os teus votos... escolhe o que vais ser com a tua liberdade.*



## POR TERRAS DE ATROS

### A CERTEZA DA ETAPA SEGUINTE (PARTE I)

No mundo dos homens distantes, aprendemos que há uma ilha onde temos de ir para treinar, contemplar e nos perdermos na visão noturna que os astros que iluminam a noite da ilha nos proporcionam.

Por estes dias, estou em Atros, Ilha da Pérola Astral, mãe do arquipélago com o mesmo nome. Chegados à ilha, a nossa primeira visita passou pelo Templo dos Homens Distantes, edificação milenar que entre a vegetação luxuriante se ergue por entre cascatas e ribeiros abundantes em peixe Koi.

O teste que nos estava guardado passava por um exercício de meditação que nos fazia recuar aos inícios do nosso Caminho da Redenção (também conhecido entre os Mestres Aprendizes como Caminho Simbólico), ao momento que escolhemos dedicar a nossa vida ao outro, às suas incúrias e ao seu horizonte. O exercício foi orientado pelo Mestre Aprendiz Terardo, próximo da maior cascata do Templo. Terardo com o Livro dos Elementos entre as mãos fez-se ouvir:

“O Caminho da Redenção é uma taça vazia que quando usada nunca se enche. Parece não oferecer qualquer fundo e é a fonte de todas as oportunidades.

Ele suaviza as arestas, desata todos os nós, faz os astros brilharem menos, é capaz de reunir toda a poeira e ruído do mundo dos vivos.

É um abismo escondido, mas sempre presente no mundo dos homens distantes.

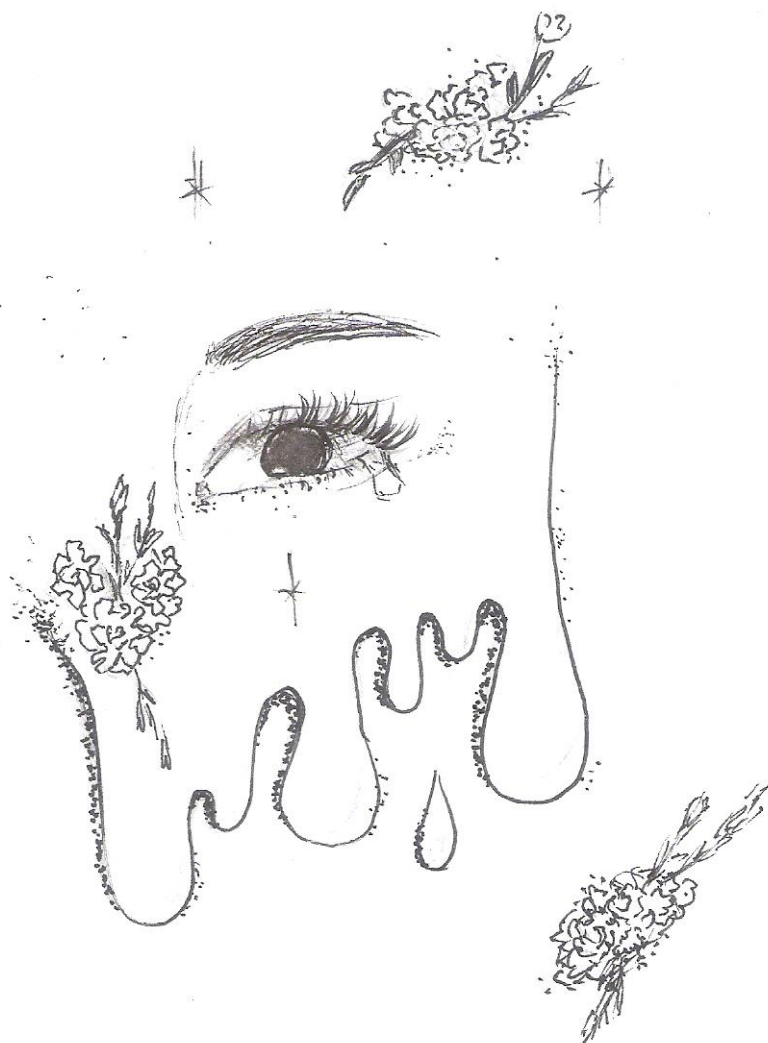
Não tem mãe, pai nem filhos. Nasceu antes de todos os deuses...”

Conforme as palavras emergiam deixei-me perder no meu próprio tormento, na minha própria alegria, na minha própria confusão e recordava a primeira de todas lições: “Traz sempre a sabedoria do último passo...”

No fim do exercício partilhava com Terardo a minha visão. Contra as minhas previsões questionou-me: “- Imagina que o último passo nunca existiu, onde estaria a tua sabedoria?” Paralisado, devolvi-lhe a pergunta. Este respondeu: “- ***Imagina a tua vida sem origens, não há progenitores, memórias ou ansiedades passadas. Só te resta o vazio. Podes nunca encontrar a sabedoria do teu último passo mas***



*verás que tens sempre o caminho para fazer. Se trazer a sabedoria do último passo é essencial, fazer o caminho difícil da etapa seguinte é a única certeza que algum dia terás....”*



## A LEI DO EQUILÍBRIO CELESTE (PARTE II)

Depois de no dia anterior ter estado com Terardo, hoje era dia de escalar o Monte Sheng, o ponto mais alto e inacessível de Atros. Para lá chegar teríamos de ultrapassar os Pântanos de Manang e subir as vertiginosas escarpas de Montay. O nosso objetivo passava por conhecer o Templo do Ninho da Grande Águia Sagrada. Reza a lenda que mal-entendida pelos homens, face à sua enorme e inexplicável figura, a Grande Águia Sagrada fugiu para o Monte Sheng e construiu aí o seu ninho.

Todos os anos vários Mestres Aprendizes fazem-se conduzir ao velho templo e partilham histórias. O templo é uma espécie de entreposto onde se cruzam Mestres de todas as descendências e proveniências em busca de uma partilha de saber que os complemente ou permita responder a velhas perguntas que perturbam as suas mentes inquietas. Outros, como eu, procuram o templo só para aprender, mas como sempre, tento esvaziar o copo pois nunca se sabe o que pode acontecer.

Primeiro deixem-me fascinar pelos incríveis precipícios do Monte Sheng que se entendiam desde a muralha oeste até à muralha norte. Pensei para mim mesmo como os havia subido. Depois desloquei-me para a ala sul e juntei-me a outros mestres que silenciosamente ouviam Mestre Zulu. Este partilhava parte da sua doutrina:

“Valerá a pena encher a taça até transbordar? É mais prudente que te detenhas antes. Não afies demasiado a tua espada ou ela acabará por se inutilizar cedo demais. Se te vangloriares de honras e riquezas, atrairás sobre o que és o infortúnio. Não te preocupes em armazenares todo o ouro que poderes porque nunca serás capaz de o defender. Retira-te quando sentires que o teu trabalho acabou. Esta é a Lei do Equilíbrio Celeste.”

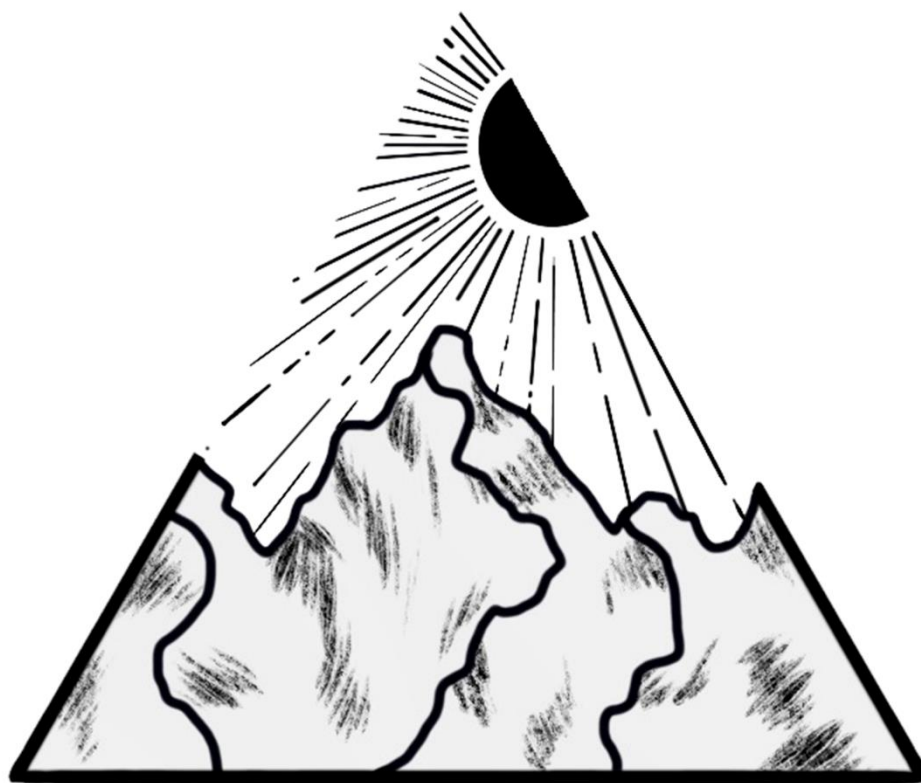
Presteí muita atenção a estas palavras e no fim questioneí *Zulu*: “- Mestre, se me permites a pergunta. Quando é que percebemos que o copo estás prestes a transbordar, que a espada está demasiado afiada ou que é tempo de retirada porque a nossa demanda está cumprida? Acredito que cada um obedece e faz-se valer num tempo completamente diferente do outro. “

“- Meu novo amigo. Lembra-te que os grandes conflitos, os grandes desastres e os fundamentalismos são todos eles fruto de uma suposta ausência de limites. Por outras palavras, o que era já não chegava, o que a todos servia para alguns era sinal de apatia e fraqueza. O homem a determinada altura esqueceu-se de uma lição básica.





Há sempre um momento para parar, pausar e pensar para poder voltar a decidir. Tanto quem decide como quem cumpre o decidido tem de parar para perceber o que está a decidir ou a cumprir. ***Quantos conflitos, imbecilidades e extremismos vazios teriam sido evitados pelo simples ato de parar, pausar e pensar para poder voltar a decidir? Este ato, meu novo amigo, é a Lei do Equilíbrio Celeste.***





### O DESAFIO DA MISERICÓRDIA (PARTE III)

Há desafios difíceis de entender, julgar ou mesmo aceitar, um deles é o exercício da Misericórdia. Hoje, pela manhã, fizemos a Vereda do Pico Vermelho, bem no coração de Atros. O desafio era simples. Rever *Altri*, Velho Sábio Ermita do Pico Vermelho que nos iria testar novamente perante o dito exercício.

*Altri* gostava pouco de visitas. Para conseguir a sua atenção manda a tradição que lhe levássemos o melhor Hidromel, a sua bebida de eleição. Assim foi, vereda acima com 10 litros de Hidromel às costas. Chegados aos seus humildes aposentos, uma pequena cabana perto do topo do Pico Vermelho, ajoelhamo-nos em reverência e respeito pelo velho sábio ermita e oferecemos-lhe o Hidromel.

*Altri* mandou-nos levantar, convidou-nos a entrar e partilhou connosco parte do Hidromel que lhe havíamos levado. Sem demoras questionou-nos: “- Kondor, não te via há quase dez épocas anuais. Se te ponho de novo o olhar que ainda me persiste é porque me procuras em busca do que achas que esqueceste.”

“- Velho Sábio, assim o é. Vinha humildemente pedir-te que me permitisses realizar novamente o Exercício da Misericórdia. Nos dias que correm preciso de me relembrar, de voltar a fazer o coração sentir que aqueles que me odeiam, que me fazem guerra, de quem desconfio também precisam que lhes estenda a mão.” – Repliquei à sua insinuação.

Sem grandes rodeios, *Altri* levou-nos para a ravina do Pico Vermelho onde o abismo se fazia mais sentir. Atou uma velha e longa corda a uma estrutura de madeira e em seguida atou essa mesma corda aos meus pés. Sem me dar tempo para pensar indagou as seguintes palavras:

“- Para voltares a entender o conceito de Misericórdia tens de voltar ao último momento em que ela fez realmente sentido no teu coração.”

Depois destas palavras e sem que eu o pudesse questionar lançou-me ravina abaixo. Passou um, dois, três segundos... e a partir daí entrei num êxtase de eternidade. Como que paralisei enquanto caía. Senti a terra, o ar, a água e o fogo a fundirem-se à minha volta e da sua simbiose vi uma cara familiar que já não via há muito tempo. Era *Lyntis*, a Cavaleira Lince. Esta havia partido da Ordem dos Cavaleiros do Poder e da memória dos seus amigos em desespero, letargia e contaminada contra um universo que pensávamos nós, lhe queria bem.



Quando a tentei questionar, voltei a realidade, e num momento de habilidade deixei que os meus braços amortecerem o impacto na rocha, lancei-me à parte superior da corda e escalei através da força de braços pela ravina acima. No topo *Altri* aguardava-me. Questionou-me: “-Encontras-te o que procuravas?”

“- Não sei bem *Altri*. Estou um pouco perdido. Revi *Lyntis*, alguém que já não via há muito tempo.” – respondi.



***- A Misericórdia está na compaixão de estar disponível para o outro mesmo correndo o risco de ser rejeitado. A Misericórdia está no ato de perdoar quem não merece e não procurou ser perdoado. Quem te apareceu foi o teu coração a revelar por quem realmente revelaste Misericórdia sem nunca pensares nisso. Muitas vezes termos compaixão, sabermos perdoar, sermos misericordiosos acontece no nosso silêncio sem que quem teve essa bênção alguma vez o venha a saber. Vai meu amigo, o teu coração continua no sítio....***



## O COVIL DO LEVIATÃ (PARTE IV)

Mais um dia em Atros, mais um dia para nos expormos perante a superação que constantemente voltamos a por à prova. Hoje estou particularmente emotivo, irei rever Mestre *Albi*, Mestre Aprendiz com um poder muito raro, o poder do “Anima”, a capacidade de “dar alma”, de contaminar de forma curativa e multiplicadora os sentimentos e potencial do próximo.

Mas esta história fica para amanhã. Hoje era dia de viajar até ao Covil do Leviatã, Dragão Mítico do Tempo Antigo que se esconde, segundo as lendas, nos Bosques do Imperador. Para lá chegar tínhamos de atravessar os perdidos trilhos do Caminho Lendário do Imperador de Atros. O meu objetivo era rever a Mestre Leviatã, *Sofera*.

Colocámo-nos a caminho. Era um trilho avassalador, perdido entre cascatas, flora luxuriante e alguns animais para os quais não sei o nome. Conheci a Mestre Leviatã quando treinava com Mestre *Karin* e procurava descobrir o meu símbolo, o Dragão de Fogo. Nessa altura *Sofera* era ainda uma adolescente à procura de rumo. Mais tarde, *Sofera* haveria de se tornar minha Aprendiz.

Depois de quatro horas de caminhada lá avistámos o famoso Covil de que *Sofera* havia feito casa. *Sofera* recebeu-nos entusiasticamente e convidou-nos a pernoitar por ali. Apesar da alegria com que nos recebeu, senti nela um ar pesaroso.

Depois de um pequeno repasto e já com as estrelas como companheiras acendemos uma fogueira e deixamos a conversa fluir:

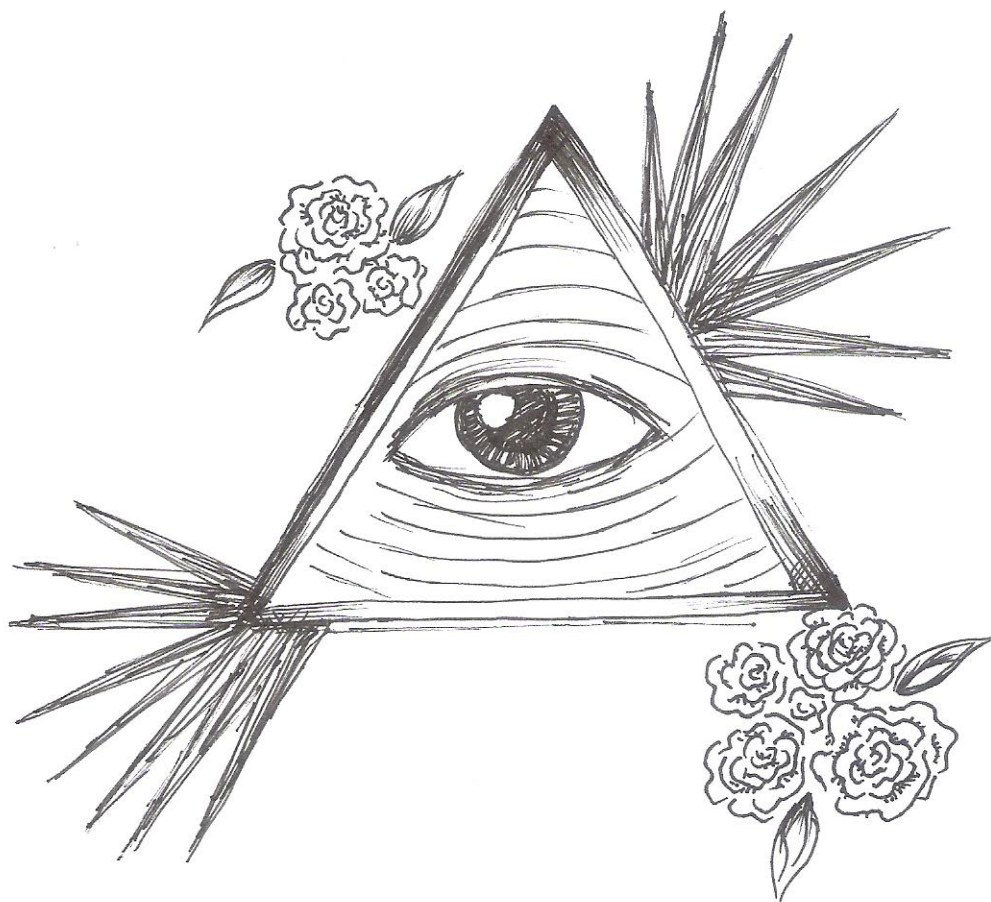
“- Sinto-te distante e ausente. Há algo que queiras partilhar?” – questionei-a preocupado.

“- Não te quero inquietar com os meus problemas, mas sinto o que já sabes que me paralisa mais. Estou mais uma vez num daqueles momentos em que questiono tudo o que faço, os motivos pelos quais persisto e as razões que me levam a fazer caminho. E o mais grave é que não sinto que esteja a ser injusta ou errada. Não percebo se é cegueira ou uma insatisfação disfarçada de falta de vontade de existir. É uma espécie de mecanismo de autodestruição só para ter um motivo para voltar a regenerar. É tudo tão contraditório e sem sentido...” - respondeu *Sofera*.

***“- És como o Covil que escolheste para viver, preferes que não te conheçam para que não te desvendem. És como o Leviatã, assumes várias formas para***



*nunca revelares a tua. No final do dia, nem tu sabes o que há para desvendar sobre ti ou a forma que pretendes assumir. Não tenho respostas para te dar minha Aprendiz, mas há dois tesouros que descobri há muito e gostaria de partilhar contigo. O tesouro da Amizade, traduzida nos companheiros de caminho que não permitem que nos percamos. E o tesouro da Sobriedade, traduzido no ato de perceber quando não podemos nem devemos ficar sozinhos e com toda a naturalidade pedir auxílio.”*



## O GUERREIRO CAVALHEIRO (PARTE V)

Este foi o dia mais intenso aqui em Atros. Tive a hipótese de rever Mestre *Albi*, conhecido por dominar o poder do “Anima”, a capacidade de “dar alma”, de contaminar de forma curativa e multiplicadora os sentimentos e potencial do próximo.

Em grupo, juntamente com *Sarah*, fomos levados a entrar numa aventura épica. *Albi* quis-me mostrar dois dos recantos mais bem guardados de Atros, a Lagoa dos 25 Ribeiros e a Cascata Monumental de Risbin.

Para além de fruir dos sítios o nosso objetivo passava por treinar as práticas da Alquimia Emocional, em que um Mestre Aprendiz conseguia através do entrelaçar de mãos passar a sua energia e saber puro para outro Mestre Aprendiz. Esta era uma arte muito antiga e permitia que um Mestre pudesse passar para outro um dos seus principais poderes. Só funcionava em sítios sagrados, pouco tocados pelo homem e onde Gaia, mãe de todos os seres vivos, dominava todos os elementos. A Lagoa dos 25 Ribeiros era um desses locais. Antes de tudo fomos visitar a Cascata de Risbin e deixamo-nos tolher por aquela visão incandescente. Paramos algumas horas e deixamo-nos meditar. De seguida, montanha abaixo, fomos até ao estreito que dava lugar à Lagoa dos 25 Ribeiros. Extremamente cansados, deitamo-nos nos rochedos. A Lagoa tinha uma energia muito especial e era banhada pelos 25 ribeiros de Atros, por isso o seu nome. A concentração de energia vital naquele sítio era enorme, sentia o meu Cosmos interior a brotar como se quisesse fugir de mim, era chegada a hora.

Mestre *Albi* levantou-se, estendeu as mãos, entretanto também eu me levantei e dei-lhe as mãos. Fechamos os olhos, deixamos que o som dos pequenos ribeiros que enchiam a Lagoa povoasse a nossa alma e foi então que sentimos o nosso Cosmos a emanar, traçando a nossa aura e fundindo-se num Cosmos uno. Naquele momento deixei que o meu poder se tornasse no poder de *Albi* e nesse momento senti o poder de *Albi* a tornar-se meu.

Ao fim de algumas horas e de forma muito suave terminamos. *Albi* nesse momento perguntou-me: “- Pensei que viesses atrás do poder do “Anima”. Em vez disso, no teu silêncio, deixaste emanar em ti o poder do Guerreiro Cavalheiro. Porque o fizeste?”



*“- Meu velho amigo, o teu “Anima” é só teu. Eu já tenho o meu. Cada Mestre terá o seu, ou nunca seria um ser multiplicador. Já o poder do Guerreiro Cavaleiro poucos o têm. Sabes estar Albi, tens a cortesia e pureza no ato de receber o outro. Tens o teu tempo e não deixas que a velocidade dos outros te contamine. És elegante no trato e sagaz na abordagem que dás aos que parecem complicar o mundo. Ser cavaleiro é um poder que poucos sabem usar só porque vivem demasiado depressa as regras dos outros.”*



## O NÍVEL SEGUINTE DO NOSSO COSMOS... (PARTE VI)

O Cosmos Interior é o universo uno interior que condensa todos os nossos poderes intuitivos, instintivos e deliberados pela nossa mente. Em situação de pressão ou necessidade o Mestre Aprendiz evoca o seu Cosmos Interior no sentido de desencadear um determinado poder.

Na maior parte das vezes quando evocamos um dos nossos poderes este é deliberado. Em consciência decidimos que naquele momento aquele poder é decisivo para a prova, exercício ou situação de pressão que estamos a enfrentar. Outras vezes, perante o infortúnio, o nosso Cosmos Interior ganha vontade própria, permitindo por vezes que nos elevemos ao nível seguinte, perante um poder que nunca tínhamos experimentado.

Era o meu último dia em Atros. Antes de regressar a casa estava perante um último desafio. Escalar o Estreito da Caldeira do Peregrino até ao Poço do Peregrino, a Lagoa mais profunda de Atros, alimentada pela Cascata da Caldeira do Peregrino, uma queda de água de mais de 300 metros. Para além de chegar até à visão incomparável do portentoso monumento natural queria experimentar os meus sentidos mais primitivos.

Para além da grande distância, parte significativa da subida era feita entre grutas sem qualquer tipo de luz e uma bruma densa que nos retirava qualquer tipo de visão possível. Perante tais dificuldades só podia fazer uso dos meus sentidos primitivos e intuição. Para complicar a subida decidi levar *Sarah* comigo. Apesar de menos experiente, *Sarah* não quis ficar de fora.

As primeiras duas horas de subida foram aceitáveis. Conseguimos a algum custo emergir perante uma dezena de cavidades sem qualquer tipo de luz, sempre em constante subida. Mas a parte difícil havia chegado. Estávamos perante a Fenda da Bruma do Peregrino. A partir daqui só tínhamos a nossa intuição e sentido de oportunidade. Passo a passo, braço ante braço lá íamos fazendo caminho. Até que coloquei o meu pé esquerdo sob uma superfície mais mole que as que tinha pisado até então. Pressionei para conseguir manter o ritmo de escalada e nessa altura um incontável número de espigões pontiagudos perfuraram o meu calçado e trespassaram a palma do meu pé. Paralisei, a dor era insuportável. Não podia parar ali, ou descia, ou continuava a todo o custo. Perante uma dor sussurrada *Sarah* questionou-me se estava tudo bem, mas nessa altura deixei de ouvir. Desliguei os





sentidos primários. Já não cheirava, não sentia o paladar e não ouvia. De olhos fechados um imenso azul invadiu o meu horizonte desenhando uma espécie de escada labiríntica. Não contive o meu Cosmos, deixei que ele falasse e como por magia fiz todo o Estreito a uma velocidade incrível.

Chegamos ao topo e lá estava o Poço do Peregrino em toda a sua imensidão e monumentalidade. Deixei que Sarah visse o meu pé e lhe aplicasse um curativo temporário. Questionou-me como havia feito a subida com aquele ferimento, mas não lhe sabia responder. Por outro lado, também eu estava surpreendido porque tinha sido Sarah, a menos experiente, a fazer a subida sem percalços suicidas.

Neste momento percebi que ambos tínhamos elevado o nosso Cosmos Interior. Não existe uma medida ou método definido para chegar ao nível seguinte. Chegares à próxima etapa nunca terá haver com a quantidade de treino a que te submetes ou a velocidade com que praticas o poder que pretendes dominar. O próximo nível está na vontade, resiliência e disciplina como te dedicas ao objetivo que pretendes alcançar.

***Como um dia aprendi, aqui relembro: Queres chegar ao próximo nível? Procura a vontade que te faz querer multiplicar, alimenta a resiliência que te faz perceber que és parte de uma causa e junta a isso a disciplina do treino porque vais precisar de tempo... e esse não tem definição.***





## O DIA EM QUE DESCOBRI O "SAABER"

Um dia em *Ethernia* como tantos outros, após uma enorme jornada de treino, haveria de mudar a minha vida para sempre. Aprendemos quando escolhemos ser Mestres que existem os dias em que tudo muda e alguns dias em que escolhemos que tudo mudará. Foi neste dia que conheci o Saaber Interior, o todo que somos nos outros.

Eu sei que é difícil entender, mas foi neste momento que me perguntei qual era o meu Saaber, onde é que ele se entranhava. Foi aí que percebi que era na missão

Depois de ter estado em Atros e por entre as divagações a que me permitia junto dos meus Aprendizes, isolei-me nas Montanhas de *Geray* e redigi o legado que me traçará os dias de Mestre no sempre que ainda me restava. Foi aí que emergiu a razão de ser do meu Saaber, da minha missão. Estas são as palavras que traçariam o código de conduta do meu Saaber:

- Preserva a humildade, aceita o teu caminho e o do outro na dimensão da liberdade que construístes;
- Faz da resiliência a tua armadura, não permitas que o acaso, a sombra e a desdita te vençam;
- Faz prevalecer a tua disciplina emocional quando o coração da incerteza te bater à porta;
- És líder, não te escondas, não subas demais, assume-te;
- És o protagonista da caminhada do agora, do antes, do amanhã e na certeza de que isto nunca foi sobre ti, foi sempre sobre os outros no estar e no ser;
- Faz da introspeção o treino constante;
- Assume a relação com a natureza e os quatro elementos como horizonte que nasce todos os dias;
- Procurarás para sempre o amor, mesmo que não o encontres porque não queres perder o poder da tua magia;
- Nunca abandones a missão, nem na pausa em que te reconquistas para voltar a ela;
- Dá forma em cada palavra, em cada ato, em cada conquista ao Saaber interior, o teu todo de todos;



- Revela em cada suspiro, sorriso, golpe ou pausa o anima (“dar alma”) que aprendeste;
- Ensina e pratica a multiplicação numa corrente interminável que irá mudar o mundo;
- Quando te perderes volta a buscar a tua inspiração na energia vital que nunca te abandonou;
- Na negociação pratica e ensina o cálculo do essencial;
- Ensina ao outro a generosidade e autoridade de que o caminho nunca se faz a sós;
- Eleva o silêncio e faz dele casa;
- Entretanto para, sente o teu Cosmos e deixa a magia, serenidade e a alquimia façam o resto.



## DIÁRIOS DAS FLORES

### NO SILÊNCIO DO LIMBO...

Quando procuramos demais o silêncio ele acaba por fintar-nos e esconder-se bem nos confins da nossa alma, perdido nele mesmo. Este momento é o Limbo, casa perdida dos sentimentos descontinuados, baía secreta onde pernoitam os barcos fantasmas.

Nestes lapsos de tempo somos fantasmas de nós próprios, leituras nebulosas do que ficou por fazer, das histórias que ninguém ainda imagina ou se lembrou de contar.

Entretanto paramos para o repasto da alma bem a Ocidente da existência que conhecemos e é então.... que percebemos que estamos a ganhar tempo até ao Limbo seguinte. Mais cedo ou mais tarde o silêncio há de voltar e a nossa alma voltará a descansar sem fintas, sem truques, silenciosamente.

*Como é que está o teu Limbo?*



## NA PENUMBRA DA BRUMA...

A Bruma adensa-se e não deixa ver óbvio, o distante e o próprio vazio. Era suposto conseguir fazer o caminho em frente, curvar na altura certa e não me perder. Mas é em vão, acabarei por me perder na penumbra da Bruma.

Imaginem o caminho sem fim, emaranhado no nevoeiro infinito em que a única previsão possível é a certeza que nos vamos (e queremos...) perder. Talvez até me queira perder, talvez até queira a ausência de previsão possível só porque nunca nos chegamos realmente a encontrar.

A penumbra da Bruma é o canal que nos leva ao vale perdido que ousamos esconder de nós próprios, é a passagem que nos vai revelar um horizonte mais denso. Quando nos perdemos na Bruma conhecemos a alegria de não sermos donos de nós próprios, percebemos o quanto somos felizes só por termos a oportunidade do dia seguinte.

***Por estes dias onde fica a tua Bruma? Já percebeste a oportunidade que está no dia seguinte?***

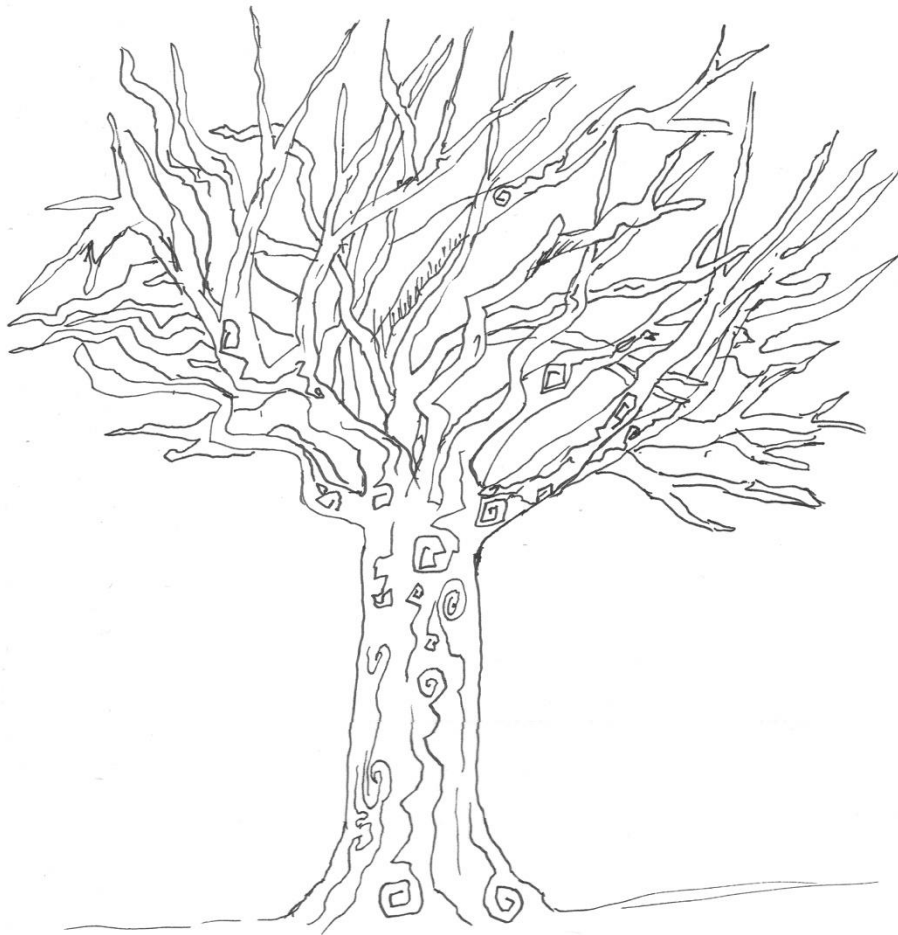


## O JARDIM DOS ETERNOS

Reza a lenda que os eleitos encontrarão a paz no Jardim dos Eternos. É um espaço de ficção, desalinhado da realidade em que todos os que dormem o sono dos justos conseguem sonhar. Foi num desses sonhos de realidade que me deixei perder nas entranhas do Jardim, bem no seu epicentro, nas Cascatas da Luz Eterna.

A caminhada para lá chegar é sinuosa. Somos obrigados a entranhar-nos na floresta através de um túnel escavado por entre árvores que mal deixam ver o Sol num imponente caminho mágico esculpido pelo homem e natureza numa sinergia perfeita.

Chegados às Cascatas, o silêncio apodera-se de nós, o olhar fixasse no horizonte e o sonho tornasse realidade. Neste momento a realidade e o sonho fundem-se, percebemos que já não queremos acordar, percebemos que já não precisamos de acordar. Foi nesta altura que me perguntei: ***Quando é que foi a última vez que não quis acordar?...***



## O PODER DO VORTEX MILENAR

Por estes dias fiquei-me pelas ilhas do Vórtex de Milénia, as mais longínquas do mítico arquipélago. São duas ilhas com muito poucos habitantes onde tive a oportunidade de experienciar velhas lições do passado: o silêncio do Limbo; o poder da penumbra da Bruma; e voltar ao sonho do Jardim dos Eternos.

Hoje era o dia de experimentar o verdadeiro poder das Ilhas, o Vórtex de Milénia, um portal entre mundos onde és, depois de passá-lo, obrigado a interagir com as tuas verdadeiras intenções, emoções e angústias há muito esquecidas. Quando entramos no Vórtex mergulhamos numa cascata sem fundo. Não sentimos o frio, o calor, só vivemos o momento.

Era a minha hora. Deixei-me ir pela torrente, lentamente fundi-me com ela, adormeci na sua intensidade e fixei-me nas memórias de energia que de forma explosiva brotavam como pequenos vulcões a espezinhar a minha mente. Naquele momento de guerra e paz simultânea, por cada abismo que fazia persistir, os guerreiros que habitavam a minha consciência ressuscitavam velhas montanhas três vezes maiores do que o abismo de que tentava escapar. Foi aí, que mesmo à minha frente, reencontrei o poder do Discernimento e voltei à tona.

À minha espera tinha dois amigos de caminho, os aprendizes *Yoannes* e *Fetis*. Ajudaram-me a voltar a mim e questionaram-me o que havia experimentado. Fiquei em silêncio e devolvi a pergunta em forma de desafio: ***É a vossa hora de entrar no Vórtex. De que estão à espera?***



## VII - A HISTÓRIA DE UM GRUPO

---

*Por Catarina Afonso Santos*

### **ERA UMA VEZ...**

Em cada história existe um protagonista. Ou melhor todos somos como que os protagonistas da nossa própria história. Mas se pensarmos bem, não existem protagonistas sem personagens secundárias. Hoje estou aqui para vos falar de uma personagem secundária que conheço. Arrisco-me a dizer que ela é personagem secundária em milhares de histórias. E a minha não é exceção.

Bem, mas e se agora te disser que essa personagem secundária de que falo é um Herói! Provavelmente até te vais rir das minhas palavras porque acreditas que uma “simples personagem secundária” nunca em momento algum, poderá ser vista como um Herói. Mas lamento informar-te que se pensas dessa forma estás profundamente iludido. Sim, porque protagonistas existem muitos, aliás como já te disse há pouco todos nós somos de certa forma, protagonistas da nossa “história”, mas se pensares bem nem todos conseguimos ser verdadeiramente personagens secundárias nas histórias dos outros. Na maioria das vezes, o que fazemos é simplesmente ser os denominados “figurantes” na realidade que não é exatamente a nossa. E sabes porquê!? Porque ter a coragem de se atrever a ser personagem secundária é bem mais difícil do que ficar no conforto do que gosto de chamar “acompanhar sem intervir”.

Neste momento, talvez tudo o que acabei de te dizer possa parecer ridículo, mas sabes, normalmente o ridículo é apenas o intrigante, o que não tem compreensão fácil e imediata, é também o que na maioria das vezes dá origem a uma grande aprendizagem e é isso que eu gostava que talvez conseguisses reter no final desta história.

Sempre gostei da palavra herói porque transporta sempre os meus sinais mentais para algo fantasioso, grandioso e improvável. Segundo o conceito presente no dicionário, Herói, é o termo atribuído ao ser humano que executa ações excepcionais, com coragem e com o intuito de solucionar situações críticas ou perigosas, tendo como base, princípios tanto morais como éticos.” Na minha opinião,



esta palavra poderia ser perfeitamente aplicada a certas pessoas presentes na nossa “vida real”. Não achas!?

Desta forma não considero justo que os mesmos só aparentem existir nos filmes e nos livros, e por isso e visto que desejo homenagear de certa forma a pessoa a quem dedico este texto, vou apelidá-lo um verdadeiro Herói, porque acreditem que ele é mesmo um.

Como em todas histórias começo por “Era uma vez”.

Era uma vez numa realidade simbólica, um herói que se gostava de ocupar a descobrir as capacidades que na maioria das vezes estavam completamente ocultas dentro daqueles que o rodeavam. Depois de os ajudar a revelar os seus poderes, os seus aprendizes também eram ensinados a saber multiplicá-los e assim como que num efeito borboleta a força que se encontrava dentro desse mundo de simbologia era despoletada contra o campo de forças opostas, a que eles chamavam “zona de conforto ou disfarçada”.

E foi assim, dentro desse hemisfério que se distinguiu pela diferença no meio de um universo de uniformidade prática, que nasceu um clã a que chamavam “Liberdade”. Liberdade era assim um grupo de pessoas do qual faço parte e que se uniam perante uma causa comum, orientada pelo Herói.

Juntos travavam batalhas contra outros, mas acima de tudo, contra eles mesmos. Todos eles, tinham à sua frente adversários inesperadamente diferentes...

## SOPH

*Soph*, a primeira aprendiz de que vos venho falar era uma jovem aparentemente pequena que inicialmente acreditava que o seu potencial era proporcional ao seu tamanho e por isso não se preocupava em expandi-lo para além das suas próprias barreiras, disfarçava tudo o que era, utilizando como que a carapaça de um certo misticismo e irreverência que poucos tinham a coragem de questionar. Mas foi assim, que num dia quente de verão enquanto que todo o clã acompanhado pelo Herói *Harius* subia uma encosta no cimo de uma montanha, que todo o potencial de *Soph* foi revelado. *Harius* já conhecia *Soph* há tempo suficiente para compreender que a carapaça que a mesma tinha colocado em si não a iria permitir chegar ao cimo ou pelo menos não á velocidade que a mesma gostaria. É assim, que *Harius* decide





pegar em *Soph*, como quem pega num pássaro que nunca antes voou e arrancou-lhe com toda a força a carapaça até que os destroços da mesma escorrem partidos pela encosta abaixo, desaparecendo, perante os reluzentes olhos de *Soph*. Quando a mesma volta a colocar os pés no chão sente-se agora mais livre do que alguma vez se sentiu e o mundo que até agora lhe parecia turvo torna-se claro. E assim corre, corre, corre porque quer ver euforicamente o que os seus olhos nunca antes tiveram a oportunidade de perceberem.

### TRICE

O enredo que te conto a seguir tem como interveniente *Trice*, a aprendiz mais efusiva de todo o grupo. As suas emoções fluem no ar como os seus cabelos fortes e encaracolados que fazem um paralelismo com a sua personalidade. Uma alma aparentemente e totalmente feliz que tem o hábito de encaracolar não só os seus cabelos, mas também os sentimentos mais negativos acreditando que os mesmos desaparecem por completo dessa forma. E o que *Harius* lhe tenta demonstrar constantemente é que não devemos tentar abafar as nossas emoções, mas sim lidar com elas. Porque medos todos temos e o que nos distingue é a nossa capacidade de resiliência para tentar controlá-los.

### DORYANA

*Doryana* é a aprendiz mais velha de *Harius* e por isso é também a que melhor conhece a causa a que pertencemos. Com ela sei que o nosso herói já vivenciou inúmeras aventuras. Uma verdadeira força da natureza, é a melhor pessoa que conheço que multiplica tudo o que um dia aprendeu com ele. Juntos são o exemplo vivo de que as amizades não escolhem idades, origens, nem contextos e transcendem a nossa compreensão imediata.

Juntos são a prova irrefutável de que até os heróis criam laços inexplicáveis e que por mais perspicácia que possamos ter o que sentimos em relação aos outros transcende, muitas das vezes, as barreiras daquilo que conseguimos controlar. E isso também acaba por ser algo que todos devíamos compreender...



## AVE

Sempre considereei que todos os seres humanos são de certa forma masoquistas, talvez isto até te possa parecer uma piada mas se parares por um momento que seja e refletires, atrevo-me a dizer que aposto que vais chegar á mesma conclusão que eu, e também vais achar quase ridículo o quanto nos limitamos a ser nós próprios.

Passamos grande parte da nossa vida a achar que todos temos de nos encaixar em algum lado, que todos temos de seguir um modelo que um dia alguém inventou e disse que nos faria felizes ou pelo menos que seria o mais prático, o mais útil, o mais conveniente a ser feito. E assim, como escravos da mente dos outros, tentamos a todo o custo enterrar a nossa essência num caixão submerso nos nossos mais longínquos confins. Somos assim capazes de vender a troco de uma mera aprovação, exatamente aquilo que nos é mais primordial! Tornámo-nos completos demónios que sugamos a nossa própria alma. E, no entanto, continuamos a sorrir perante a hipocrisia que vemos nos olhos dos outros e nos nossos porque até já nem nos nossos próprios olhos podemos confiar.

Assim era como se sentia *Ave*, a aprendiz mais enigmática de todo o grupo. Desde que se conhecia como pessoa, se tinha apercebido que todo o seu potencial estava a ser ignorado, que não queria ser exatamente aquilo em que se estava a tornar. *Harius* apareceu na sua vida talvez por mera coincidência ou se calhar porque já se tornou um hábito para ele encontrar almas perdidas.

Com ele, e apesar da ainda tenra relação que constituem conseguiu compreender que a essência é algo que nos torna absolutamente únicos e distintos de qualquer outra criatura e que por isso não devemos ter medo de a conhecer e deixar que seja conhecida. Porque antes da verdade das coisas tem de vir a verdade de quem as observa.

## DANYA

Qual será a diferença de entre todas e para todas as pessoas da nossa vida? Porque é que algumas parecem ser de certa forma mais especiais do que outras? Gostava de ter uma resposta clara e direta para te dar, mas lamento informar-te que as variáveis são completamente infinitas. Na maioria das vezes até nunca chegamos a compreender realmente porque gostamos de quem gostamos, sabemos na nossa



consciência pura que não é devido á cor dos olhos, á estatura ou ao estilo de música que alguém ouve. Ao princípio estes aspetos até podem atrair ainda mais a nossa curiosidade para a mesma, mas no fundo sabemos que isso acaba por não ter relevância. Acredito que somos cativados e cativamos os outros através de momentos característicos que até então nunca tivemos a oportunidade de vivenciar daquela forma ou que nos trazem uma felicidade genuína. Seja este momento então, uma simples conversa ou uma enorme aventura pelo mundo. Mas se a pessoa nos acrescentar alguma coisa, se já criamos História com ela então na maioria das vezes fazemos para que ela fique na nossa vida o mais tempo possível. E depois temos automaticamente duas opções á vista ou escolhemos alimentarmo-nos de uma eterna nostalgia de momentos anteriores e rendemo-nos á monótona rotina ou preocupámo-nos em criar novos momentos igualmente especiais onde consecutivamente almas aparentemente distintas se vão interligando.

*Danya* uma das aprendizes do clã adora colecionar momentos e desta forma. Colecionar pessoas que marcam todos os dias a sua vida. Certo dia, *Harius* decidiu dar-lhe assim um ensinamento e mostrar-lhe que não são só os momentos bons que nos devem marcar e que mesmo os negativos devem ficar na nossa memória como sinal de aprendizagem. Numa noite ao luar, *Harius* demonstrou-lhe que até as pessoas que nos trazem coisas menos boas devem ficar na nossa vida, não para nos magoar, mas para nos mostrar que tal como a Lua, a vida é feita de fases e o segredo está na forma como reagimos a cada uma delas.

## MAIA

Liberdade, não sei se te recordas mas à pouco referi que é o nome do nosso grupo, mas Liberdade é muito mais do que isso, é uma palavra constituída por nove letras que me relembra, que neste exato momento, neste exato segundo em que me sento a escrever que tenho a total escolha para contar esta história até onde a minha vontade desejar. Mas sabes, tal e qual como temos liberdade para a maior parte das nossas escolhas, a família ao contrário dos amigos é algo que nunca vamos conseguir optar. Talvez até os pais escolham de certa forma mais os seus filhos e no que querem que eles se tornem do que a realidade inversa.



*Maia* era assim uma jovem que revoltada, tentava moldar-se à sua família numa busca incessante de se sentir em casa todos os dias que pisava o chão do seu quarto e observava as suas paredes brancas. Mas a verdade é que isso não acontecia e certo dia, ou como em muitos dias, a incompreensão da sua família parecia sufocá-la, impedindo-a de respirar.

Era assim um fim de tarde de verão enquanto *Maia* passeava junto ao rio e ansiava que a brisa levasse não só as folhas das árvores que a rodeavam como todas aquelas palavras que gritavam dentro da sua cabeça. Mas é exatamente naqueles instantes em que *Maia* passeava perturbada tentando esquecer todas aquelas imagens mentais, toda aquela sensação que a impedia de ver o carinho que na verdade os pais nutrem por ela que *Harius* apareceu junto dela. Mas ela estava tão cega porque a raiva não dá permissão à lucidez de se instalar que nem os seus meios de visão perceberam a chegada do seu mestre.

Mas foi também nesse momento, que *Harius* lhe disse que família não significa necessariamente ter um pai ou uma mãe, significa apenas ter pessoas que sabemos que nunca nos vão deixar ou esquecer. E que talvez e na maioria das vezes independentemente de tudo, essas pessoas vão ser os nossos pais. E por isso devemos pensar bem antes de os descartar da nossa vida...

## MARTH

Durante toda a nossa vida somos ensinados que a dor é algo que devemos camuflar ou mesmo ignorar. Acreditamos que como seres humanos que somos numa sociedade de aparências, a felicidade é uma obrigação. Mas no fundo esse é o nosso maior erro. Nunca ninguém soube o que é sentir frio, se um dia nunca sentiu calor. Da mesma forma porque é que achamos que devemos estar felizes se não nos permitimos estar tristes por um único dia que seja, por uma única hora que seja... E é assim que me apercebo que às vezes ouvir a realidade dura ou feliz como ela pode ser, é o que nos fará verdadeiramente crescer. E foi exatamente isso que *Marth* aprendeu com *Harius*, que a dor e o sofrimento são necessários se queremos realmente uma felicidade genuína e não apenas momentânea.



## MATHILDA

Acredito que as palavras são das coisas mais poderosas que existem e por isso deveríamos ter a certeza do seu significado quando as atribuímos a algo. Ser sensível ou ter sensibilidade é visto constantemente como um sinal de fraqueza, no entanto eu nunca considere que assim o fosse. Ter sensibilidade significa na pureza da palavra ter empatia, ter atenção, ter uma enorme facilidade para perceber não só a própria “estrada” como a dos outros. *Mathilda* é uma rapariga que acreditava, convencida pelos ideais dos outros que ser sensível com as coisas era um defeito, mas graças a *Harius* a sua conceção a respeito de isto mesmo alterou-se e compreendeu assim, que ser “sensível” torna-te apenas mais “humano” e não mais fraco.

## RACHEL

E é assim que tal como aconteceu com *Rachel* e com todas as jovens que acabei de mencionar, a sua vida foi totalmente impactada por *Harius*, pois graças a este enorme multiplicador, tornaram-se quase que paradoxalmente naquilo que realmente sempre foram, mas que até então nunca tinha tido a coragem de revelar.

## TAIANA

E como em todas as histórias, existe um fim, e acho que escolho em total liberdade que este seja o fim desta. Assim como todos ansiamos conseguir tomar em Liberdade as nossas escolhas dentro daquilo que é a nossa própria “história”. No fundo, acho que o que todos desejamos é termos a total coragem para todos os dias rompermos os limites que nos impõem ou que nós próprios criamos e conseguirmos assim, sermos livres em nós próprios e sermos livres para os outros.

E tudo isto só pode ser concretizado porque ainda existem Heróis como é o caso de *Harius* que lutam para tornar possível o que ao início acreditávamos ser uma total Utopia. A obtenção da nossa liberdade.

P.S: Quanto a mim chamo-me *Taiana* e provavelmente se não fosse o *Harius*, e este clã a que pertença, nunca saberia que era capaz de narrar uma história, que era capaz de ser mais do que uma “figurante” na vida de alguém.



## VIII - DIÁRIOS DE ÀFRICA

---

### QUANDO PERMITES QUE A DIFERENÇA FAÇA A MAGIA

Ao longo das minhas duas décadas de vida, visitei diversos sítios em *Alcantis*, desde *Kraw*, *Sard*, *Cale* e *Marin*. Sítios estes que me levam a trazer uma mensagem ou aprendizagens, apesar do tempo que passou e que deixei ficar para trás.

Mas hoje, estou em *Narco*. Uma pequena cidade perdida por *Enya*, onde as pessoas são bastante simples e humildes.

As horas foram passando, os minutos e os segundos também. Vi sorrisos no rosto de centenas, vi pequenos acenos cada vez que passava alguém diferente do habitual. Encontrei o verdadeiro sacrifício tomado em liberdade, assisti a objetivos a serem realizados com segundas intenções, pois sobreviver é a única opção que têm. Consigo ver a pobreza de um simples lar aos meus olhos e nós seres completamente inúteis, achamos que é isso que torna o lugar mágico. Independentemente disto tudo, acolheram-nos, fizeram nos sentir em casa, sem olharem à cor. E nós fizemos de tudo para que a diferença não se notasse e o essencial estivesse presente. Entre planícies e montanhas vi a alquimia acontecer.

Assim, a simplicidade do outro está aqui presente em *Narco*. Onde as dificuldades são reais e o simples é a perfeição do lugar e das pessoas. É a magia que não esperávamos encontrar.

Na verdade, ***só encontras a simplicidade e a humildade quando deixas que o outro entre em ti e na tua vida e permitas que ele faça a diferença.***



## O ÚLTIMO PASSO ANTES DO COMPROMISSO

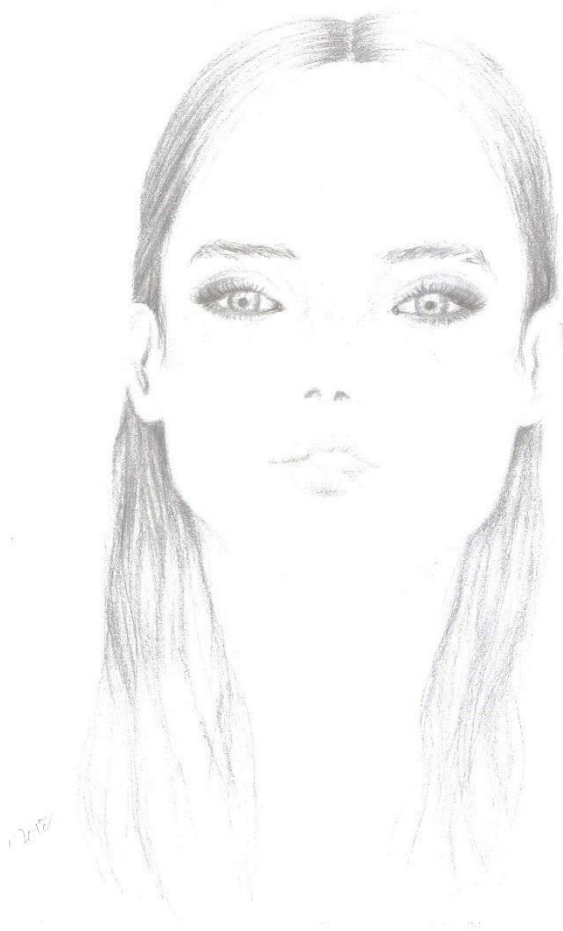
Ao longo do meu caminho da redenção fui passando por diversos desafios e não desafios. Fui mostrando quem realmente era e quem queria ser. Lutei, chorei, sorri e abracei. Fui crescendo e, desta maneira, evoluí os meus poderes e solidifiquei outros. Mas o inesperado, e talvez o que eu mais temia em todo o meu caminho da redenção, acabou por acontecer. Estou a falar do meu túmulo.

O túmulo aparece na fase ar (fase de descoberta dos nossos novos poderes). Onde descobrimos novos poderes e procuramos a aceitação do que é e não do que

desejamos que fosse. Em todos os túmulos que presenciei e fui acompanhando, nunca fui capaz de entender o que estava a sentir e a pensar. E agora, talvez possa partilhar aquilo que vi, senti e vivi do túmulo, da sua verdadeira essência e do seu significado. Pois, pode correr muito bem e continuares o caminho ou então podes decidir abandoná-lo. Neste preciso momento, penso que posso arriscar dizer que correu bem, na verdade, acredito ter acabado com um ciclo vicioso que tenho.

Bem, voltando ao que realmente senti, posso dizer que não é das melhores experiências que tens na tua vida, pois ficas despido e todos conseguem ver quem tu és,

mesmo que tentes esconder por detrás da máscara. A cegueira aparece entretanto. Não consegues ser capaz de separar situações e todo o treino que achas que tiveste desaparece, comesças a perder a noção do real e do que dizes. É uma sensação bastante estranha. Começas a perder toda a paixão e amor que tens por ti e passa tudo a ódio.



Eventualmente quando tiveres a mesma experiência é que talvez vás entender o que te digo. Mas na verdade isto não é o mais importante. ***O importante é entenderes que nem sempre tens de controlar tudo o que te rodeia. Para e pausa o ritmo do teu coração. Lembra-te de quem és. Um ser humano, finito e limitado que tem de ter a capacidade de pedir ajuda e de se respeitar.***

Com isto, tu és feito de tudo aquilo que te rodeia. Aceita-te com os teus defeitos e qualidades e deixa que o outro e o teu caminho da redenção te guiem. Assim, fecho mais um ciclo e um capítulo da minha jornada que talvez se poderá repetir no futuro, mas que para já está guardada só comigo e com quem me acompanhou.





## QUANDO TE VÊS AO ESPELHO PELA PRIMEIRA VEZ

Há dias em que tudo muda, há dias que valem por toda a nossa existência, há dias em que as melhores palavras do mundo ou os melhores olhares que trocamos com o outro passam a ser esquecidos por alguns minutos, há dias em que os deuses parecem tomar conta de tudo o que gira à tua volta. E hoje, foi esse dia. Talvez não estejas a perceber que momento foi esse, mas o que te posso dizer é que foi a primeira vez que realmente me vi ao espelho. Foi o dia em que me vi perdida na minha própria "savana", foi o dia em que vi o verdadeiro leão de água na sua plenitude e rodeado de magia.

Quando descobres o teu símbolo nunca sabes o que ele pode ser ou pode vir a tornar-se. Demorei algum tempo até entender o seu verdadeiro significado e a aceitar. Tive dúvidas e receios acerca dele, tive medo da sua simbologia. Até achei que o meu símbolo era outro, só por ter medo.

O momento do confronto entre mim e ele foi mágico. Nunca tinha imaginado como poderia ser. Nunca tinha sonhado com o momento. Simplesmente desejava que chegasse o dia. E quando chegou não tive reação. Paralisei, admirei e senti. Refleti como se tivesse a olhar para a coisa mais linda do mundo. Nunca irei esquecer aquele lugar e aquele momento. Onde pela primeira vez os nossos olhos se cruzaram e deixamos que a magia entrasse e fizesse o resto.

***Lembra-te, o teu símbolo é apenas o teu espelho. É a montanha que queres subir e ficar para coexistires.***

*Francisca Mendes*



## POR TERRAS INDÍGENAS

Começamos mais uma jornada, desta vez num caminho com o horizonte desconhecido. Para esta jornada, planeada por mestre *Drakon*, vieram *Lyon*, *Yber* e *Juno*. Desde que partimos da nossa terra natal, já percorremos muitas milhas. Neste momento encontrámo-nos em Masai Mara, terra de um povo indígena por nós ainda desconhecido.

Para mim, tudo isto está a abrir o horizonte que ainda era desconhecido, toda uma nova realidade até agora fora do alcance. Durante esta longa jornada, Ahmed será o nosso guia celestial nas terras indígenas. Este, fora apresentado por Harrison, patrulha local dos guias celestiais. Posso dizer que para já o caminho ainda se mantém como outrora fora planeado.

Hoje é o dia em que o horizonte se mostra para aqueles que tiveram a coragem de o percorrer, sendo que por vezes, existem momentos em que o horizonte não estará à vista e é aí que devemos continuar a caminhar até ao momento em que horizonte se volta a vislumbrar.



## O LEGADO

Encontrámo-nos neste momento por terras ancestrais de Amboseli. Desde que partimos de Masai Mara, passamos por Elementaita, Nakuru e Naivasha, três grandes lagos das terras indígenas. São inúmeras as espécies que avistamos, enquanto o Might percorria as estradas em terra batida, pisada pelos majestosos animais que aqui vivem.

De todos os animais sagrados que observámos nestes locais, os que mais me marcaram foram o rinoceronte branco e o hipopótamo, pela sua elegância. O caminhar suave e pausado do rinoceronte, acalmou-me a alma. E ter visto uma mãe hipopótamo a proteger a sua cria de nós seres humanos, foi algo único e majestoso.

Outras inúmeras espécies apareceram, principalmente aves e animais herbívoros que habitavam numa ilha do lago Nakuru. Com esta travessia de barco junto com *Juni*, *Lyon* e *Drakon*, tudo se fundiu, tornando estes pequenos momentos até aqui num momento grandioso que ainda não acabou.

Queridos companheiros, o Kilimanjaro por nós chama, por entre as nuvens. Que mais posso eu dizer, ***irei contemplar tudo isto para partilhar convosco, pois isto só vale a pena se for partilhado com os outros, com aqueles que gostámos e com aqueles que passam por nós durante o nosso percurso como aprendizes, mestres e guerreiros. Esta é a história de um legado sem fim à vista.***



## O CAMINHO PARA O TETO DE ÁFRICA

Estamos agora a algumas horas de voltarmos para a nossa terra natal. Enquanto reflito sobre esta nossa missão. Os meus amigos de caminho, *Drakon, Juni e Lyon* encontram-se em meditação profunda. Falo-vos do nosso último ponto de paragem: Amboseli.

Chegamos ao final do dia aos nossos aposentos, aproveitando para relaxar um pouco no miradouro de Sentrim, com vista para o Kilimanjaro, ainda coberto com um pouco de neve no seu topo. Para os que não sabem ou não conhecem, esta montanha tem três picos, sendo o mais alto a quase 5900 metros de altitude.

No dia seguinte voltamos a encontrar-nos com Ahmed que preparava o Might para a nossa última grande aventura por terras quenianas. Esta última aventura tinha o intuito de bater o terreno em busca de animais de grande sabedoria e com uma memória inigualável. Uns dizem que foi sorte, mas sorte ou não, conseguimos avistar algumas dezenas de elefantes concentrados numa zona de pasto verdejante e protegida dos predadores daquela savana.

A viagem continuou e revimos outras espécies que avistamos antes na nossa jornada. Por vezes, a vontade de sair do caminho principal era grande, mas não nos era permitido. Por vezes a vontade de nos desviarmos do nosso caminho assombrou-nos a alma, parecendo que esse é o melhor passo a ser tomado.

Conto-vos por experiência própria que esse não deve ser o passo a ser tomado. ***Por vezes quando nos desviamos do caminho principal, os predadores encontram-se para nos atacar sem a mesma piedade daqueles que sempre nos acompanharam.***

*Fábio Faria*



## ASSUMIR A PROVA

Hoje senti-me posta à prova. Sou adepta de novos desafios, de novas amizades, novos ambientes. Mas depois de chegar ao terreno, percebo que sou limitada e que o treino é fundamental no meu caminho.

Aquilo a que chamamos de Resiliência, de fácil adaptação é um processo de demora, quando na ponte está a junção de normas religiosas, culturas diferentes, a cor da pele, costumes, meio ambiente, o clima... Mas é possível!

Hoje preparo-me com o meu clã para deixar cair a barreira e a assumir igualdade e perseverança. Tudo isto porque quero sentir-me inserida, quero sentir-me bem e quero que o que me rodeia me transporte a minha casa e não a frustração de não ser escolhida, de não me quererem presente.

Hoje prometo deixar esse sentimento de mágoa para trás e deixar de alimentá-lo e focar-me no que é realmente essencial.



## SER EU

Há uns meses atrás, aceitei escalar a montanha mais alta de todas. Pedi auxílio à minha mestre. A minha mestre era quem conseguia ver todos os meus poderes até

aqueles que são invisíveis aos olhos dos todos.

Na subida do Kilimanjaro ela dizia: “- A lealdade e o compromisso são o que te definem, mas mais do que me deixares ver, deixa os outros. Aquilo que te distingue de todos os outros, tornasse mais importante quando partilhas as tuas vivências.”

Pela sombra fui subindo a montanha, mas sabia que não estava sozinha, olhei para trás e estava lá quem caminhava comigo. No meu silêncio durante a caminhada já com o pôr-do-sol e a avistar toda a flora, refletia

que o que me distingue e o que me torna única deve ser o início da minha jornada e do meu desenvolvimento e conhecimento da realidade com os outros.

***Eu, só consigo ser eu com os outros.***

*Juliana Silva*



## DIÁRIOS DO SERENGETI

### A ABUNDÂNCIA DUVIDOSA (PARTE I)

Por Abraão Costa

Por estes dias decidi viajar para fugir da dor de já nada ser suficiente. Treinei tanto, pratiquei tanto, refleti tanto que me perdi na minha própria destreza, no meu próprio círculo virtuoso de felicidade. Foi no meio desta guerra interior que parti para Terras do Serengeti na companhia de um velho amigo de jornada, o Mestre Guardador de Sonhos que dá pelo nome de *Mizegui Takasugui*. O Serengeti era uma das casas simbólicas do meu bom amigo, um espaço que procurava para retemperar energias e se encontrar a si mesmo.

Organizamos os mantimentos e partimos. Demoramos dois dias inteiros de *Ethérnia* a Serengeti. Ainda de dia, decidimos pernoitar por entre a sombra de uma majestosa acácia. *Mizegui* ensinou-me como as tribos locais faziam fogo e já de volta da fogueira, partilhei o meu estado de espírito e o porquê de o haver procurado:

“- Estou numa daquelas fases estúpidas em que parece que sou subjugado pela minha própria felicidade. O Cosmos foi tão generoso que deixei de ter forças para absorver toda a sua intensidade, verdade e alegria. Estou agradecido e lisonjeado com todas as bênçãos do céu, mas por outro lado perdido por entre a plenitude e o deserto em que pareço insistir em existir.”

Deixei por momentos que as lágrimas se apoderassem de mim e perdi-me na minha própria dor. Estava cravado de energia. Sentia-me culpado por não estar à altura do mundo, sentia-me culpado por estar a reclamar daquilo porque todos clamavam. Neste momento, *Mizegui* colocou-me a mão no ombro e partilhou:

“- Nobre amigo. O Cosmos é uma matemática metafísica, mas equilibrada. Nos momentos em que não estamos bem, outros como nós ocupam o espaço de felicidade que deixamos verter e quando eles voltam ao círculo vicioso da sua ausência, outros se levantarão para ocupar esse mesmo espaço de felicidade que parece ter ficado vazio.”

Nesta matemática inconcebível, vamos subindo degrau após degrau, ao ponto em que os espaços de felicidade começam a ser o infinito real e as pausas para o



abismo começam a escassear. Mas como são muito poucos os que conseguem subir esta escada, raramente encontras alguém doente na sua própria felicidade. Ainda mais raros são aqueles que não param de subir a escada e que a determinada altura saem da própria esfera do Cosmos. Nessa altura perdem todo e qualquer tipo de amparo. Inventam doenças novas de que ninguém ouviu falar. Deixam de perceber a sua própria felicidade. O mais grave é que não há cura. Não erraram, não transgrediram, não se anularam, apenas foram vencidos pela sua incapacidade de se perderem nos pequenos momentos de vida dos homens. Perdem a noção do pequeno e do grande. Escondem-se de si mesmos e sofrem de forma solene.

Percebia muito bem o que ele dizia. Então perguntei:

“- E este labirinto do absurdo tem um nome?”

“- Também o tento descobrir há décadas, mas não tenho certezas. Eu chamo-lhe a doença da Abundância Duvidosa.”

“- E como a resolveste?”

“- Procurei o meu silêncio, um amigo para falar e parei para voltar a encontrar o meu Cosmos.”

“- E a que resultado chegaste?”

“- *Que não devemos ter vergonha do dia em que o nosso silêncio, o amigo que escolhemos para falar ou a tentativa de encontrar novamente o nosso Cosmos não chegam. Nessa altura mantém o foco, acredita no amor que dás e recebes e por magia o teu Cosmos... voltará a reclamar a sua presença.*”





## PERCEBER A ORIGEM DO NOSSO TEMPO... (PARTE II)

Terceiro dia por Terras do Serengeti. Hoje estaríamos por Masai Mara, uma das grandes planícies de um paraíso que parece ter escapado aos homens. Quando procuramos a cura para o que somos, acreditamos que é no silêncio que mora a luz para as demandas da nossa escuridão. Masai Mara era esse recanto de silêncio que procurava.

Partimos. Seriam dois dias de deserto total. O objetivo era rever os grandes cinco: o elefante, o leão, o leopardo, o búfalo e o rinoceronte. Estes são os cinco animais sagrados do povo Masai, tribo que deu nome à enorme planície, integrada no grande Serengeti. Não precisamos de muito tempo para que a longitude, o horizonte e a calma de Masai Mara se apoderasse de nós.

Ao longe avistávamos os primeiros búfalos. Uma enorme manada caminhava de forma sumptuosa, aparentemente agressiva, mas era apenas a nossa incompreensão a enganar-nos. Continuamos caminho por entre centenas de gazelas, zebras, empalas e algumas girafas. À nossa frente uma enorme árvore parece ganhar vida. Os pássaros fogem dos galhos como se a escuridão se aproximasse. Três elefantes, dois enormes e um de pequeno porte emergem na nossa direção. Sentamo-nos de forma respeitosa em contemplação enquanto estes paravam para se alimentarem das pontas dos galhos da árvore mais frondosos. Por instantes, o mais imponente dos 3 olha-me nos olhos e confronta-me na minha alma. De forma ruidosa lembra-me “Deixa que o teu tempo te encontre...”. Foi um momento de êxtase e ao mesmo tempo de terror. Lembrei-me que me tinha esquecido da minha origem. Antes de acelerar o meu tempo, houve um tempo em que aprendi a ler o meu tempo, sem pressa no tempo, respeitando o tempo, dando o tempo ao tempo.

A minha viagem acabava de mudar. Levantamo-nos mais descontraídos e caminhamos sem direção. Paramos para lavar a cara num pequeno riacho. Quando nos viramos de forma receosa avistamos um grupo de oito leoas a observar-nos de forma impávida e serena. Mais à frente o Leão Alfa, o macho reinante do grupo não se importava com a nossa presença.

Percebemos naquele momento sem relógio que os próprios animais nem nos ameaçavam nem nos temiam. O nosso tempo era o mesmo. Não havia manhã, tarde ou noite, havia um espaço temporal comum onde ninguém tinha medo de se perder, onde ninguém se procurava encontrar, só estar.



Estava a ficar tarde, tínhamos de montar abrigo. Encontramos um enorme ébano com uma vasta copa que nos parecia ideal. Pernoitar acima do solo era o plano. Por um lado, era um sítio seguro, por outro lado era uma localização privilegiada para ver as estrelas.

Conversamos muito durante aquela noite até que, de repente, *Mizegui* parou de conversar, pediu-me silêncio e apontou para trás das minhas costas. Virei a cabeça e dei de caras com um leopardo a repousar num ébano oposto ao nosso a pouco menos de dez metros de nós. Não sabíamos há quanto tempo ele ali estava e como em todos os outros confrontos com animais que havíamos tido naquele dia, também ele se revelava confortável com a nossa presença.

***Aqueles dois dias passaram de forma rasante. Por entre gnus, avestruzes, magustos e outras incontáveis presenças acabamos por não conseguir ver o rinoceronte. Mas está tudo bem, ele acabará por aparecer.***

***O meu coração estava onde devia estar. A companhia era a necessária, a aventura tinha deixado de o ser. Sentia que o meu tempo me voltava a encontrar. Reaprendia vagarosamente a ser a origem do que podia ser. Foi tão bom, tão confortável, tão perfeito.*** Mas ainda faltava o rinoceronte e essa aventura... era já a seguir.



### HAKUNA MATATA (PARTE III)

Somos o resultado das somas e subtrações do que fazemos, dos alinhamentos mais fortes que conseguimos trilhar, das definições que absorvemos, dos conceitos absurdos que criamos. Nesta aventura sempre tive presente que uma destas somas, subtrações e conceitos estranhos poderia emergir sob a forma de desafio tempestuoso, testando o meu silêncio, a minha concórdia interior.

Era a noite do meu quinto dia. Ainda estávamos em Masai Mara. Enquanto dormia estive ao mesmo tempo acordado. Os sons dos animais pela noite dentro foram acompanhando a minha reflexão nas profundezas da minha alma decrépita. As horas pareciam não passar. Questionava mais uma vez porque era eu a ter a oportunidade de ali estar.

Os pássaros chamavam pelo nascer do sol, as hienas, bem ao longe, marcavam à distância o seu descanso lembrando que não queriam ser incomodadas. Levantei-me, abri a tenda, e por entre a copa das árvores vi o Astro Maior erguer-se. O embalo de uma suave brisa lembrou-me a bênção que estavam a ser estes dias, as pessoas que estava a conhecer, os sorrisos que estava a esboçar, o tempo que voltava a reconquistar. A minha mente viajou para o desperdício de tempo que dedicamos aos territórios desocupados pela alma, lembrou-me a perversão que anunciamos ao esquecermos o respeito pela abundância celestial que nos foi proporcionada. Queria poder partilhar aquele sentimento de equilíbrio, de intensidade benigna com os que havia esquecido em casa, mas percebi que assim também eu estava a desperdiçar. Não se tratava de egoísmo, tratava-se de viver aquele tempo e local sagrado. Eram, são tantos os sentimentos que me perdi a somá-los todos.

Por momentos fecho os olhos, detenho a minha ânsia, inspiro de forma voraz e agradeço aos deuses deste espaço venerado o facto de me receberem a mim e aos meus. Às vezes basta estar agradecido. Basta acolher o que de melhor a nossa alma proporciona aos outros. Às vezes basta “*Hakuna Matata*”.

***Por estas terras convidam-nos a acompanhar a vida com simplicidade, com tempo para saboreá-la, em acolhimento interior com os Mestres da Natureza, esquecendo, desintegrando o que nunca desejamos plantar. Este é o poder “Hakuna Matata”.***



## O DIA DO RINOCERONTE BRANCO (PARTE IV)

Era o nosso sexto dia por Terras do Serengeti. Íamos tentar pela terceira vez avistar o majestoso rinoceronte branco. Este gigante não conhece fronteiras e vagueia livremente por todo o Serengeti, tornando por vezes impossível a sua visualização.

Estávamos nos Vales de Nakuru, bem no coração do Serengeti. Aqui a floresta é muito mais densa, a vegetação mais luxuriante e a dificuldade de fazer caminho muito maior. Após horas de caminho nas margens do Lago Nakuru, lá estavam eles, um grupo de sete rinocerontes brancos. Foi um momento de êxtase mesclado com o sentido do dever cumprido. O desafio de avistar os grandes cinco estava concluído. Depois do búfalo, elefante, leão e leopardo, lá estava o gigante sagrado que faltava, o rinoceronte branco. Para o povo Masai, o rinoceronte branco era o animal que tinha a capacidade para viajar entre o mundo dos espíritos e dos vivos.

Mantivemos a distância e respeitamos o seu espaço. Sentamo-nos em observação e demo-nos ao dever da contemplação. Nestes dias deixei que os olhos de *Mizegui* fossem os meus olhos. Fiz uma escolha, perder-me no tempo de outros, na sua visão desorientada, nos labirintos do seu mapa de combate.

O Serengeti era a casa simbólica do meu amigo Mestre Guardador de Sonhos onde havia aprendido a arte da orientação, a ler os astros pela noite e a prever o comportamento das chuvas, dos ventos e das intempéries. Mais do que deixar-me ir, libertei-me de itinerários e permiti que a percepção de *Mizegui* orientasse a minha loucura.

Depois daquele dia mágico, como fazíamos todas as noites à volta da fogueira, partilhamos as emoções do dia. Nesta noite *Mizegui* recordava-me uma das principais lições que havia retido durante o seu treino no Serengeti:

“- No meu treino por aqui foram muitas as vezes que cai na tentação de achar que não havia mais nada para encontrar. Numa manhã quando treinava as artes do Arco e Flecha, partilhei este desabafo com um Mestre Masai. Fui reprimido de forma veemente. ***Contou-me que aqueles que só conhecem uma casa, que deram como certa uma morada, nunca perceberam realmente o mapa da sua própria existência. São estrangeiros dentro de si próprios. São incapazes de rever o seu próprio destino, corrigir uma rota, sair da sua própria tormenta. Ficaram presos num momento sem conseguirem ver o momento seguinte.***



***Como o grande rinoceronte branco, nunca pares de expandir as fronteiras do teu mapa. Para os homens de mente livre as fronteiras só lá estão para nos lembrar que temos de continuar a caminhar.”***





## A HORA DO KILIMANJARO (PARTE V)

Sétimo dia. Hoje era a hora do Kilimanjaro. A enorme montanha que dividia o Serengeti dos domínios de Amboseli, conhecida como a Terra Negra. O desafio era passar o lago Naivasha, avistar os seus inquietos hipopótamos e marabus para em seguida arriscarmos a subida até ao cume da Casa do Deus Negro, nome pelo qual era conhecido o Kilimanjaro entre as tribos locais.

Logo nos primeiros momentos do dia enchemos a canoa de mantimentos e navegamos pelas águas calmas do Naivasha rumo ao nosso objetivo. Na acalmia da viagem fomos presenteados pelo voo rasante dos marabus, tivemos dificuldade em passar despercebidos entre dezenas de hipopótamos e para nossa surpresa, fomos abençoados por um espetáculo único. Bem à nossa frente, um grupo de pelicanos buscavam alimento, num momento de voo picado de enorme elegância e intensidade.

A viagem continuou. A determinada altura encostamos a canoa e continuamos a pé. Ao fim de quase um dia de caminho e com o por do sol como pano de fundo, lá estava ele, a Casa do Deus Negro, o enorme Kilimanjaro com quase seis mil metros de altitude. À nossa frente avistamos um enorme ébano com alguns velhos troncos na sua base a encenar uma espécie de cadeirão dos deuses. Deixamo-nos encostar.

Foi por ali que montamos a tenda e preparamos a fogueira para a noite. Entretanto *Mizegui* sugeriu que parássemos para apreciar os últimos momentos de sol. Nessa altura perguntei-lhe:

“- Acreditas mesmo que ali habita o Deus Negro? Os Masai contaram-me que nas alturas de seca é a ele que recorrem para pedir a bênção das monções. Por sua vez, os Hakmed contaram-me histórias que o Deus Negro, sempre que convocado, castiga os humanos pelos seus pecados, pela sua ambição. O que achas destas lendas?” *Mizegui* ficou silencioso por uns segundos e respondeu com outra pergunta:

“- E tu meu amigo, em que Deus acreditas?”

Paralisei com aquela pergunta, mas não me detive:

***“- Acredito que a beleza, o amor, a esperança e a bondade foram imaginadas por alguém superior às nossas limitações. Não sei que nome lhe dar, só sei que nos encontraremos algures.”***

*Mizegui* pareceu surpreendido com a minha resposta. Sorriu, abraçou-me e em seguida desviou o olhar na direção da grande montanha:



“- Acredito que aquele de que falas está hoje aqui connosco.”

Foi um momento surreal. Na minha vida tive muito poucos momentos de certeza ou de quase ausência de dúvidas. Este era de forma retumbante um deles. Pela primeira vez tinha sentido num só abraço a beleza, o amor, a esperança e a bondade.



## O REGRESSO E O ENCONTRO COM OS ELEFANTES NEGROS... (PARTE VI)

Hoje imergimos nas planícies de Amboseli para descobrirmos os maiores mamíferos do universo conhecido, os monumentais elefantes negros. Em Amboseli habitavam as maiores manadas. Para além de ser raro avistá-las, os que conseguiam fazê-lo eram considerados “escolhidos para uma tarefa maior” pelas tribos nativas da região. Depois de horas de caminho paramos numa enorme floresta palmilhada de palmeiras e lá estavam eles, imponentes e às dezenas. Já me haviam contado histórias deste momento, mas estar no momento... prende-nos o coração, desorienta-nos, faz-nos curvar perante a alquimia de um momento perfeito. Naquele instante não há continuidade, há um estar eterno que te eleva à meditação e te faz só... estar. É um daqueles momentos que sabes que não voltarás a ter. Nesse momento não me contive. Alinhei o meu diário simbólico e dei forma a estas palavras que transcrevo:

“Quando fazemos planos sobre uma grande viagem para treino espiritual e meditativo queremos que tudo seja perfeito. Queremos ver os sítios, conhecer as pessoas, privar com os sábios e mestres de um tempo que não é nosso, meditar nos lugares impossíveis onde nunca esperas refletir e que, em nenhum momento, nada abale o teu silêncio. Com a experiência percebes que nunca será assim. A aventura acaba por perder-se nela própria e é o detalhe que não esperavas que te vai deslumbrar e a fissura mais invisível que te vai fazer cair. A realidade da grande jornada é aleatória e rotineira como os banais dias da tua labuta diária. Temos de estar atentos aos sinais, aos pequenos, mas sobretudo, condensar, absorver e viver os que sabemos que são os grandes. O encontro com a manada de elefantes negros foi um desses momentos raros. São muito poucas as famílias de elefantes negros livres. Ter podido preservar, viver esta bênção, faz-me lembrar o quanto eu lamento ter de voltar já a casa. Saber que não vou conseguir partilhar verdadeiramente a dimensão daquele momento deixa-me ansioso. Como descreveria o privilégio que vivi? Então prossigo a minha reflexão...

Quando está para morrer o grande elefante negro volta ao território de origem. Consegue percorrer milhares de quilómetros de volta ao exato sítio onde tudo começou mantendo vivo o vínculo sagrado às suas raízes, à sua história que permitiu que novas histórias surgissem. É assim que vejo este momento. ***Retorno não para ficar, mas para partilhar, dar, somar e redimensionar antes de partir outra vez.***





*A nossa jornada espiritual só faz sentido na partida e no caminho quando percebemos quando temos e regressar.”*

